



CONVERSANDO COM A CIDADE

**CARTOGRAFIAS NO
BAIRRO TURMALINA,
GOVERNADOR
VALADARES – MG:
TERRITÓRIOS VIVIDOS E
TERRITÓRIOS EDUCATIVOS**

Organizadoras:

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

Karla Nascimento de Almeida

Andrea Cecília Moreno

Ana Luiza Martins Pinto

CONVERSANDO COM A CIDADE

CARTOGRAFIAS NO BAIRRO TURMALINA,

GOVERNADOR VALADARES – MG:

TERRITÓRIOS VIVIDOS E TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

Fundação Percival Farquhar (FPF)

Rômulo César Leite Coelho (Presidente)

Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE)

Lissandra Lopes Coelho Rocha (Reitora)

Adriana de Oliveira Leite Coelho (Pró-Reitora)

UNIVALE Editora

Deborah Luísa Vieira dos Santos (Editora-chefe)

Gabriel da Cruz Ventura (Auxiliar Administrativo)

Isis Carolina Garcia Bispo (Bibliotecária Sibi/UNIVALE)

Natália Lima Amaral (Redatora/Departamento de Comunicação)

Emerson Eller (Diretor de Arte)

Nicole Coimbra (Diagramadora Estagiária)

Conselho Editorial

Cristiane Mendes Netto (UNIVALE)

Deborah Luisa Vieira dos Santos (UNIVALE)

Elaine Toledo Pitanga Fernandes (UNIVALE)

Eunice Sueli Nodari (UFSC)

Francisco Antônio Rodrigues Barbosa (UFMG)

Guilherme Dutra Marinho Cabral (UNIVALE)

Isis Carolina Garcia Bispo (UNIVALE)

Luiz Miguel Oosterbeek (IPT, Portugal)

Maria Lucinda Cruz dos Santos Fonseca (ULisboa, Portugal)

Sueli Siqueira (UNIVALE)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

UNIVALE EDITORA

Campus Antônio Rodrigues Coelho
R. Israel Pinheiro, 2000 – Universitário
35020-220 Governador Valadares (MG)
(33) 3279-5974
editora.univale.br
editora@univale.br

CONVERSANDO COM A CIDADE

**CARTOGRAFIAS NO BAIRRO TURMALINA,
GOVERNADOR VALADARES – MG:**

TERRITÓRIOS VIVIDOS E TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

Organizadoras:

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

Karla Nascimento de Almeida

Andrea Cecília Moreno

Ana Luiza Martins Pinto

© UNIVALE Editora, 2024

As normas da ABNT e padrão ortográfico são de responsabilidade dos autores.
Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

PROJETO GRÁFICO

Emerson Eller

EDITORAÇÃO

Ana Luiza Martins Pinto (Bolsista FAPEMIG)

REVISÃO TEXTUAL

Elizabete Lopes Latorre

CONTATO

Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em
Gestão Integrada do Território (PPG-GIT)
territorio@univale.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) Ficha Catalográfica – Sistema de Bibliotecas (Sibi/UNIVALE)

C328

Conversando com a cidade: cartografias no bairro Turmalina,
Governador Valadares - MG : territórios vividos e território
educativos / Maria Celeste Reis Fernandes de Souza *et al.* (org.).
– Governador Valadares : UNIVALE Editora, 2024.
230 p. il. color.

ISBN 978-65-87227-48-1

1. Cartografia - território educativo - Governador Valadares
(MG). 2. Meio ambiente. 3. Tecnologias digitais. 4. Saúde. I.
Souza, Maria Celeste Reis Fernandes de. II. Almeida, Karla
Nascimento de. III. Moreno, Andrea Cecilia. IV. Pinto, Ana Luiza
Martins. V. Título.

CDD: 526.0285

*Vem aqui no Turmalina pra aprender com a gente
o passeio é irado, o percurso é diferente.
Tem o morro do Pelé que é alto pode crê,
a torre de lá você vai ver.
Instagram e facebook é fácil de usar,
QRcode sim então nem vou falá.
Comércio de zap, ah, pode entrá,
escolhi o celular e a vivo vou usar.
Papellaria, então, na baixada tem um monte.
Se tem conta pra pagar, a lotérica fica longe.
No final disso tudo, a fome apertou,
entrei na padaria e meu dinheiro lá ficou.
Então, irmão é isso, vou parar por aqui,
se gostou do meu rap, dá um salve aí!*

Mc Caleb – Estudante do 9ºA

DIÁLOGOS COM O PROJETO GRÁFICO

O projeto gráfico editorial de “Conversando com a Cidade” surge a partir de uma exploração na dimensão visual das cartografias. A capa apresenta um mapa parcial do bairro Turmalina utilizando fotografias que simulam os quarteirões e as ruas da localidade. Essa abordagem criativa busca sugerir a leitores/as uma experiência de imersão no tecido urbano da comunidade, estabelecendo um diálogo entre o território, seus habitantes e seus costumes – alinhando-se ao conteúdo dos textos trabalhados nesta obra.

O título do livro atravessa as ruas no mapa, como se estivesse ingressando na comunidade, ao mesmo tempo que se integra organicamente à própria representação cartográfica. Os grafismos buscam estabelecer uma ligação entre a manualidade e a natureza artística de certas atividades apresentadas neste trabalho; o traço sinuoso sugere o relevo, as montanhas e o caminhar pelas ruas.

Uma das características marcantes desse bairro é o seu próprio nome, inspirado em um mineral que, em algumas amostras, possui uma coloração azul escura, quase preta, com matizes roxos ou róseos. Por essa razão, escolhemos o tom roxo para se destacar neste projeto, aplicando-o na coloração das fotografias da capa, nas aberturas dos capítulos e em outros elementos gráficos. Além disso, o tom alaranjado da capa remete à coloração do solo da região, rico em ferro, que é responsável pela tonalidade avermelhada.

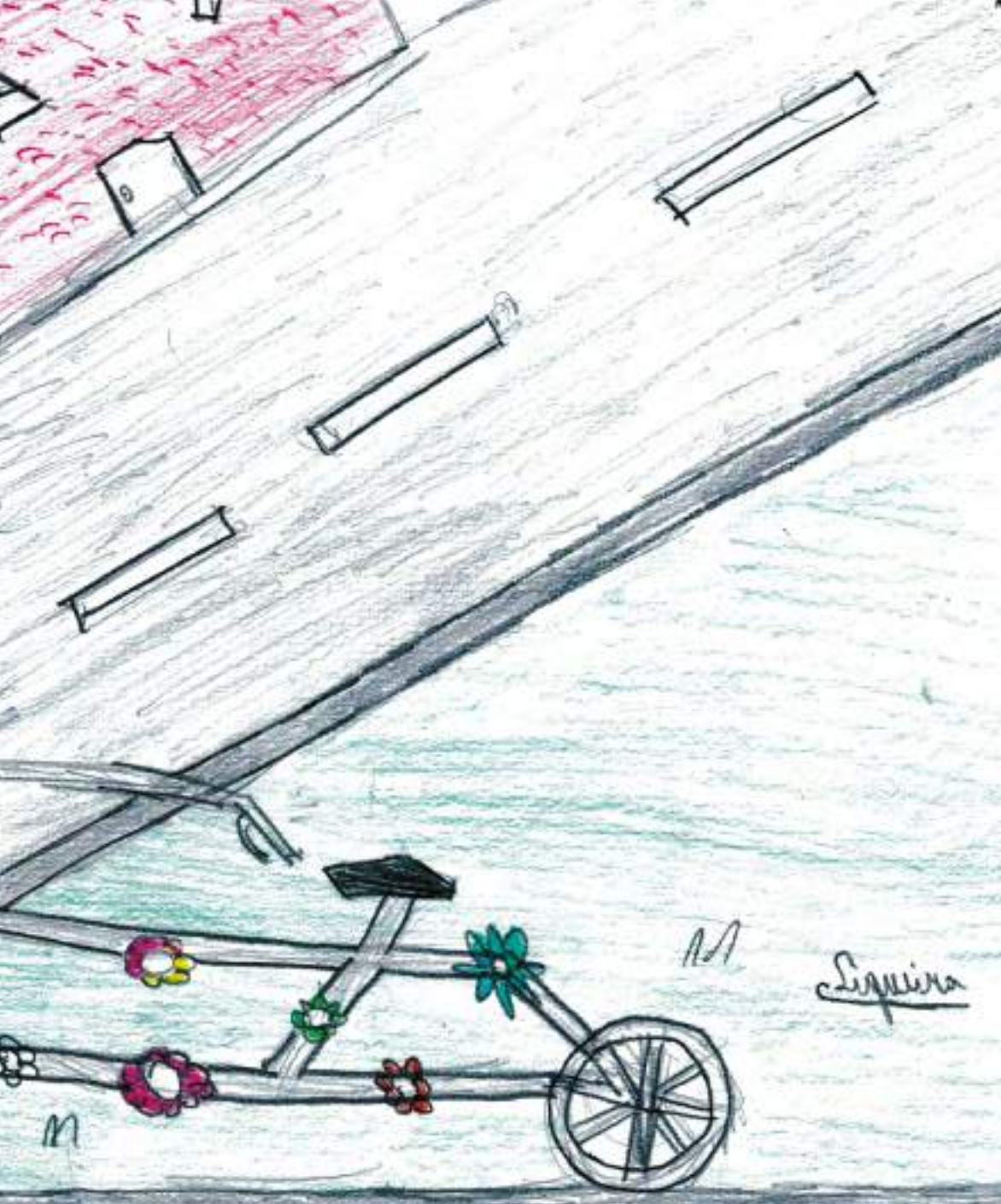
Explorando as páginas deste livro, nos deparamos com um design que combina elementos visuais e textuais dispostos de forma a proporcionar uma experiência agradável, em sintonia com o objetivo de tornar a ciência mais acessível ao público em geral. A escolha das fontes, diagramação, ilustrações e disposição das fotografias corroboram essa intenção de conduzir o/a leitor/a em uma caminhada única, representando – por meio de um objeto editorial – o resultado de múltiplos olhares que narram as perspectivas acerca desse território.

Emerson Eller

*Professor adjunto no curso de Design da
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*



Ilustração: Samuel Siqueira dos Reis Gonçalves



*“A Cidade somos nós
e nós somos a Cidade.”*

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	14
2	CARTOGRAFIAS EM PROCESSO	20
3	FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DO BAIRRO TURMALINA: BREVE CARTOGRAFIA DE MEMÓRIAS E REGISTROS SOBRE O BAIRRO.....	32
4	CARTOGRAFIAS DE ARTE E CULTURA COM JOVENS NO BAIRRO TURMALINA.....	54
5	“TEM MUITA ÁRVORE E TEM MUITO MATO”: O AMBIENTE VISTO PELO OLHAR DOS/AS ESTUDANTES	70
6	ESTUDANTES CONECTADOS/AS: USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO BAIRRO TURMALINA	94
7	PERCEÇÃO/ENTENDIMENTO DO PROCESSO SAÚDE- DOENÇA E DETERMINAÇÃO SOCIAL: SIGNIFICADOS PARA JOVENS ESTUDANTES DO BAIRRO TURMALINA	114
8	TERRITÓRIOS EDUCATIVOS VIVIDOS PELOS/AS ESTUDANTES DA ESCOLA MUNICIPAL IVO DE TASSIS NO BAIRRO TURMALINA.....	134
9	OLHARES SOBRE AS INFÂNCIAS NO BAIRRO TURMALINA ..	152
10	BIOGRAFIAS DA ESCOLA: MEMÓRIAS E PERTENCIMENTOS.	184
11	APÊNDICE 1.....	207
12	APÊNDICE 2	215
	SOBRE OS/AS AUTORES.....	220
	AGRADECIMENTOS.....	229



Apresentação

Parte um

1

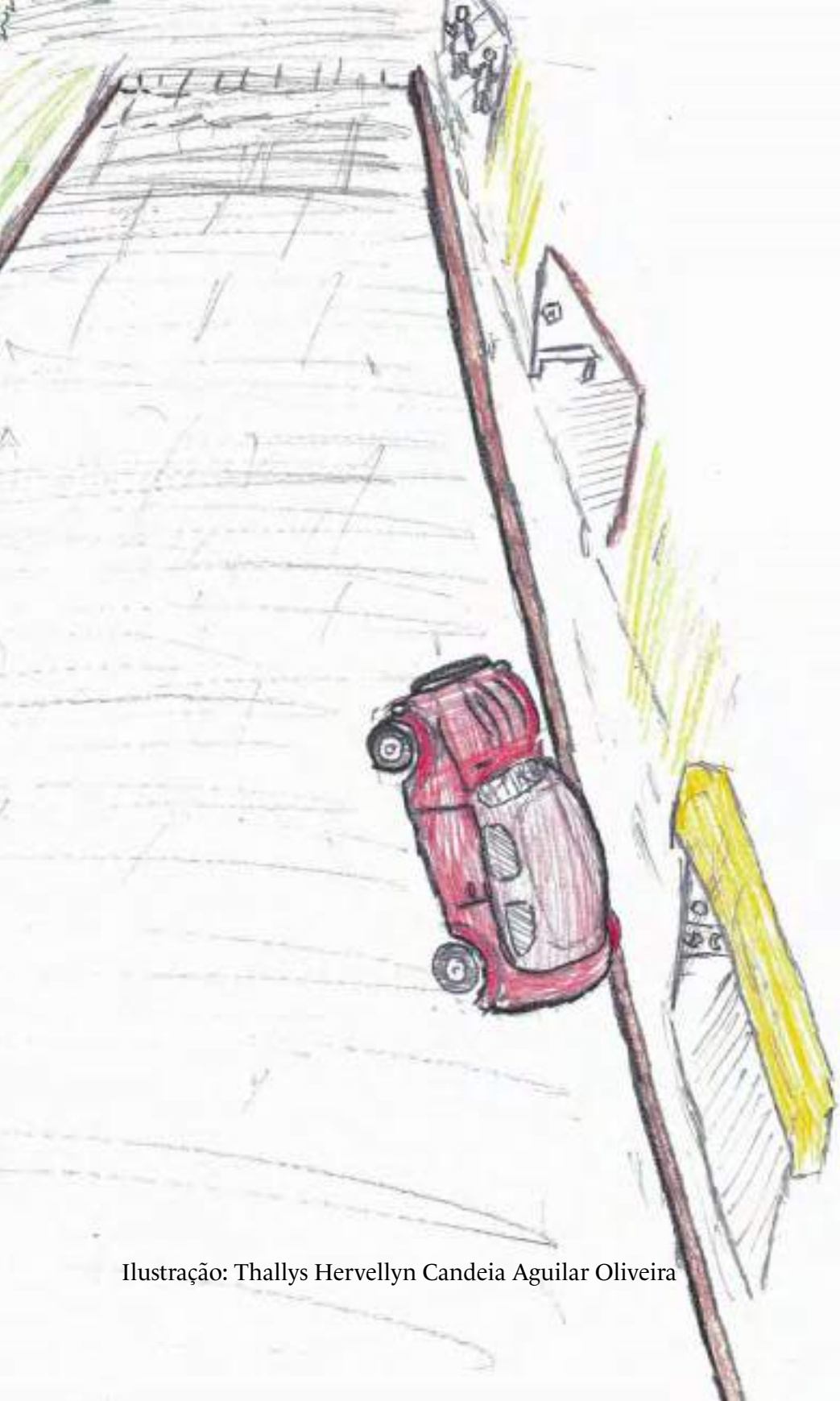


Ilustração: Thallys Hervellyn Candeia Aguiar Oliveira

1 APRESENTAÇÃO

“Há duas maneiras de se alcançar Despina: de navio ou de camelo. A cidade se apresenta de forma diferente para quem chega por terra ou por mar.”

Ítalo Calvino²

As escritas que apresentamos a você neste e-book foram tecidas em um movimento de pesquisa que se propôs a cartografar territórios educativos no bairro Turmalina, em Governador Valadares, Minas Gerais. Iniciamos nosso relato com a epígrafe acima, de Ítalo Calvino, no livro “As cidades invisíveis”, como um mote provocador de reflexões sobre as diferentes maneiras de se alcançar uma cidade (um bairro, uma rua, uma praça...), que se apresenta sempre de forma diferente para quem nela chega, por ela passa, e para quem nela vive. Portanto, nossa atividade de pesquisa e os resultados socializados neste e-book são fruto de olhares viajantes atentos e de diferentes movimentos que relatamos nesta apresentação.

Um primeiro movimento é o engajamento com a temática. Como pesquisadores/as do Núcleo Interdisciplinar Educação, Saúde e Direitos (NIESD), laboratório do Mestrado em Gestão Integrada do Território, da Universidade Vale do Rio Doce (GIT/UNIVALE), e defensores/as da educação como um direito, nos interessamos, no campo da pesquisa e das práticas educativas, pela promoção de um maior diálogo entre a escola e o seu entorno.

Esse interesse se alia a um debate posto no campo da educação brasileira que remonta as contribuições de Anísio Teixeira, Paulo Freire, dentre outros, e que se encontra de modo mais disseminado no cenário nacional, a partir do Programa Mais Educação (PME),

² CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

³ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Processo número 90750218.9.0000.5157.

editado pelo Ministério da Educação, em 2007, fomentador de políticas de ampliação da jornada escolar. Podem-

se conferir, desde então, discussões sobre “território educativo”, “direito à cidade”, “cidade educadora”, “bairro-escola”, “aprender na cidade”, “escola e cidade”, “rompimento dos muros da escola” etc., impulsionadoras do reconhecimento da necessidade de um versar com a cidade, pela via da educação e do direito.

Um segundo movimento é o reconhecimento do vivido no bairro, tanto por quem nele mora como por quem, mesmo não sendo morador, estabelece com ele relações de proximidade, e da importância de se considerar, nos processos educativos (no campo da pesquisa e da prática pedagógica), os pertencimentos e as relações que estudantes constroem com e nos bairros. Este e-book relata o nosso esforço nesse sentido.

Um terceiro movimento é a compreensão de que o bairro Turmalina é parte da cidade de Governador Valadares. Em nosso exercício, como equipe de pesquisa, buscamos refletir sobre territórios educativos e territórios vividos, tomando como referência a formação histórica desse território e as diferentes perspectivas pelas quais se produzem narrativas no e sobre o Turmalina. Nós optamos por construir com os/as estudantes “entradas no Turmalina” que contemplam: arte e cultura; acesso à comunicação e tecnologias; equipamentos urbanos; história; escolas e outras instâncias educativas; meio ambiente; saúde e acessibilidade.

O Turmalina é aqui narrado tomando como referência essas perspectivas e uma multiplicidade de olhares: de estudantes do 9º ano da Escola Municipal Ivo de Tassis, de profissionais da escola que se engajaram nesta proposta, de pesquisadores/as com distintas áreas de formação, dos diálogos estabelecidos em nossas andanças pelo bairro.

⁴ Anísio Teixeira e Paulo Freire foram educadores brasileiros que defendiam a educação como um direito pela via do diálogo e do direito à cidade. Suas contribuições permanecem atuais e são provocadoras do debate sobre um maior diálogo da escola com os territórios.

Os movimentos empreendidos por nós, as narrativas dos/as estudantes, o engajamento deles/as no processo de pesquisa e produção dos textos que apresentamos a você, leitor/a, apresentam outras possibilidades de ampliação dos resultados deste trabalho ao se discutir a interação entre escolas e cidade, bem como colocam em evidência a potência dos vividos nesse território, entrelaçando cultura, arte, tecnologias, ambiente, história, saúde. Além dessa potência que nos dispusemos a evidenciar, nosso trabalho também reflete sobre a necessária atenção a ser dada à vulnerabilidade juvenil e defende fortemente a efetivação da garantia do direito à cidade, para que todas as pessoas possam dela igualmente usufruir.

Esperamos que esse nosso esforço contribua para políticas públicas em diferentes áreas, de modo especial no campo da educação, e para tornar a ciência acessível às pessoas. Esperamos, também, que as escritas tecidas neste e-book sejam provocadoras de outras perspectivas e de outros olhares pelas maneiras como você, leitor/a, “entra neste bairro” – pelas suas memórias e por tantas outras histórias que esperam ser contadas.

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

Maria Terezinha Bretas Vilarino

Cristiana Maria de Oliveira Guimarães



Cartografias em processo

Parte dois

2

SAMUEL S.

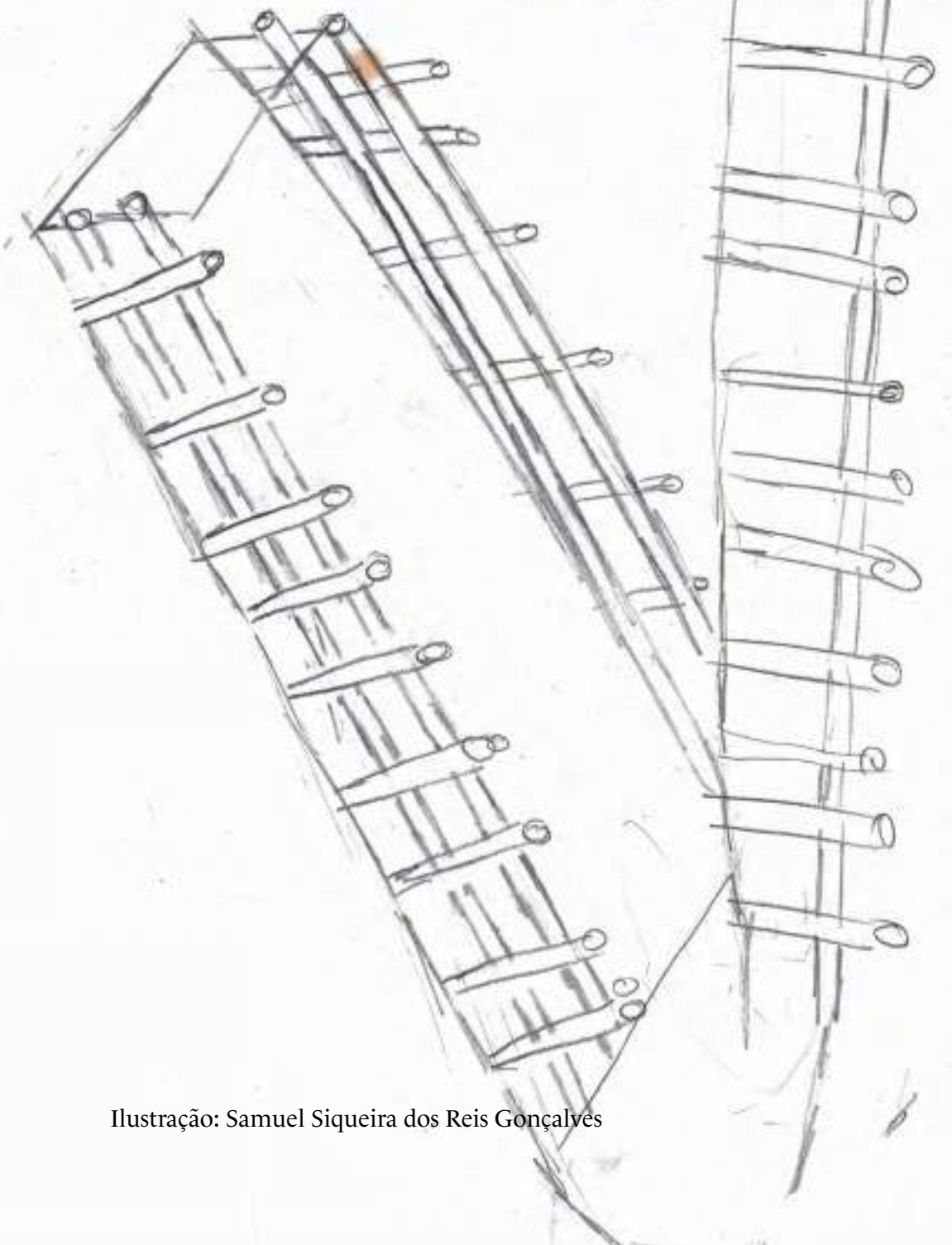


Ilustração: Samuel Siqueira dos Reis Gonçalves

2 CARTOGRAFIAS EM PROCESSO

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

Maria Terezinha Bretas Vilarino

Karla Nascimento Almeida

Cristiana Maria de Oliveira Guimarães

“O camaleão que vê despontar no horizonte do planalto os pináculos dos arranha-céus, as antenas de radar, os sobressaltos das birutas brancas e vermelhas, a fumaça das chaminés, imagina um navio: sabe que é uma cidade, mas a imagina como uma embarcação...”

“Na neblina costeira, o marinheiro distingue a forma da corcunda de um camelo, de uma sela bordada de franjas refulgentes entre duas corcundas malhadas que avançam balançando; sabe que é uma cidade, mas a imagina como um camelo.”

Ítalo Calvino

Para iniciar o nosso relato sobre as cartografias que serão apresentadas neste fascículo, recorreremos novamente a Ítalo Calvino, na descrição feita por ele de uma das cidades invisíveis – Despina – e nela pode-se chegar por terra (o camaleão) ou por mar (o marinheiro). Cada um percebe a cidade a partir da sua jornada (mar ou deserto) e do que deseja encontrar na chegada. Assim também pensamos nossas entradas. Há sempre diferentes pontos de vista em nossas aproximações com a cidade e com o bairro, neste caso, o bairro Turmalina. Por isso intitulamos esta seção, na qual relatamos o exercício cartográfico em que nos envolvemos – estudantes e pesquisadores/as, com o apoio de profissionais da escola – de *cartografias em processo*.

Esse processo foi iniciado com a escolha da Escola Municipal Ivo de Tassis que atende a estudantes do ensino fundamental (anos iniciais e finais), sendo a única escola no bairro que oferece a terminalidade do ensino fundamental. Portanto, nossa escolha

justifica-se por ser a escola um importante equipamento urbano nesse território e, como constatamos no campo de pesquisa, carrega um simbolismo e um sentido para a comunidade escolar e a comunidade do bairro Turmalina.

Intencionalmente, escolhemos os/as estudantes que cursavam o 9º ano do ensino fundamental em 2023, turmas A e B. Interessávamos empreender o exercício de cartografia com estudantes com maior tempo na escola e com jovens que têm sido um dos grupos etários vulneráveis à violência na cidade de Governador Valadares⁵. Participam conosco como cartógrafos/as 61 estudantes das duas turmas do 9º ano: 21 estudantes do sexo feminino e 40 estudantes do sexo masculino, conforme fichas de matrícula da escola, incluindo nesse grupo 8 estudantes com necessidades educacionais especiais.

Tomando como referência as contribuições da Sociologia da Juventude, reconhecemos a importância do protagonismo desses jovens⁶, o estímulo a ser feito para o envolvimento desse grupo na produção científica, suas trajetórias e seus pertencimentos territoriais. O processo desencadeado junto aos estudantes foi pautado no diálogo, na busca pela construção coletiva, por negociações e pela escuta atenta das suas contribuições para as nossas aproximações com o bairro Turmalina. Destacamos a acolhida dos/as estudantes à proposta, o engajamento, as trocas e como, generosamente, compartilharam vividos no bairro, posicionando-se como “cartógrafos/as”.

⁵ Desde 2009, a cidade figura nacionalmente em altos índices de violência incidindo sobre jovens. Embora, esse número tenha decrescido nos últimos anos, é um problema a ser enfrentado. Sugerimos conferir os estudos disponíveis nas referências bibliográficas: Relatório de Pesquisa elaborado pelo Núcleo de Estudos em Segurança Pública (2016); Simão; Amorim e Guedes (2016); e o Atlas da Violência por municípios brasileiros (IPEA, 2019). Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/distribuicao-espacial-e-percepcao-sobre-violencia-em-governador-valadares-repensando-aspectos-da-vulnerabilidade-social/>. Acesso em: 4 abr. 2023.

⁶ Sugerimos conferir o material editado pelo Programa Mais Educação (PME) sobre trajetórias criativas de jovens no Ensino Fundamental. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16320-seb-traj-criativas-caderno1-proposta&Itemid=30192. Acesso em: 4 ago. 2023.

Do ponto de vista metodológico, inspiramo-nos na cartografia social que consiste em um conjunto de práticas participativas (trocas de experiências, relatos, entrevistas etc.) que podem mapear: práticas locais, hábitos, pessoas/personagens, espaços de sociabilidade, eventos, estratégias de resiliência, saberes locais, espaços simbólicos que valorizam a memória e a identidade do território; da mesma forma, é possível também mapear ausências, conflitos e anseios (ACSELRAD, 2013; ALMEIDA; JUNIOR, 2013; GOMES, 2017).

Outra inspiração vem da metodologia do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) utilizado para diagnósticos locais, especialmente em comunidades rurais (VERDEJO, 2010), e mais recentemente também adaptado para pesquisas na área da educação (FREITAS *et al.*, 2013; ANTUNES *et al.*, 2018). Essa metodologia valoriza a participação, o conhecimento popular e a construção do conhecimento compartilhado. O DRP sugere a técnica da “caminhada transversal” com vistas a potencializar a participação e construção de conhecimento geral sobre a área em estudo, com o objetivo de explorar características locais.

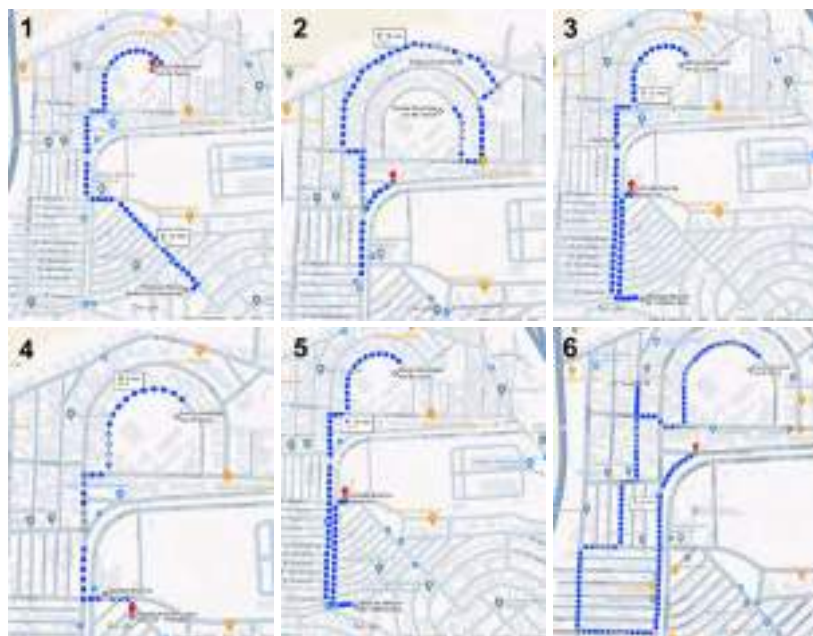
Essas inspirações nos levaram a caminhadas da equipe de pesquisa pelo bairro; reunir estudantes em rodas de conversa e oficinas; realizar uma caminhada com estudantes pelas ruas do bairro, no entorno da escola. Para essa caminhada os percursos foram previamente escolhidos com as/os estudantes e equipe de pesquisa para nossas entradas no território: arte, ambiente, acesso à tecnologia, escolas e outros espaços educativos, história, saúde. Foram⁷ elaborados percursos utilizando o *google maps* e que foram testados previamente por uma estudante do curso de Pedagogia,

⁷ As pistas que orientaram as turmas A e B durante a caminhada se encontram nos apêndices 1 e 2.

⁸ Agradecemos as contribuições da bolsista Lavínia Esteves dos Santos.

moradora do bairro e bolsista de iniciação científica, que nos ajudou a definir os 6 percursos da caminhada⁸, conforme os mapas a seguir.

Figura 1 – Mapas 1, 2, 3, 4, 5 e 6 com percurso da caminhada do grupo 1, 2, 3, 4, 5 e 6 respectivamente



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

A escolha por essas caminhadas vem da compreensão da equipe de pesquisa da necessidade de captar o visível e o que “escapava aos olhos”. Essa opção propicia a socialização das impressões e percepções dos trajetos, troca de ideias, elaboração e reelaboração de percursos e mapas, numa perspectiva interdisciplinar (ANTUNES *et al.*, 2018).

A diversidade da área de formação dos/as pesquisadores/as e a escuta dos/as estudantes possibilitaram a elaboração do guia da caminhada, socializado ao final deste e-book, contemplando as diferentes maneiras e possibilidades de “entrada” em um bairro. Esse material nos forneceu pistas para nossas conversas com estudantes nas oficinas que realizamos na escola, nas caminhadas, nas rodas de conversa com as turmas, nos encontros com grupos menores de estudantes, nas prosas com pessoas da comunidade,

com profissionais da escola, em rodas de conversa com docentes das instituições de educação infantil do bairro, e que foram muito lembradas pelas turmas do 9º ano, e em outras atividades nas quais buscávamos aprofundar aspectos ou explorar outros que surgiam. Essa diversidade da área de formação propiciou o exercício interdisciplinar e cada “entrada”, relatada nos próximos capítulos, também mostrará a diversidade teórica e de opções metodológicas.

O processo de pesquisa se configurou em experimentações, desafios, escolha de opções que discutíamos entre nós e com o grupo de estudantes, recuos, incertezas quanto aos rumos tomados, necessidade de reordenação e redesenho do proposto. Mantivemos firme a convicção da centralidade conferida ao protagonismo dos/as estudantes, o que nos levou a refletir sobre outro desafio, após as escritas dos relatos organizados pela equipe de pesquisa.

Fomos provocadas/os, por indagações dos próprios cartógrafos/as, sobre as histórias que contaríamos sobre o bairro e se incluiríamos as questões da vulnerabilidade, as fragilidades ambientais e as vias públicas sem a necessária manutenção.

Como fruto desses diálogos, optamos por um segundo movimento de pesquisa e convidamos os/as estudantes para a leitura e discussão dos textos produzidos. Esse segundo movimento se faz na convicção de que as narrativas são históricas e carregam as marcas das nossas opções políticas e dos nossos engajamentos, e que a leitura e a escrita não são habilidades neutras, comportam leituras de mundo e usos sociais, o que as converte em práticas de letramento como nos ensinam Paulo Freire (1989) e Magda Soares (2009).

Por isso, convidamos as turmas para organizarem o capítulo da escola e seis estudantes do 9º B se dispuseram a realizar essa escrita. Desse modo, com o apoio de uma das pesquisadoras e do

professor de história e geografia, os/as estudantes se reuniram durante duas semanas para a produção do texto, cuja escrita foi sendo tecida desde a escolha do título, da opção por entrevistarem as pessoas mais antigas da instituição com suas memórias, de fotografarem e relatarem espaços e vivências atuais nesse espaço. Optaram, também, por acrescentarem às memórias antigas seus depoimentos, como jovens que mantêm vínculos com essa escola, na qual concluem o ensino fundamental. Esses/as estudantes nos ensinam que é possível produzir biografias escolares nos fios da memória, como um elo entre passado e presente.

Dos movimentos desencadeados na escola em rodas de conversa, identificamos outras linguagens acionadas pelos/as estudantes em seus cotidianos, dentro e fora da escola, e entre elas o desenho, expressão artística bastante apreciada por cinco estudantes e uma estudante que se dispuseram a participar de uma oficina de criação artística no Laboratório de Comunicação da Universidade Vale do Rio Doce – Univale. Acompanhados pelo professor de história/geografia, duas pesquisadoras e um pesquisador professor do curso de Design Gráfico, a/os estudantes discorreram sobre o gosto pelo desenho, os estilos mais apreciados, entre eles os mangás e animes (desenhos japoneses), mostraram seus cadernos com personagens autorais e rascunhos de histórias inéditas, como as produzidas a quatro mãos pelos amigos Samuel Siqueira e Thallys de Oliveira. Como produto da oficina, a/os estudantes produziram as ilustrações que abrem os capítulos deste e-book, expressando nelas os aspectos mais marcantes do bairro Turmalina, por meio de seus olhares artísticos singulares.

Apresentamos, pois, uma síntese das nossas discussões do material empírico dessa pesquisa, produzida a tantas mãos, e acreditamos que o produzido diz respeito a territórios vividos, nos

quais podem-se identificar territórios potencialmente educativos. Como resultado da cartografia social, temos o material conhecido como fascículo, que é este e-book que você está lendo. Nele estão reunidos mapas, textos e outras formas de expressão de estudantes, equipe da escola e pesquisadores/as, referentes ao território cartografado.

O propósito do fascículo é ser distribuído na comunidade escolar, mas também para além dela, no bairro, na cidade e em outros territórios, buscando a multiplicação de sentidos. À medida que se lê, discute-se, reflete-se sobre o lido, provoca-se, também, o estabelecimento de relações, e esperamos desencadear ações com vistas à garantia de direitos. Para nós, a cartografia é potencializadora da construção de elos entre a escola e o bairro, a escola e a cidade, em um movimento dialógico.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri (Org.). **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2013.

ALMEIDA; Alfredo Wagner Berno de; FARIAS Emmanuel de Almeida Farias Júnior. **Povos e comunidades tradicionais: nova cartografia social**. Manaus: UEA Edições, 2013.

ANTUNES, Jeferson *et al.* Diagnóstico rápido participativo como método de pesquisa em educação. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), v. 23, n. 3, p. 590-610, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772018000300002>. Acesso em: 17 maio 2023.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DUTRA, Ítalo Modesto *et al.* (Orgs.). **Trajetórias criativas: jovens de 15 a 17 anos no ensino fundamental: uma proposta metodológica que promove autoria, criação, protagonismo e autonomia: caderno 1: proposta**. Brasília: Ministério da Educação, 2014.

FREITAS, Alan Ferreira de; FREITAS, Alair Ferreira de; DIAS, Marcelo Miná. O uso do diagnóstico rápido participativo (DRP) como metodologia de projetos de extensão universitária. **Revista Em Extensão**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/verextensao/article/view/20780>. Acesso em: 17 maio 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GOMES, Marquiana de F. Villas. Boas. Cartografia social e Geografia escolar: aproximações e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 97-110, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/488>. Acesso em: 17 maio 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Atlas da violência 2019**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/8021-atlasdaviolencia2019municipios.pdf>. Acesso em: 24 maio 2023.

NÚCLEO DE ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA (NESP) / FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP); CENTRO DE ESTUDOS DE CRIMINALIDADE E SEGURANÇA PÚBLICA (CRISP/UFMG) / UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG); INSTITUTO SOU DA PAZ. **Relatório de pesquisa**: Pensando a segurança pública: homicídios no Brasil, 2016. Belo Horizonte: 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=56306&codUsuario=0>. Acesso em: 24 maio 2023.

SIMÃO, Andréa Branco; AMORIM, Marina Alves; GUEDES, Gilvan Ramalho. Distribuição espacial e percepção sobre violência em Governador Valadares: (re)pensando aspectos da vulnerabilidade

social. **Climacom Cultura Científica - Pesquisa, Jornalismo e arte**, ano 3, n. 5, p. 27-39, abr. 2016. Disponível em: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/dossie_climacom_vulnerabilidade.pdf. Acesso em: 4 abr. 2023.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP**. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2010.

Fragmentos da história do bairro Turmalina:

*Breve cartografia
de memórias e
registros sobre o
bairro*

Parte três

3



Luiz Devisson de Souza Silva

Ilustração: Luiz Devisson de Souza Silva

3 FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DO BAIRRO TURMALINA: BREVE CARTOGRAFIA DE MEMÓRIAS E REGISTROS SOBRE O BAIRRO

Cristiana Maria de Oliveira Guimarães

Maria Terezinha Bretas Vilarino

Cartógrafos/as do 9º ano

Emyle Gabriele Siqueira de Oliveira

Fábio Felipe Pereira

Iara Linos de Souza

Janessa da Silva

Klaricy Vitória de Paula Santos

Maria Eduarda Lopes de Souza

Nicole de Oliveira Cabral

Tiago Meira Alves

Victor Hugo Silva Gonçalves

Wellington Júnio Ribeiro de Matos Pereira

PARA INÍCIO DE CONVERSA

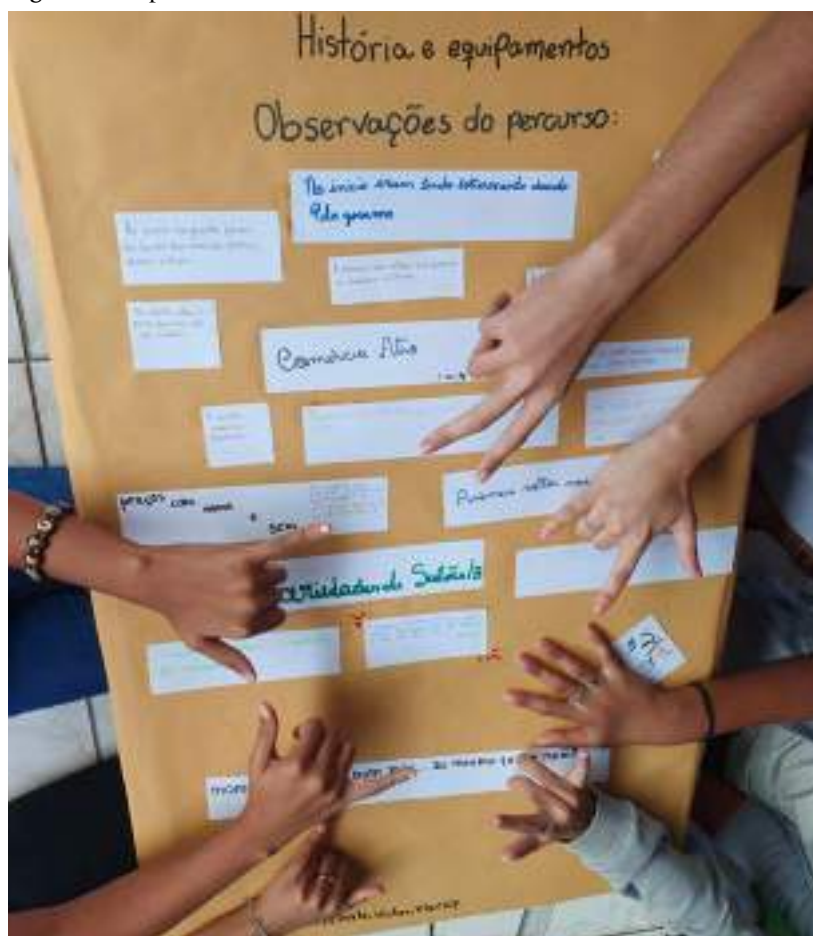
“Lembranças são experiências retrabalhadas, conservadas, transformadas, amalgamadas em sonhos, e escrever sobre elas é realizar explorações que cruzam inevitavelmente diferentes planos da realidade.”

(Arantes Neto, 2000)

Um importante historiador, Paul Thompson, escreveu que “a memória de um pode ser a memória de muitos” (THOMPSON, 1992, p.17). Isso quer dizer que existe uma memória coletiva que registra aquilo que é marcante para um grupo ou sociedade. Além disso, as histórias particulares podem se cruzar com a história coletiva, quando se influenciam, ou seja, quando elementos de

uma estão presentes na outra. Ao lidarmos com diferentes relatos sobre fatos ou lugares, encontramos também diferentes impressões ou versões sobre eles. Isso não invalida as diferentes lembranças, pois a memória (ou a impressão) de cada pessoa é marcada por sua experiência, idade ou maneira de entender o espaço e o tempo em que vive.

Figura 1 – Aspectos sociais e históricos do Turmalina



Fonte: Cartaz elaborado pelos estudantes. Acervo da pesquisa de campo (2023).

Assim, o texto que aqui apresentamos cruza memórias e lembranças particulares e coletivas, registros oficiais e informais

sobre o bairro Turmalina, em Governador Valadares (MG). Buscamos (re)construir a história do bairro utilizando muitas fontes: 1 - lembranças e memórias, registradas em livros (JUD, 2015) e fotografias antigas e recentes; 2 - relatos obtidos durante a elaboração de mapas mentais em oficinas, com as turmas do 9º ano da escola Municipal Ivo de Tassis, ou em conversas desenroladas nas mesmas oficinas; 3 - observações e comentários feitos durante e após as caminhadas, na parte baixa do bairro⁹. Também buscamos outros registros em documentos, mapas, diagnósticos urbanos e outros levantamentos.

A origem do bairro Turmalina, o nome, foi porque acharam uma pedra chamada Turmalina, e isso deu origem ao nome do bairro. Por isso que o nome do bairro é Turmalina”.

(Depoimento de aluno sobre história contada por sua avó, “moradora de muito tempo no bairro”).

O MARCO INICIAL DO BAIRRO

As histórias contadas ou as registradas sobre a origem e formação do bairro Turmalina, de modo geral, apontam como marco inicial as promessas de doações dos seus lotes em diversas gestões municipais, entre 1982 e 1996¹⁰. Nas conversas com os alunos e as alunas, essas promessas foram relatadas a partir das memórias de seus pais e avós: *“No início os lotes foram doados pelo prefeito; era tudo roça”* – mas não sabem quando nem qual prefeito. Também se referem a uma lagoa, que aparece nas memórias dos avós: *“antigamente era tudo água”*

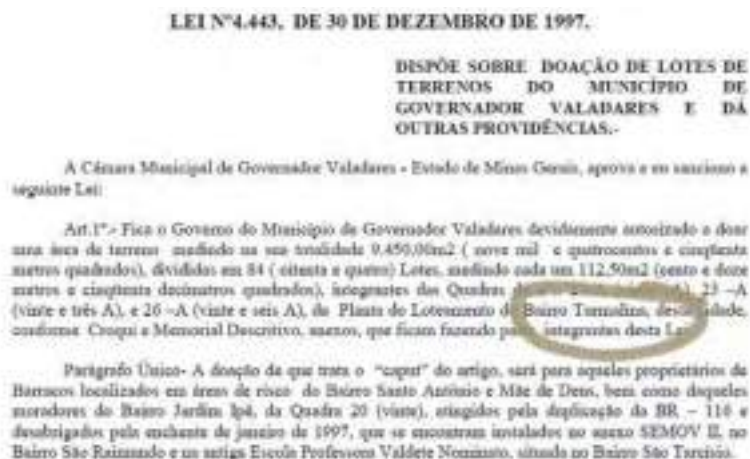
⁹ Registramos que as caminhadas foram realizadas na parte baixa do bairro, chamada de “área militar”, por questão estratégica de ser próxima à escola, evitando-se longos trajetos com os/as estudantes.

¹⁰ Conforme site da Prefeitura Municipal (PMGV), nesse período, a cidade de Governador Valadares teve oito mudanças de comando no Poder Executivo, sendo que os senhores Ronaldo Perim, Ruy Moreira de Carvalho e Paulo Fernando Soares de Oliveira foram devidamente eleitos, e os demais (José Fernandes, José Bonifácio Mourão e Gilson Motta Santos), foram prefeitos interinos. Disponível em: <https://www.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/ex-prefeitos/12096>. Acesso em: 02 set. 2023.

e dos pais: “meu pai é da época que o Turmalina era uma lagoa”. Possivelmente se referem a uma área próxima à subestação da CEMIG, que é pantanosa, como indica o relato de um aluno: “o pai contou que tinha uma lagoa (brejo) perto da BR-116”.

Apesar das diversas narrativas, às vezes contraditórias em alguns pontos, tem-se em comum e registrado por alguns documentos (como leis aprovadas na Câmara Municipal da cidade)¹¹, o que segue.

Figura 2 – Fragmento da Lei nº 4.443, de 30 de dezembro de 1997



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de GV. Disponível em: <https://www.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-legislacao/info/lei-ordinaria-4443-1997/1638>. Acesso em: 02 set. 2023.

A gestão do prefeito Ronaldo Perim (1982/1988) desapropriou 20 alqueires pertencentes à fazenda de Ivair Ferreira Mattos, dos quais três seriam reservados ao CEASA¹² e o restante destinado à construção de um loteamento para a classe popular, que não conseguia acesso ao mercado imobiliário tradicional, para prover sua habitação.

¹¹ A Câmara Municipal e prefeitura disponibilizam documentos on-line que podem ser acessados a partir de buscas específicas. Ver em: <https://www.valadares.mg.gov.br/legislacao> ou <https://www.camaragv.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia-da-lei-organica-municipal/118459>.

¹² CEASA é a sigla e denominação das centrais de abastecimento e de comercialização (no atacado) de produtos da hortifruticultura em uma região.

O término da gestão de Ronaldo Perim impossibilitou a finalização do projeto de loteamento e sua ocupação. Posteriormente, já na gestão de Paulo Fernando (1992/1996), houve a retomada do projeto¹³, com sua reformulação que redividiu alguns lotes e operou as doações em áreas específicas para grupos também específicos (JUD, 2015).

A DOAÇÃO DE LOTES E NOVOS MORADORES VINDOS DE MUITOS LUGARES

Como se pode observar pela fotografia abaixo (Figura 3), de 1993, o desenho inicial das ruas e quarteirões demonstra regularidade, inclusive em relação ao relevo. Essa é uma característica de loteamentos projetados e planejados previamente à sua ocupação, como é o caso do Turmalina.

Figura 3 – O Turmalina e seus lotes iniciais demarcados



Fonte: Revista GV NEWS (1993).

Entretanto, a urbanização do bairro não acompanhou exatamente a proposta original e muitos desses lotes foram redivididos para atender a um maior número de famílias. Desse

modo, “segundo relatos de moradores mais antigos, o território começou a ser ocupado irregularmente por famílias de baixa renda vindas de

¹³ Em 22 de junho de 1993, a Câmara Municipal de Governador Valadares aprovou e o prefeito Paulo Fernando sancionou a lei que denominava oficialmente como bairro José Ivair Ferreira Mattos o loteamento conhecido como Bairro Turmalina.

outras regiões de Governador Valadares, bem como por imigrantes de municípios menores do Vale do Rio Doce” (CRISP/UFMG, 2016, p. 168-169).

O loteamento também atendeu à necessidade de moradores de outras áreas de risco (bairros Santo Antônio e Mãe de Deus), como atingidos por enchentes (bairro São Tarcísio) e removidos para duplicação da rodovia BR-116 (Quadra 20 do Jardim Ipê), conforme a Lei Ordinária Municipal 4.443-1997¹⁵.

Assim, o bairro foi se formando a partir de comunidades de vizinhança, por doação e por ocupação. Formaram-se seis áreas (vilas) distintas, a partir de seis comunidades católicas originais (JUD, 2015), conforme mostra o mapa, no relatório de pesquisa da Fundação João Pinheiro, de 2016.

Figura 4 - Vilas ou áreas que formam o bairro Turmalina¹⁴

Mapa 23 - Vilas que formam o bairro Turmalina, em Governador Valadares



Fonte: Google Maps, 2016

Fonte: CRISP/UFMG (2016, p. 168).

Uma das áreas demarcadas foi destinada a militares que não possuíam residência própria e outra a profissionais do SAAE e do SEMOV¹⁶, ambas localizadas na chamada “parte baixa” do bairro. A

¹⁴ Ver original em: <https://dSPACE.mj.gov.br/bitstream/1/3114/1/41dinamica-homicidio-intencional-mg-sp.pdf>.

¹⁵ Ver Figura 2.

¹⁶ SAAE - Serviço Autônomo de Água e Esgoto; SEMOV- Secretaria Municipal de Obras e Sistema Viário (atualmente denominada Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos - SMOSU).

denominação “área militar” para essa parte do Turmalina deve-se a essa destinação inicial, embora muitos dos que receberam os lotes não se fixaram no bairro, repassando ou vendendo seus lotes.

Na parte baixa existe outra área denominada vila Nossa Senhora do Carmo, cujo nome é relativo a uma das comunidades católicas organizadas no bairro (CRISP/UFGM, 2016, p. 168-169). Atualmente, persistem no Turmalina as seis comunidades católicas juntamente com a paróquia Nossa Senhora da Assunção (JUD, 2015) e um número bem maior de comunidades evangélicas de várias denominações. Durante uma das caminhadas realizadas, um grupo de estudantes se surpreendeu ao contar 15 templos, somente em um percurso próximo à escola Ivo de Tassis e unidades de Estratégia de Saúde da Família¹⁷(ESF) 1, 2 e 3.

Outra observação feita pelos estudantes participantes das caminhadas foi que na área baixa as ruas recebem nomes de flores e árvores (Mogno, Sapucaia, Jasmim, Embaúba, Peroba, Cedro, Cerejeira, Margaridas, Orquídeas etc.). Os estudantes também apontam que é a região com melhor infraestrutura e provimento de serviços (e citam escolas, postos de saúde, o Instituto, a Creche Brilho Turmalina, o Fica Vivo, o CEASA) e um ativo comércio (diversas barbearias, bares, mercadinhos, salões de beleza, borracharia, farmácia, lojas de roupas, um supermercado etc.).

No processo de ocupação e urbanização do Turmalina, as demais áreas, de relevo sinuoso, foram deixadas livres para ocupação e posterior doação dos terrenos ocupados. Portanto, há diferenças importantes entre as condições dos equipamentos urbanos entre a chamada parte baixa e a outra, parte alta. Desse modo, “as demais

áreas do aglomerado, principalmente a porção mais alta conhecida como “Morro

¹⁷ ESF é um estabelecimento de saúde do tipo Centro de Saúde. Unidade Básica que presta serviços à população da área de sua abrangência.

da Caixa D'Água” e a “Vila São Maximiliano”, próxima ao lixão de Governador Valadares, são os territórios de infraestrutura mais precária do Turmalina” (CRISP/UFMG, 2016, p. 168-169). Essa situação foi confirmada pelos depoimentos dos estudantes, que afirmam transitar pouco pelo bairro e pelas áreas que não são próximas de suas residências.

Ainda sobre a denominação das ruas, durante a caminhada os alunos se deram conta de que, se para a parte baixa foram escolhidos nomes de flores e plantas, para a parte alta os nomes escolhidos foram de cidades mineiras (Corinto, Diamantina, Curvelo, Vista Alegre, Almenara, Divinópolis, Lavras, Minas Novas, São Lourenço etc.).

Os mapas desenhados pelos(as) estudantes focalizam, em sua grande maioria, a porção mais bem equipada.

Figura 5 – Seleção de mapas do bairro desenhados pelos estudantes



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

O DIFÍCIL COMEÇO, OS AVANÇOS E AS PERMANÊNCIAS

As lembranças registradas pelas fontes citadas anteriormente, especialmente a narrativa do Padre Floriano Jud (2015), nos contam de um início difícil em uma área sem nenhuma infraestrutura ou serviços urbanos. Os relatos registrados por esse padre, no livro sobre a instalação da paróquia Nossa Senhora da Assunção, mostram que muitos dos primeiros moradores construíram suas casas com muito esforço e realizando mutirões que juntavam familiares e conhecidos. As primeiras construções eram precárias e improvisadas, com tábuas e lonas compondo a maioria das habitações. As dificuldades foram muitas, como mostram os depoimentos abaixo:

“A água para consumir, buscávamos no Córrego Figueirinha com carrinho de mão, nas costas ou com burros. (...). Muitas mulheres sempre levavam roupas, louças e panelas para lá, perto da “Santa” e os limpavam lá” (JUD, 2015, p. 15).

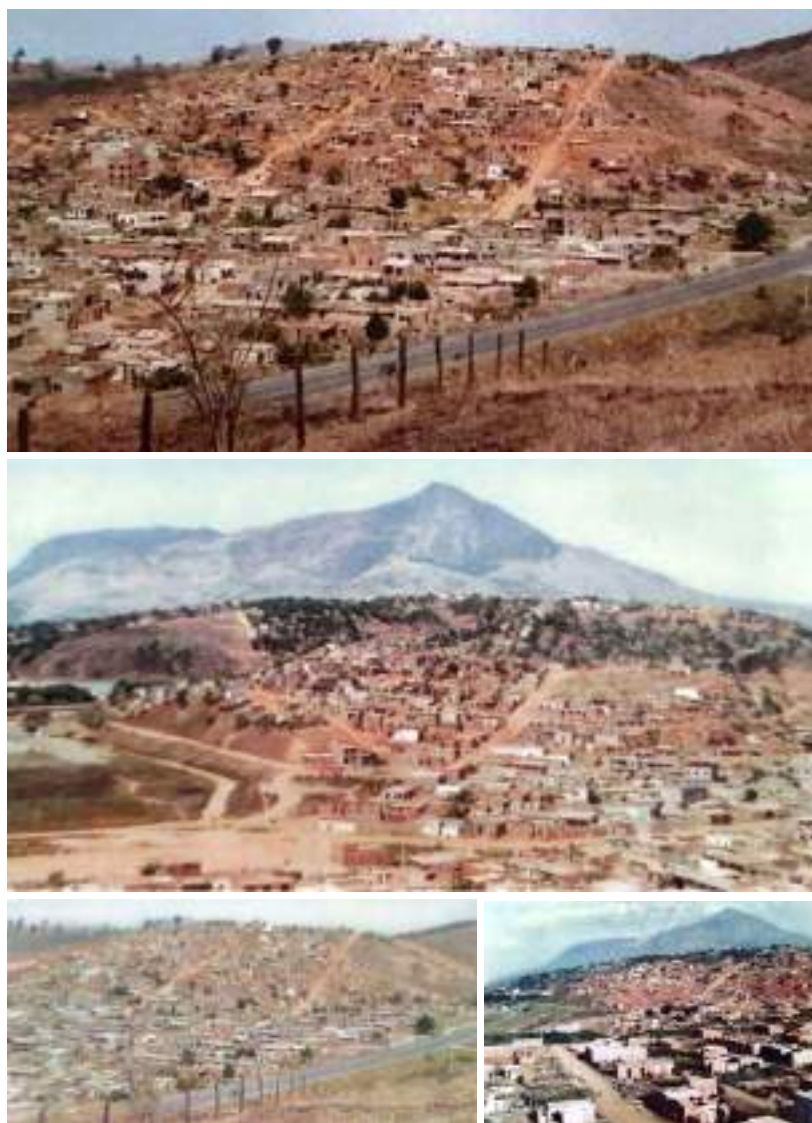
“O começo foi uma vida dura, não somente pela simplicidade da construção da casa, mas especialmente, pela falta de água. Tivemos que buscar água potável no bairro Bela Vista. A água para lavar e regar foi puxada de cisternas em cartolas por burros ou carregadas no ombro de homens” (JUD, 2015, p. 17).

O fornecimento de energia elétrica chegou, em alguns pontos, apenas em 1996 (JUD, 2015, p. 18).

Entre os estudantes envolvidos com esse projeto de levantamento de dados históricos e urbanísticos sobre seu próprio bairro essas lembranças são raramente relatadas. Conhecem uma ou outra história contada pelos familiares. No entanto, os mesmos estudantes sabem apontar problemas atuais e carências com as quais convivem, como a necessidade de melhoria da iluminação pública e da circulação de ônibus urbanos, o esgoto a céu aberto e o canal

poluído que corta o bairro, lixo nas ruas (apesar da coleta pública), falta de água durante vários períodos (embora exista uma caixa d'água mantida pelo SAAE na parte alta do bairro, no “morro da caixa d'água”), ruas sem calçamento, praças abandonadas e áreas de lazer inacabadas.

Figura 6 - Colagem de fotos do Turmalina nos primeiros tempos.



Fonte: JUD (2015).

Figura 7 – Rua Vista Alegre, parte alta do Turmalina



Fonte: Área onde fica a caixa d'água que serve o bairro. Acervo da pesquisa de campo (2023).

De fato, atualmente a população ainda precisa reivindicar do poder público a manutenção e melhoria ou mesmo a instalação de postes em vias e praças, inclusive por uma questão de segurança¹⁸. A comunidade também reivindica que o poder público tome providências mais efetivas em relação aos outros problemas citados pelos/as estudantes, que percebem que muitas promessas são feitas, mas nem sempre são cumpridas, como é o caso da área de lazer inacabada: *“Toda eleição começa de novo”*.

A violência, juntamente com a falta de segurança, também são aspectos que os estudantes apresentam como negativos para o bairro onde vivem. Sobre isso, o Relatório de pesquisa já citado

¹⁸ Como se pode ver em notícias em jornais locais e solicitações de vereadores da Câmara Municipal da cidade: <https://globoplay.globo.com/v/10118327/>; <https://www.siprocfmg.org.br/ver-noticia/protesto-fecha-a-rodovia-rio-bahia/809>

informa que a “respeito mais estritamente à questão da Segurança Pública, os bairros Turmalina e Planalto têm se caracterizado pela grande incidência de violência letal ao longo dos últimos anos”

(CRISP/UFMG, 2016. p.170). A expressão “do nada começa um tiroteio” revela esse cotidiano e convívio com a insegurança. Ficou subentendido nas conversas, que existem áreas de predomínio de alguns grupos e que o acesso a elas é controlado por suas lideranças e limitado para “gente de fora”. Os dados oficiais sobre segurança pública confirmam essa situação (CRISP/UFMG, 2016).

Merece registro a manifestação dos estudantes sobre as áreas de lazer que tanto lhes interessam, e duas observações são recorrentes, pois se relacionam à questão da violência e do seu enfrentamento: 1 - a importância da quadra próxima à creche Brilho Turmalina, a Q7, como é chamada, para convivência e divertimento; e 2- a existência de uma quadra inacabada (desde 2016), apelidada de Hotel Transilvânia, exatamente por provocar sensação de medo ou por indicar acontecimentos delituosos, como brigas, uso de drogas e outras violências.

Figura 8 – Colagem de fotos da quadra esportiva Q7



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

As expressões “era um lixão”, “ali acontece de tudo” ou “ali se encontra restos de tudo”, “serve de esconderijo” sobre o “Hotel Transilvânia” revelam a ocorrência de muitas transgressões nesse local. O que surpreende, de certa forma, é a espontaneidade com que os/as estudantes se referem a esses acontecimentos. Assim, infelizmente a violência parece naturalizada no território.

CONSIDERAÇÕES ABERTAS SOBRE O MAPA, A VIZINHANÇA, A CIDADE E O PERTENCIMENTO

“morar no bairro é bom e é ruim”; “quando eu era menina pensava que a paróquia (da Assunção) era o meu castelo”; “vista do morro da caixa d’água dá pra ver todo o bairro. Minha avó mora lá”; “A noite nem parece o mesmo bairro por causa das luzes”¹⁹.

A primeira atividade realizada com os/as estudantes foi a elaboração de mapas mentais do bairro. A proposta era desenhar e conversar sobre o Turmalina, sua história, o conhecimento que possuíam sobre o bairro e suas impressões.

Nas duas turmas os/as alunos debateram sobre como seria o contorno do bairro. Uma aluna disse que *“não tem como fazer o contorno do Turmalina porque só tem esgoto e buraco”*. Outra disse que *“o bairro ficaria no meio da BR”*. Houve consenso de que o centro do bairro era a praçinha do Instituto Nosso Lar, mas houve hesitação ao desenhar o mapa, pois, segundo eles, o bairro tem várias entradas. Houve insistência em fazer o mapa usando régua e observamos certa dificuldade na percepção de espaço.

A marcação das entradas ou do contorno do bairro e a definição de pontos de referência foram aspectos que exigiram negociação. Isso mostra que cada pessoa experimenta o bairro a seu modo e sua percepção sobre ele acompanha sua vivência e pontos de vista. Os mapas selecionados acima mostram os limites do Turmalina bem definidos, conformados pelas BR-116 e BR-381 (Figura 9).

Se por um lado há positividade em ser um bairro bem demarcado, facilmente identificado, como mostram os mapas elaborados pelas turmas, ao pensarmos nesses limites como barreiras,

eles acabam separando excessivamente as partes da cidade (LYNCH, 1999).

¹⁹ Registros de falas dos(as) alunos(as) durante as oficinas de elaboração dos mapas.

Figura 9 – O bairro Turmalina entre duas rodovias: BR-116 e BR-381

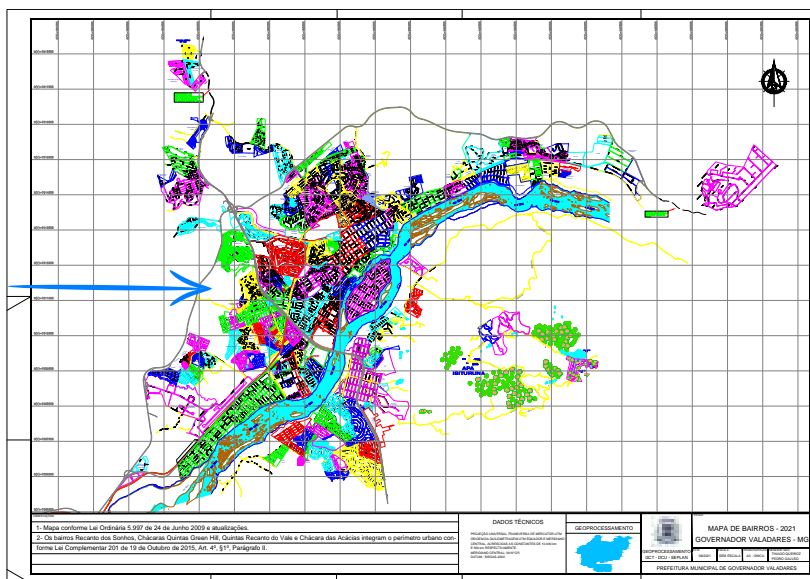


Fonte: Disponível em: <https://mapasapp.com/mapa-interativo?lat=-18.8549317&lng=-41.95592329999999&zoom=10>. Acesso em: nov. 2023.

Pode-se dizer que é essa dinâmica que aqui acontece: o Turmalina acaba separado da cidade - e esta, desse. No decorrer das oficinas, os(as) estudantes contam sobre as excepcionais idas ao centro de Governador Valadares, à *cidade* além dos bairros contíguos. O bairro Jardim Pérola aparece como lugar privilegiado nesse sentido, pois abriga uma pista de caminhada, além das academias, algumas frequentadas pelos/as alunos/as. Assim, resolve-se uma das deficiências reconhecidas no Turmalina, já que “*está pertinho, uns dez, quinze minutos de caminhada*” (fala de uma aluna durante as oficinas, 2023).

Na elaboração dos mapas, a escolha por situar a parte baixa do bairro (área militar) foi predominante. Um ou outro aluno/a disse morar na parte alta ou que tem parentes lá (avó, tios...), mas, assim mesmo, a parte baixa foi a que prevaleceu mapeada. Em geral, a referência à parte alta foi dirigida aos “morros da caixa d’água” (referido como *MDC*) e “da paróquia” (referido como *MDP*), locais de passagem e acesso a várias partes do bairro.

Figura 10 – O bairro Turmalina no mapa de Governador Valadares (indicado pela seta)



Fonte: Prefeitura Municipal/GV. Disponível em: https://www.valadares.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/?cdLoCal=2&arquivo=%7B805AD236-CC46-1A8B-AA1D-E0EABAA3BD8C%7D.pdf. Acesso em: nov. 2023.

Essa representação provoca, ao menos, duas reflexões não excludentes. Primeiramente, pode-se pensar que a representação da parte mais bem equipada mostre uma idealização do bairro como um todo. Em segundo, que as referências principais dos estudantes que participaram estão localizadas nessa parte. O Instituto, o Brilho Turmalina, a av. Coqueiral, a praça próxima ao Instituto são referências comuns. O lixão também aparece nos mapas como um lugar à margem, inclusive do bairro.

O lixão mereceria uma discussão mais aprofundada, pois reconhecemos que sua presença, assim como os altos índices de violência noticiados sobre o Turmalina, criam uma certa rejeição ao lugar, e o sentimento de pertencimento é sombreado por um sentido pejorativo, que diminui o reconhecimento do bairro como seu lugar e o apego dos estudantes a ele (GUIMARÃES; PEREIRA, 2020).

Entretanto, como nossa intenção se limita aqui a buscar dados históricos e de infraestrutura junto aos estudantes envolvidos, faremos somente algumas observações. Primeiramente, entendemos que o *lixão*, como ficou conhecido esse depósito de lixo de todo tipo, acabou por também fazer parte da história e da formação do Turmalina, pois desde o final da década de 1980 a mesma área foi utilizada dessa forma. Desde então, diversas intervenções foram realizadas pelo poder público municipal, sem, contudo, realizar em um local adequado a prometida construção de aterro específico, de acordo com as recomendações sanitárias.

Muitas famílias do Turmalina e de outros bairros viviam da catação e venda de material retirado do *lixão*. O seu fechamento pela Prefeitura Municipal, em 2012, com impedimento das pessoas de fazerem a catação, foi seguido, após lutas e reivindicações populares, pela abertura da primeira associação de catadores de reciclados de Governador Valadares, a Ascanavi (Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis Natureza Viva)²⁰.

Atualmente, o antigo *lixão* serve de área de transbordo do município de Governador Valadares. Ou seja, os caminhões de coleta ali deixam o lixo coletado na cidade para depois ser levado ao aterro sanitário de Santana do Paraíso, onde é devidamente acomodado²¹. Entretanto, hoje em dia, muitas famílias do Turmalina e entorno voltaram à atividade de catação como forma de geração de renda²². Um aluno participante, ao ser questionado sobre o que as pessoas fazem naquela área, respondeu prontamente: “*elas trabalham lá*”.

Encerramos, com essas considerações abertas e não finais, pois tal como a

²⁰ Para saber mais sobre a ASCANAVI ver em: SOUZA, M. C. R. F. de; ALMEIDA, E. C. G. de; HOLLERBACH, J. D. G. (Org.). Reciclando palavras: a história da associação dos catadores de materiais recicláveis natureza viva - ASCANAVI. Governador Valadares: Parresia Comunicação, 2014.

²¹ Através de acordo feito entre as prefeituras de Governador Valadares e Santana do Paraíso, no Vale do Aço.

²² Ver notícia em: Famílias voltam ao 'lixão do Turmalina' com a convivência do poder público. Disponível em: <https://oohar.com.br/familias-voltam-ao-lixao-do-turmalina-com-convencia-do-poder-publico>. Acesso em: 12 set. 2023.

feitura dos mapas é um processo sempre aberto e inacabado, a construção do bairro e, logo, das relações de cada um com este, também é assim. Se a rejeição aparece como discurso unânime em uma leitura mais ampla, mas introdutória, no cotidiano, no caminho entre casa e escola, nos jogos de bola no fim de tarde ou nos encontros nos espetinhos que nomeiam as praças, os sentimentos são outros: pertencimento, identidade e conforto.

Figura 11 – *Graffiti*²³ de autoria desconhecida.



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

²³ O termo graffiti (plural de graffito) é utilizado, neste texto e em todo o ebook, como significado de frases ou desenhos feitos em muros ou paredes de locais públicos e está escrito em itálico por se tratar de um estrangeirismo italiano. A escolha pelo termo está atrelada ao uso mais comum entre os/as artistas locais, tanto para o singular como para o plural. Em contrapartida, o termo francês ‘grafite’ remete ao mineral de cor negra utilizado no fabrico de lápis. Outras informações disponíveis em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/os-graffiti/11701>. Acesso em: 4 jul. 2023.

O cotidiano aparece assim, não capturado em frestas no discurso, nos sorrisos que permeiam os casos das brincadeiras e travessuras pelas ruas, nas disputas pelas histórias do bairro, tão presentes no momento de desenho dos mapas, no pertencimento revelado nas caminhadas, quando a oposição entre trajetos permitidos e não permitidos

invadem a alegria da experiência, lembrando da violência que assombra aquele dia a dia.

Mesmo assim, como nos ensina o *grafitti* (Figura 11) de uma rua qualquer no Turmalina, apesar das dificuldades vividas no bairro, vale a pena insistir e lutar por ele.

REFERÊNCIAS

ARANTES NETO, Antônio Augusto. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

CENTRO DE ESTUDOS DE CRIMINALIDADE E SEGURANÇA PÚBLICA (CRISP/UFMG), UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG); NÚCLEO DE ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA (NESP); FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP); INSTITUTO SOU DA PAZ. **Relatório de Pesquisa: Grupo 6 - SE 1 - 10 municípios e 2 unidades federadas (UFs): Belo Horizonte, Betim, Contagem, Governador Valadares, Juiz de Fora, Ribeirão das Neves, Uberlândia (MG) e Campinas, Guarulhos, São Paulo (SP)**. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/3114/1/41dinamica-homicidio-intencional-mg-sp.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Programa Estadual de Centros Intermediários: diagnóstico Governador Valadares**. Belo Horizonte, 1980. (Mimeo)

GUIMARÃES, Cristiana Maria de Oliveira de; PEREIRA, Cláudio Alves. Um por todos e todos por um: relato de um projeto de extensão sobre produção de espaço urbano. **Revista Prática**

Docente, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 2051–2068, 2020. Disponível em: <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/413>. Acesso em: 10 ago. 2023.

JUD, Floriano. **Alegrias e desafios inesquecíveis na construção de uma nova paróquia na periferia de Governador Valadares**. Produção Independente: Governador Valadares, 2015.


LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, [1960] 1999.

MAYOL, Pierre. Morar. *In*: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 35-185.

PMGG. Trabalho Sériio. **Revista GV NEWS**. Ano 1. Nº 8. Outubro de 1993. Governador Valadares. sp.

SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de Souza; ALMEIDA, Erika Cristina Gomes de; HOLLERBACH, Joana Darc Germano (Org.). **Reciclando palavras: a história da associação dos catadores de materiais recicláveis natureza viva - ASCANAVI**. Governador Valadares: Parresia Comunicação, 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.



Cartografias de arte e cultura com jovens no bairro Turmalina

Parte quatro

4



Arts: Samuel Siqueira dos Reis Gonçalves

Ilustração: Samuel Siqueira dos Reis Gonçalves

4 CARTOGRAFIAS DE ARTE E CULTURA COM JOVENS NO BAIRRO TURMALINA

Karla Nascimento de Almeida

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza

Cartógrafos/as do 9º ano

Alice Rocha Brito Sampaio

Augusto Fraga de Paula

Cristofer Ramos de Figueiredo

Davi de Oliveira Reis Gonçalves

Eliton Jardim Leite

Gabriel Almeida de Souza

Pedro Henrique Abreu do Amaral

Rian Gustavo Oliveira Silva

Prezado/a leitor/a, este texto é um convite para você entrar nos territórios da arte no bairro Turmalina, pelo olhar dos/as jovens estudantes que nos acompanharam nessa aventura, mesclado aos olhares das pesquisadoras, ambas apaixonadas pela arte, por assaltos poéticos²⁴, pelo projeto Anjos da Alegria²⁵, pelas miudezas da vida, pela poesia do cotidiano que nasce nos quintais, na conexão com a natureza, com as pessoas, com as palavras e vão nos aumentando durante o nosso (con)viver.

Nossa entrada no bairro iniciou-se de formas diferentes. Uma pesquisadora entrou de modo virtual acompanhando uma divulgação feita no grupo de pesquisa pelo WhatsApp, pela outra pesquisadora que estava na escola e compartilhou uma postagem sobre arte, envolvendo os estudantes. Era

²⁴ O Assalto Poético é uma iniciativa de fomento à leitura e à Literatura na Univale. Algumas ações podem ser conferidas no [Canal da Univale no YouTube](#).

²⁵ As ações do projeto Anjos da Alegria, da Universidade Vale do Rio Doce – Univale - podem ser conferidas na rede social Instagram: [@anjosdaalegriaunivale](#).

uma apresentação cheia de estilo e energia, que contagiava quem estava fisicamente presente e quem acompanhava pela postagem no Instagram²⁶, em que três estudantes se apresentaram dançando em frente ao Instituto Nosso Lar²⁷.

Extrapolando a tela, a busca presencial por conhecer arte no Turmalina se deu por meio de diferentes momentos: uma caminhada com estudantes pelo entorno da escola, conversas e encontros com as turmas, com o professor de música e com um grupo de estudantes, ilustradores deste e-book, que contribuíram para mapear experiências de arte na escola e fora dela.

Música, ritmo, corporeidade, *graffiti* são algumas experiências artísticas dos/as jovens em seus territórios vividos e educativos, cartografadas nos movimentos da pesquisa, como um mapa de sentidos, aberto e dinâmico no espaço-tempo, não se pretendendo definitivo e acabado com a produção deste texto.

Compreendemos que “a experiência é sempre de alguém, subjetiva, é sempre daqui e de agora, contextual, infinita, provisória, sensível, mortal, de carne e osso como a própria vida” (LARROSA, 2016, p. 40). Por isso, nosso desejo é que a prosa permaneça aberta para que você junte a ela outros olhares e percepções, em diálogo com suas experiências de arte no Turmalina.

²⁶ Post da rede social Instagram, disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CieI0qs0Bg/?igshid=M3A0MT%20A2bzY5NnY5>.

²⁷ O Instituto Nosso Lar - INLAR é uma entidade não governamental sem fins lucrativos, que atua no bairro Turmalina como Organização de Assistência Social, tendo como público-alvo pessoas e famílias em situação de vulnerabilidade pessoal e social. Disponível em: <https://institutonossolargv.org.br/>.

EXPLORANDO O ENTORNO DA ESCOLA - CARTOGRAFIA DE PERCURSO

“É preciso acabar com essa história de que cultura é uma coisa extraordinária. Cultura é ordinária. Cultura é igual feijão com arroz, é necessidade básica!”

(Gilberto Gil)

Nossa perspectiva de cultura (e de arte), assumida neste texto, é a mesma apresentada na epígrafe que abre esta seção, proferida por Gilberto Gil, durante uma entrevista na Feira Literária de Paraty, em 2003, época em que o músico e compositor baiano também atuava como ministro da Cultura do Brasil. A cultura como algo “ordinário”, que está presente no dia a dia, nos saberes e fazeres das pessoas em seus cotidianos e que deve ser considerada como necessidade básica²⁸, como expressão de vida. É esse olhar que direcionou nossos movimentos da pesquisa com os/as jovens no Turmalina.

Considerando o protagonismo dos/as jovens estudantes, moradores/as do bairro e, portanto, conhecedores do território, um dos movimentos da pesquisa foi mapear o trajeto que seria realizado no dia da caminhada com o grupo. A presença de uma bolsista de iniciação científica, moradora do bairro, foi essencial para otimizar o tempo e incluir pontos que nos permitissem dialogar sobre arte com os/as estudantes.

Com o roteiro em mãos, o grupo de oito estudantes, uma bolsista, duas pesquisadoras e a professora Adriana Lopes Brasil, da escola Ivo de Tassis, iniciou o trajeto de pouco mais de um quilômetro, passando por uma praça, pela Creche Brilho de Turmalina e pelo Instituto Nosso Lar. Durante a caminhada, íamos conversando sobre os

²⁸ Como mencionado na entrevista de Gilberto Gil, na Feira Literária de Paraty, em 2003, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qeb2L3oZpzc>. Acesso em: 05 nov. 2023.

sinais de arte que eles viam no bairro, onde aconteciam algumas manifestações artísticas, e se conheciam algum/a artista no bairro.

Um dos questionamentos foi sobre o muro da escola, porque não tem pinturas realizadas com os/as estudantes. A estudante Alice explicou que parece haver uma padronização dos muros das escolas municipais, mas que seria bem legal que o muro fosse pintado por estudantes, pois ela mesma participou de oficinas de *graffiti* no Instituto Nosso Lar e contribuiu com a pintura de alguns painéis.

Observando o muro da escola (Figura 1), podemos perceber que os espaços que ainda restam com a pintura verde tornaram-se tela para pinturas feitas em carvão, possivelmente por crianças e jovens do entorno, bem como podemos perceber que o desgaste da pintura na cor verde revela o que a tinta escondia. Na imagem de fundo, podemos ver duas mãos com um coração no meio e acima da figura a inscrição: “a vida está em suas mãos”.

Figura 1 – Muro da escola



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Depois das andanças e conversas com os/as jovens, soubemos que a pintura foi feita como ação do Programa Fica Vivo!, um programa do Governo do Estado de prevenção à criminalidade, que atua no bairro com oferta de diferentes oficinas aos moradores, como handebol, basquete, futebol, maquiagem e esportes coletivos, frequentadas por alguns/as estudantes.

Durante a caminhada, poucos foram os espaços identificados pelos/as estudantes para a fruição cotidiana, para o lazer e os encontros dos jovens, sobressaindo as praças e uma quadra. A ausência de outros espaços e a precariedade dos existentes limitam as experiências dos jovens com o território, levando alguns estudantes e outros moradores a buscarem no bairro vizinho, Jardim Pérola, academias e outros espaços de lazer, como mencionado no texto da história que abre este e-book.

Ainda assim, a arte emerge viva nas ruas e becos do bairro, tal como um rizoma, um caule subterrâneo que espalha suas brotações, a despeito de um ou outro broto que é cortado. Valemo-nos dessa imagem, transposta da Botânica para a Filosofia pelos filósofos Gilles Deleuze e Felix Guatarri, pela potência de nos remeter ao movimento, à abertura, a novas possibilidades.

Na caminhada, chegamos à quadra Q7 (Figura 2), encontrada em estado de abandono. As inscrições nos muros, pichados e grafitados, denunciam a ausência do poder público e anunciam a urgência de um tempo de consideração com a diversidade e respeito a todos.

Figura 2 – Quadra Q7



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Para as/os estudantes, a quadra é “um ponto de referência para as pessoas do bairro, usada para ponto de encontro, esportes e lazer”, e apesar da ausência do cuidado pelo poder público, “a

quadra Q7 é muito usada pelo bairro”, como registrado em cartaz, após a caminhada com os/as jovens.

Uma das provocações feitas por uma das pesquisadoras durante a caminhada foi com relação às pinturas no muro da Creche Brilho de Turmalina (Figura 3), onde aparecem 7 crianças brincando. Todas as crianças representadas nos desenhos são de pele clara ignorando a diversidade racial no bairro, que podemos identificar em nossas andanças e contatos com estudantes da escola, em desconsideração à presença de pardos e pretos²⁹. Embora os estudantes não tenham feito muitos comentários, dizendo que o motivo para as pinturas estarem assim era “a falta de habilidade do pintor”, que “não sabia desenhar direito”, provocamos reflexões sobre a diferença da pintura no muro e dos *graffiti* avistados pelo trajeto. O estudante Eliton reforçou que os *graffiti* são mais que uma pintura, que eles também incluem frases para passar suas mensagens, “que levam a gente a pensar, né, tipo no preconceito, no racismo”.

Figura 3 – Muro da Creche Brilho de Turmalina



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Em conversa com a turma, após o retorno da caminhada, a estudante Ana Flávia amplia a reflexão iniciada por Eliton, a partir do *graffiti* “Respeite as mina”, observado pelos/as estudantes:

²⁹ Essa tipificação em brancos, pardos e pretos é utilizada pelo IBGE nas pesquisas sobre cor ou raça da população brasileira, tomando como base o modo como as pessoas se autodeclaram. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raça.html>. Acesso em: 22 nov. 2023.

“Oh, o que tem de feminicídio, o número de mulher que morre e que apanha de homem, é isso mesmo, tem que respeitar as mina, ser contra agressão”. A indignação de Ana Flávia confirma os números coletados pelo Laboratório de Estudos de Feminicídios (LESFEM), que registrou de janeiro a setembro de 2023, 1.592 feminicídios consumados em todo o Brasil.

O LESFEM é um espaço de pesquisa interdisciplinar que reúne pesquisadoras e pesquisadores, profissionais e estudantes da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Coletivo Feminino Plural (CFP) e Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres de Londrina (SMPM). O objetivo é produzir e analisar dados sobre crimes de feminicídios, consumados e tentados, no Brasil, com a finalidade de contribuir para o monitoramento e visibilização do fenômeno e para a melhoria da qualidade das estatísticas oficiais e da resposta da sociedade e do Estado ao enfrentamento à violência contra mulheres e meninas, considerando-se os três pilares dessa política: prevenção, punição e restituição de direitos. Disponível em: <https://sites.uel.br/lesfem/quem-somos/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

Outros *graffiti* se destacam nos muros do Instituto Nosso Lar (Figura 4) em meio à paisagem do bairro. Nesse território educativo, são realizadas ações sociais, oficinas, como as de *graffiti*, que a estudante Alice frequentou, chegando a contribuir para o desenho que ela chama de “Reciclagem”.

“Nosso querido desenho. Essa foi nossa primeira pintura. Foi na oficina de graffiti. A primeira proposta desse daqui é passar uma mensagem para o povo, que é para reciclar, que o nosso mundo maravilhoso precisa ser cuidado, precisa cuidar da sua saúde, da Terra. Por isso que a Terra está mais verde. Tá vendo? Porque geralmente ela é verde desse jeito? Não. Mas assim fizemos como se fosse, para passar essa mensagem” (Alice, diário de campo, 2023).

Sobre o *graffiti* à direita da imagem, a estudante explica que:

“O lado de lá (referindo-se à parte esquerda da pintura, em escala de cinza) está vendo ali essas fumaças saídas desse lado é para mostrar o quanto o mundo tá. No caso ruim, sabe? E o lado de cá (referindo-se à parte direita da pintura, em tons coloridos) é mostrar o quanto seria o mundo mais belo se a gente cuidasse” (Alice, diário de campo, 2023).

Figura 4 – Graffiti no Muro do Instituto Nosso Lar



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Após dialogar com a estudante sobre a proposta dos *graffiti*, de provocar nas pessoas que passam por ali reflexões sobre o meio ambiente, uma das pesquisadoras perguntou à estudante se ao olhar para a pintura naquele momento ela sentia falta de algo que não está presente em nenhum dos lados grafitados. *“Você acha que está faltando algum elemento tanto aqui, quanto ali que contribui para a destruição ou a preservação do ambiente?”* E então ela pensou um pouco e disse: *“as pessoas, as pessoas, não é?”*

A reflexão de Alice, após observar novamente o *graffiti*, nos remete às novas possibilidades de leitura, às novas interpretações que o contato com a arte nos desperta, nos provoca, nos desafia, nos permitindo ver de outra forma, com novos olhares, nos fazendo viver/reviver diferentes emoções. A arte como processo aberto de infinitas significações que se concretizam a partir da relação que cada um estabelece com ela, em diferentes tempos e espaços!

Durante todo o trajeto, estudantes apontavam o que para eles e elas despertava sentimentos, fosse ao olhar para um muro, para o brasão de um time de futebol estampado no portão, para as muitas barbearias e suas paredes com desenhos estilizados ou ainda para uma bicicleta de quadro bastante longo, instalada no canteiro central de uma das ruas e carregada de plantas (Figura 5).

Figura 5 – Bicicleta Jardineira



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Ao buscarmos informações sobre quem havia ressignificado a bicicleta, localizamos em frente a esse canteiro um estabelecimento para consertos de bicicletas, cujo mecânico responsável foi o autor dessa “obra de arte”. Assim, para os/as estudantes e para nós, a arte e a cultura não são coisas extraordinárias, mas ordinárias, miúdas, que brotam na feitura do cotidiano, a partir de nossa interação com os objetos do mundo, ressignificando-os. A bicicleta, agora sem utilidade para transportar pessoas e/ou mercadorias de um lugar para outro, se converte em um objeto artístico que amamos porque nos dá prazer e alegria (ALVES, 2014), ou seja, por pura fruição.

UM CALDEIRÃO DE RITMOS: VIVÊNCIAS DE MÚSICA DENTRO E FORA DA ESCOLA

“A arte que eu curto mais é música do Gustavo Lima, Zé Felipe e um pouco de funk me deixa mais alegre”!

(Eliton Jardim Leite)

Para além da caminhada com os/as jovens por algumas ruas do entorno da escola, outro movimento da pesquisa buscou levantar as vivências de arte na escola e fora da escola (Figura 6). Uma das pesquisadoras levou para a sala de aula diferentes objetos: livros, revistas em quadrinhos, fotografias, CDs, DVDs, uma pintura e uma caixa de som.

Figura 6 - Registros de estudantes sobre suas experiências artísticas



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

A cada objeto mostrado aos/às jovens, a pesquisadora indagava sobre a linguagem utilizada e o que cada uma despertava neles/as. Assim, diferentes olhares, percepções e sentimentos foram tecendo os fios da prosa e dos silêncios sobre os espaços de vivência da arte no bairro, evidenciando ausências e precariedades que reforçam experiências dos/as jovens em ambientes fechados, casa ou escola, na contramão daquelas que ampliam o vínculo com a cidade.

As experiências de arte fora da escola, em grande medida, se convertem em consumo de arte, sobretudo de filmes e séries, muitos desses em plataformas de streaming por assinatura que requerem conexão à internet.

A pichação e os *graffiti* foram elencados pelos/as jovens como as principais manifestações artísticas presentes no bairro, expressando imagens e palavras de ordem por meio de sua estética visual e política, como já destacamos anteriormente.

Já na escola, mais que livros, desenhos e pinturas na biblioteca e aulas de arte, a música se destaca como instrumento central das experiências juvenis. É o tom que dita o ritmo da conversa, despertando alegria entre os/as jovens, como descrito pelo estudante Eliton, na epígrafe que abre esta seção.

É na sala de aula mesmo que o professor Boni puxa a percussão, batendo as mãos na mesa, e interroga os/as estudantes sobre os ritmos produzidos. Samba-reggae, rock, funk, forró, sertanejo e hip-hop são reconhecidos e apreciados pelos estudantes, que para além de apreciar, também fazem música na escola.

Em outro momento de conversa, fora da sala de aula, o professor Boni contou que busca conhecer o gosto musical dos/das estudantes para, a partir de então, propor outros conhecimentos e apresentar novidades e novos instrumentos, *“hora uma bateria ora um baixo, uma guitarra, um instrumento de percussão, partindo sempre da parte prática, para que eles possam estar assim, realmente aprendendo, tendo contato com o instrumento, né?”* (Boni, diário de campo, 2023).

Os ritmos mais ouvidos pelos/as estudantes em suas casas são o funk, o sertanejo e o hip-hop, este último integrando os *graffiti*, as batalhas de rimas e vários estilos de dança, como a que os estudantes apresentaram em frente ao Instituto Nosso Lar, como mostramos no início deste texto.

Capturamos no exercício da cartografia, aguçando nossos sentidos, que a arte, em suas variadas expressões, é vivenciada e apreciada pelos/as jovens como um elemento de ludicidade,

de prazer e diversão, contribuindo para o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e da afetividade entre os/as estudantes. A arte como propiciadora de uma experiência do aqui e agora, de vivência do momento presente, ampliando a percepção de si, do outro e do território.

A corporeidade dos/as jovens emerge como suas expressões de arte, por meio da dança, das pedaladas de bicicleta pelo bairro, dos trajetos a pé, do futebol na quadra, dos exercícios na academia, em outro bairro, ou em casa com a calistenia, atividade apreciada pelo estudante Samuel.

O corpo para muito além do biológico, do instrumental, do mecânico, se faz corpo vivo, emocionado, integrado com seu espaço-tempo e com os objetos do mundo, produzindo no/com o território suas identidades corporais. O corpo como uma obra de arte e como reduto de resistência, de apropriação, de fazeres e saberes que expressam seus modos de vida, suas culturas e seus territórios.

A **calistenia** é uma prática de exercícios que tem como principal foco o domínio corporal, em que o praticante utiliza o peso do próprio corpo para realizar os exercícios de força. A palavra Calistenia é proveniente do grego “Kallos”, que significa beleza e “Sthenos”, que significa força. Disponível em: <https://www.calisteniabrasil.com.br/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

SEM PONTO FINAL

A cartografia da arte com jovens no Turmalina compôs um mosaico de cores em nosso mapa... mapeando possibilidades, saberes e fazeres: música, dança, jardinagem, pinturas em portões, corporeidade, *graffiti*, manifestações de arte nos territórios vividos e educativos. Mapa de cores diversas, de sons e silêncios, de presenças e ausências, de possíveis, e de limites que o espaço nos inflige.

Nos movimentos da pesquisa, mapeamos os sentimentos de alegria e prazer, bem como de dor, de medo e indignação diante da violência (femicídio) e da vulnerabilidade juvenil que tem abreviado a vida de jovens, sobretudo pretos e que vivem nas periferias de nossa cidade e das cidades do Brasil.

A arte, nesse contexto, mostra-se como fôlego de vida, como linha de fuga do espaço-tempo das ausências ou precariedades dos espaços de lazer, de fruição, de encontros como possibilidade de reinvenção de si mesmo, como elemento que une, que agrega, que provoca, que vincula o ser ao seu território, expressando por distintas linguagens o seu potencial humanizador/educador/transformador.

O que esperamos e desejamos, após esse breve mapeamento do que nos foi possível capturar com os/as jovens, é que a escola, assim como o bairro, como territórios educativos e vividos, sejam fomentadores de experiências de arte, considerando-a como um elemento ordinário da vida, como expressão da própria vida e como potencializadora de inéditos viáveis, na acepção Freiriana.

ENCONTROS COM UM PROFESSOR APAIXONADO PELA MÚSICA!

Wilson Rodrigues de Moura, artisticamente conhecido como Boni, é um apaixonado por instrumentos desde a adolescência, e já foi integrante de uma das principais bandas de Axé em Governador Valadares e região, em meados da década de 1990, a Banda Íris. A banda gravou CD e fez muitas apresentações em bailes de formatura, bares e comícios e quando estava para ganhar o país, o lado familiar falou mais forte, desistiram de ir para São Paulo priorizando ficar próximos da família, em Valadares.

Em 2012, Boni recebeu uma proposta para trabalhar no Programa Mais Educação, do qual faziam parte as Escolas em Tempo Integral do município de Governador Valadares. Diante dessa nova experiência, de músico a professor de Música, Boni destaca o desafio de estar em um espaço diferente do seu e de “mostrar pros meninos a arte da música, né? A beleza da música!”

Com muito esforço, paciência e incentivo das pessoas próximas e companheiros da escola, Boni completou 11 anos como professor de música, em agosto de 2023, com aulas que são amadas pelos/as estudantes. Para Boni, é até difícil falar sobre o que a música significa em sua vida, pois, segundo ele, elas são uma coisa só: “a música para mim é a minha vida, entendeu? A música para mim simplesmente é a minha vida. É o que eu amo, o que eu gosto de fazer. É o que eu tenho paixão...”, expressa entusiasmado o professor-músico.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer**. Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 1. 6. reimp. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

LARROSA, Jorge. **Tremores**. Escritos sobre experiência. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi, 1. ed. 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

“Tem muita árvore e tem muito mato”:

*O ambiente visto
pelo olhar dos/as
estudantes*

Parte cinco

5



Ass: Rom.

Ilustração: Rian Gustavo Oliveira Silva

5 “TEM MUITA ÁRVORE E TEM MUITO MATO”: O AMBIENTE VISTO PELO OLHAR DOS/AS ESTUDANTES

Eloísa Maria Ferreira de Almeida

Renata Bernardes Faria Campos

Cartógrafos/as do 9º ano

Abraão Henrique Natalício dos Santos

Caroline Graciele de Jesus Rocha

Emilly Gomes dos Santos

Ezequiel Bryan Santana Figueiredo

Rian Gustavo Oliveira Silva

Ryam Barbosa Pereira

Samuel Andrade de Souza

O INÍCIO DA NOSSA CONVERSA: “NÃO ATRAPALHA MEU AMBIENTE”

A primeira aproximação feita com os/as estudantes teve como objetivo refletir sobre o território/ambiente em que estão inseridos, bem como estreitar os laços entre as pesquisadoras e a turma (Figura 1). As pesquisadoras informaram ao grupo que o objetivo da pesquisa era conhecer o bairro Turmalina a partir do olhar da turma do 9º B. Para o início da conversa, foi feita a proposta de os/as estudantes produzirem desenhos cuja temática era “ambiente”. A opção pelo desenho se deu porque, durante a construção coletiva, os estudantes poderiam manifestar seu entendimento acerca do ambiente para além das palavras.

Assim, solicitamos aos estudantes que se organizassem em grupos com 5 ou 6 pessoas, e cada um recebeu uma folha de papel sulfite, lápis de cor e lápis preto para que fizesse um desenho do que entende por ambiente. Após um sinal das pesquisadoras,

o desenho seria passado para o colega à direita; cada estudante completaria o desenho e passaria novamente adiante, até que o trabalho retornasse às mãos de quem o iniciou (Figura 2). Durante essa primeira etapa, o grupo fez reflexões e os estudantes teceram comentários do tipo “não atrapalha meu ambiente”, “não mexe na minha casa”, entre outros.

Figura 1 – Apresentação da proposta de pesquisa à turma do 9ºano B



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Figura 2 - Produção coletiva de desenhos do ambiente



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

AMBIENTE E TERRITÓRIO

Após a conclusão dos desenhos, os estudantes compartilharam em plenária os sentimentos desencadeados ao verem seus desenhos serem modificados de acordo com a visão do outro. Assim, os estudantes pontuaram a dificuldade de ver as transformações feitas no desenho e foi possível refletir que as mudanças também acontecem no ambiente pelas mãos dos seres humanos. As modificações feitas nos desenhos evidenciaram a ideia de que cada um tem expectativas e demandas particulares em relação ao ambiente. Contudo, é preciso compreender que o ambiente é fruto das interações da coletividade e se constrói e reconstrói com a participação de cada um, sendo “simultaneamente espaço e relações sociais” (SOUZA, 2019, p.38).

Durante o momento de elaboração dos desenhos, foi perceptível a atitude de controle sobre o próprio desenho/ambiente. A não utilização de cores também foi observada, juntamente com a delimitação da folha de sulfite por uma margem feita com régua, elemento presente na maior parte dos desenhos, e que alude aos limites que são postos no cotidiano desses estudantes. Embora não seja objetivo deste trabalho a análise do significado da falta de cores e da presença de limites, sabemos que os elementos presentes em desenhos de crianças e adolescentes podem trazer informações ou indicar situações que os afetam emocionalmente (SOUZA, 2011).

É importante ressaltar a atuação dos professores e monitores no auxílio à equipe de pesquisadoras, ajudando na realização das atividades solicitadas, ao contribuírem para a organização das carteiras nos espaços e reproduzirem as orientações feitas pela equipe de pesquisa. Foi relevante também a participação do monitor dos/as estudantes com necessidade de acompanhamento: dois dos três estudantes presentes participaram das atividades

(e disseram que foi bom participar, inclusive que gostaram do desenho), destacando a importância da inclusão e da realização do trabalho com equidade para o envolvimento de todos.

Posteriormente, a equipe de pesquisadores³⁰ do LEAS – Laboratório de Ecologia do Adoecimento e Saúde dos territórios – realizou, no laboratório, a análise dos desenhos, a fim de buscar elementos comuns. A apreciação dos desenhos se deu a partir do ambiente como categoria de análise, de acordo com Matos (2009). (Quadro 1).

Quadro 1 – Categorização dos Desenhos – 9º Ano B

Categoria	Subcategorias	Nº de aparições	Porcentagem
Geografia Física	Sol	14	70%
	Chuva	01	5%
	Nuvens	16	80%
Fauna	Insetos	04	20%
	Aves	09	45%
	Mamíferos	03	15%
Flora	Árvores	12	60%
	Flores	03	15%
	Gramma	04	20%
	Fruto	06	30%
Figura humana	Mulher	02	10%
	Homem	08	40%
	Sem figura humana	12	60%
Construções	Casa	11	55%
	Interior da casa	03	15%
	Escola	03	15%
	Quadra	04	20%
	Comércios	04	20%
	Igreja	01	5%

³⁰ Pesquisadores participantes do LEAS: Eloísa Almeida, Henrique Rocha, Patrícia Barros, Renata Campos

Objetos	Brinquedos	06	30%
	Móveis e utensílios domésticos	08	40%
Presença de cores	Parcialmente (um elemento)	10	50%
	Sem colorido	10	50%
Formas Geométricas	Uso de régua no desenho	14	70%
	Delimitação do espaço (margem)	17	85%
Elementos alfanuméricos	Siglas, frase, palavras, números	09	45%
Atitudes	Violência (roubo)	02	10%
	Alegria (pessoas, sol, árvores, nuvens sorrindo)	09	45%

Fonte: Elaborado pelas autoras. Acervo da pesquisa de campo (2023).

Os elementos trazidos pelos estudantes com maior frequência nos levam à compreensão de que as árvores são um elemento presente de forma marcante no ambiente/território. Assim como o sol e as nuvens, é comum que as pessoas, as árvores, sobretudo aquelas árvores com frutos, mas algumas também com flores, sejam elencadas como parte do ambiente. A fauna, representada principalmente pelas aves, também faz parte de uma ideia generalizada de ambiente.

Embora elementos antropogênicos³¹ (SOUZA, 2019) como construções (casa, escola, quadra, comércio, igreja) e objetos (brinquedos, móveis e utensílios) estejam presentes nas produções, notamos que a maior parte dos desenhos não traz a

³¹ Efeitos, processos, objetos ou materiais antropogênicos (pt) ou antropogênicos (pt-BR) são aqueles derivados de atividades humanas, em oposição aos que ocorrem em ambientes naturais sem influência humana. Conferir: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/antropog%C3%AAnica/39433/>.

presença de pessoas. Assim, 12 (doze) desenhos apresentam figuras humanas e dentre os 10 (dez) desenhos nos quais há pessoas, notamos que a maioria das representações são do sexo masculino, sendo que somente 2 (dois) desenhos trazem as mulheres representadas como parte do ambiente.

Sobre as construções, observamos que os estudantes representam mais vezes a quadra do que a escola, indicando a importância desse espaço de esporte, lazer e socialização para os participantes. Da mesma forma, notamos que somente uma vez a igreja foi representada. Interessante observar, que a igreja católica ocupa uma posição espacial que permite que ela seja vista em grande parte do bairro e até mesmo em outros bairros. Além disso, não só a católica, mas muitas igrejas das mais diversas denominações estão presentes e são parte importante da organização histórica, política e cultural daquela comunidade e foram percebidas como parte do ambiente.

Logo após a discussão, os estudantes listaram pontos importantes de serem conhecidos no bairro Turmalina. Os pontos foram escolhidos a partir da provocação: *“onde é preciso ir para que alguém diga que conhece o Turmalina?”* Dessa forma, foram elencados os elementos expressivos para os estudantes no que diz respeito ao território, sobretudo na perspectiva ambiental. Com o auxílio de tarjetas, cada estudante criou uma lista de lugares, que foi compilada pelas pesquisadoras, identificando quantas vezes cada lugar foi citado. A lista nos ajudou a definir os pontos por onde faríamos uma caminhada pelo bairro. A caminhada nos ajudaria a conhecer o bairro a partir do olhar dos estudantes.

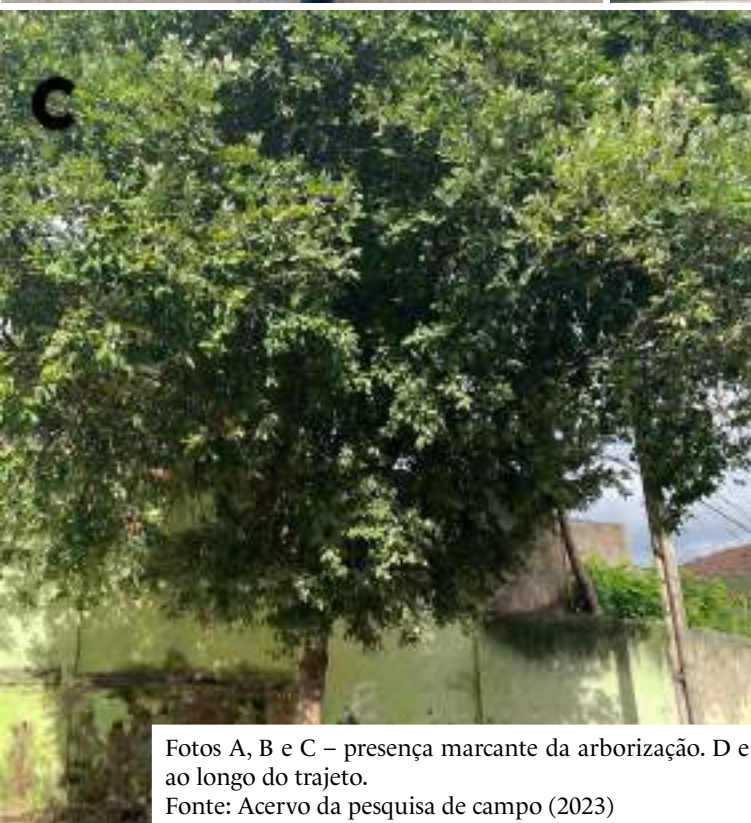
O lugar mais citado foi a praça do Instituto Nosso Lar, onde também funciona a E. M. Daniel Alves Ajudarte, sendo apontada doze vezes, seguido da quadra que foi citada oito vezes e a paróquia,

o morro da caixa d'água e o supermercado Coqueiral, citados cinco vezes cada um. A distribuidora de alimentos (CEASA) e o lixão também foram mencionados mais de uma vez. (Quadro 2).

Quadro 2 – Lugares citados por estudantes do 9º ano B

Lugar	No de citações	Lugar	No de citações
Praça do Instituto	12	Creche Brilho	1
Quadra	8	Doce e Magia	1
Paróquia	5	Escola Ivo de Tassis	1
Morro da Caixa d'água	5	Farmácia do Juninho	1
Supermercado Coqueiral	5	Lagoa	1
Ceasa	3	Lanchonete do Gaguim	1
Lixão	2	Loja Maira Looks	1
Açaí da Praça	1	Espetinho da Lúcia	1
Adilson Lanches	1	Padaria Cambuí	1
Área Militar	1	Pastelaria	1
Ascanavi	1	Pizzaria	1
Barbearia Nolasco	1	Posto de saúde	1
Bar do Thiago	1	Salão Globo	1
Bar do Zé	1	Sorveteria Sonhos	1
Cantinho do Lanche	1	Voo Livre	1
Célia Salgados	1		

Fonte: Elaborado pelas autoras. Acervo da pesquisa de campo (2023).



Fotos A, B e C – presença marcante da arborização. D e E – presença de animais ao longo do trajeto.

Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023)

A CAMINHADA: “AS PRAÇAS DAQUI SÃO TODAS SEM NOME”

A caminhada ficou marcada para os dias 27 e 28 de junho, sendo a turma do 9º ano A no dia 27 e o 9º ano B no dia 28, com todas as especificidades que o evento exige, previamente preparado pelos organizadores: pesquisadores, professores e demais funcionários que colaboraram para a pesquisa em questão. A turma foi dividida em grupos de acordo com os recortes/entradas, participando conosco na equipe “Ambiente” os estudantes: Abraão Santos, Carolaine Rocha, Êmily Gomes, Ezequiel Figueiredo, Rian Barbosa, Rian Gustavo e Samuel Andrade.

O itinerário definido para a caminhada contemplou parte dos pontos mais citados pelos estudantes: praça do Instituto, a quadra e o supermercado Coqueiral. O morro da caixa d’água está entre os mais citados, mas não pôde ser incluído no itinerário em função da distância e do pouco tempo para a caminhada. Ainda assim, outros pontos como a paróquia, o Ceasa e o lixão foram vistos dos lugares por onde passamos. Além disso, pontos menos citados também foram contemplados no itinerário, como, por exemplo, a própria escola, a creche, a farmácia e o açaí da praça. Além dos pontos citados, as pesquisadoras indicaram pontos que contribuiriam para conhecer esses espaços importantes para o ambiente do bairro, nomeadamente Associação de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis Natureza Viva (ASCANAVI) e o Eco ponto.

Iniciamos a caminhada observando o entorno da escola e o quanto a rua, bem como o bairro, são arborizados. Na descida da rua Escumilha, onde fica a escola, nos deparamos com muitos animais como cachorro, gato, pombo, maritaca e urubu. Durante todo o trajeto, outros animais foram encontrados (Figura 3).

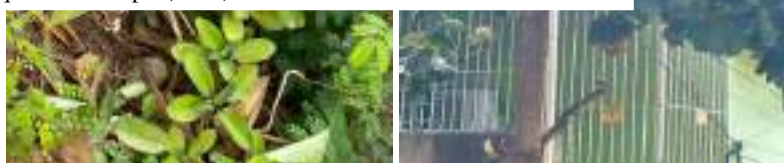


Figura 4 - Algumas das plantas observadas pelo grupo durante a caminhada



A – Cana-da-índia amarela, B – ipoema, C – rosa, D – maxixe, E – noni, F – cajá-manga, G – plantas medicinais (saião, erva-cidreira, quebra-pedra), H – castanheira.

Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023)



Os estudantes observaram as atitudes das pessoas com relação à limpeza e varrição da porta da casa, a organização do lixo nas lixeiras e como estes eram separados, visto que era dia de coleta regular do lixo. Uma estudante (Caroline) conversou com uma moradora nesse momento e foi informada de que a coleta regular do lixo doméstico (resíduos úmidos) acontece às segundas, quartas e sextas-feiras; a coleta seletiva de materiais recicláveis se dá às terças e quintas-feiras. Outra situação abordada foi a falta de água que, segundo a moradora, era um problema que acontecia com frequência. No entanto, hoje em dia, esse problema foi minimizado, ocorrendo esporadicamente.

Nas imediações do canal (córrego), que fica no centro do bairro, observamos uma horta feita pelos moradores. Notamos a presença de pés de mandioca, feijão, quiabo, maxixe, couve, alface, cebolinha; plantas frutíferas como castanheira, bananeira, acerola, goiaba, noni, guaraná, cajá-manga; plantas ornamentais como pata-de-vaca, bougainville, rosa-do-deserto, tulipa, rosa, sakura (cerejeira); e plantas medicinais como dendezeiro e menta fizeram parte da vegetação que compõe o bairro Turmalina, mesmo sendo esse bairro rodeado por duas BRs de importância para o trânsito e a mobilidade na cidade de Governador Valadares (Figura 4).

Percebemos que o bairro tem algumas praças e até fizemos algumas paradas para tirar fotos, descansar, conversar e fazer reflexões também (Figura 5). A primeira praça onde passamos foi a praça Coqueiral (próxima ao supermercado Coqueiral), posteriormente, a praça do Instituto (próxima ao Instituto Nosso Lar) e, por último, a praça próxima ao lixão. Os estudantes comentaram que as praças do bairro não têm nome e que se referem a elas a partir das instituições e comércios que ficam próximos, como costumam naturalmente ouvir dos moradores em geral (Figura 5).

Figura 5 – Momento de pausa para conversa sobre o que vimos durante a caminhada



Grupo reunido na praça próxima à avenida Coqueiral (Canto superior esquerdo/ Inferior centralizado). Caminhão da coleta de lixo que passou pelo grupo durante a caminhada (Canto superior direito). Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Enquanto refletíamos sobre os nomes das praças e a riqueza de elementos observados na caminhada, o caminhão da coleta seletiva passou por nós e o grupo observou e conversou sobre a maneira como os garis realizam o trabalho de coleta do lixo nos bairros da cidade.

Na área central, após passar pelo Instituto Nosso Lar, dá para ver a igreja católica que tem uma história de força e importância na construção do bairro Turmalina, por meio da participação efetiva dos padres na comunidade (JUD, 2015).

Chegando às imediações da área onde os estudantes reconhecem como “lixão”, nos aproximamos de estruturas relacionadas à destinação dos resíduos sólidos urbanos, desconhecidas pela maior parte dos estudantes, sobretudo os seus funcionamentos. São elas: a ASCANAVI, o Ecoponto e a Estação de Transbordo do município. Este é para nós um aspecto marcante: como essa destinação dos diferentes tipos de resíduos está inserida no bairro e nas suas imediações, afeta a vida dos moradores e ainda assim é pouco conhecida pelos estudantes.

Dessa forma, notamos que o espaço reconhecido como “lixão” é a área da Estação de Transbordo Municipal por onde passa a maior parte dos resíduos sólidos urbanos de Governador Valadares antes de ser levada para o aterro, situado na cidade de Santana do Paraíso, que fica a cerca de 100km distante. Embora a estação não seja um lugar onde os resíduos devam permanecer, o fato é que muitas pessoas coletam materiais recicláveis nesse estabelecimento, de modo irregular. Essa atividade complementa a renda de muitas famílias, mas oferece uma série de riscos para a saúde das pessoas (incluindo crianças e adolescentes) que ali permanecem e fazem a separação dos materiais, sem uso de quaisquer equipamentos de proteção individual.

A ASCANAVI (Associação de Catadores de Materiais Recicláveis Natureza Viva), situada no Turmalina, emprega dezenas de pessoas, sendo que muitos estudantes têm parentes que trabalham ali. Essas pessoas trabalham na separação de materiais recicláveis, fazendo a destinação correta destes, o que colabora com as famílias e propicia cuidado com o meio ambiente (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014).

A figura 6, a seguir, apresenta a logomarca dessa associação, produzida coletivamente pelas catadoras e catadores, há mais de 20 anos, quando a ASCANAVI foi criada. A história da associação é parte da história do bairro e o trabalho de catadoras e catadores da ASCANAVI contribui com o ambiente, na coleta dos materiais recicláveis, na reciclagem, realiza ações formativas em escolas e outros espaços e recebe estudantes da educação básica ao ensino superior, que podem conhecer a associação e aprender sobre o ambiente e sobre cooperativismo.

Figura 6 – Logomarcas da Ascanavi



Esquerda: marca criada na ocasião da formação da associação. Direita: selo criado em comemoração dos 20 anos da associação. Fonte: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1162205300556472&set=a.216138634111336&locale=pt_BR. Acesso em: 6 dez. 2023/.

Quer saber mais sobre a ASCANAVI?

Confira as redes sociais:

No Instagram [@ascanavigv](https://www.instagram.com/ascanavigv/) ou pelo link <https://www.instagram.com/ascanavigv/>. No Facebook https://www.facebook.com/ascanavigv/?locale=pt_BR. Para falar com a Ascanavi: 32756435

Por fim, o Ecoponto, que embora tenha como objetivo possibilitar a destinação correta de materiais que não podem ser levados junto com o lixo doméstico, evitando seu abandono em ruas, calçadas e terrenos baldios, encontra-se cercado por grande quantidade de lixo (Figura 7).

Segundo o projeto, o Ecoponto foi criado para enfrentar o problema de disposição inadequada de resíduos de construção, demolição, resíduos volumosos e podas no município de Governador Valadares (COELHO, 2019). Ele tem como objetivo ofertar à população a infraestrutura adequada para recepção de resíduos volumosos de pequenos geradores e para transbordo dos resíduos gerados nos serviços de limpeza urbana.

Você sabe o que é um ECOPONTO?

São pontos de recebimento de pequenos volumes de resíduos da construção civil (entulho, vidro, madeira), resíduos volumosos (como sofás e colchões), restos de podas e recicláveis como sucata, papel e papelão. Os materiais entregues nos Ecopontos são encaminhados para locais adequados, evitando seu acúmulo em locais de descarte clandestino que colocam em risco a saúde de todos que vivem nas cidades

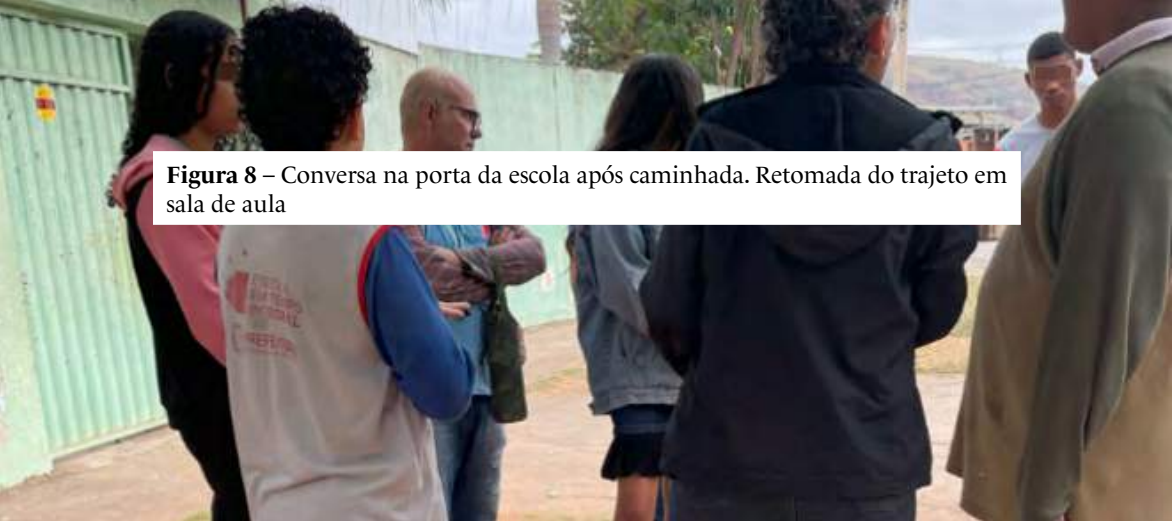
Figura 7 – Caminhada com os/as estudantes



No canto inferior direito, o grupo em conversa sobre o acúmulo de lixo, a área de transbordo municipal e a ASCANAVI. Nas demais, espaços por onde o grupo passou durante a caminhada.

Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023)

Figura 8 – Conversa na porta da escola após caminhada. Retomada do trajeto em sala de aula



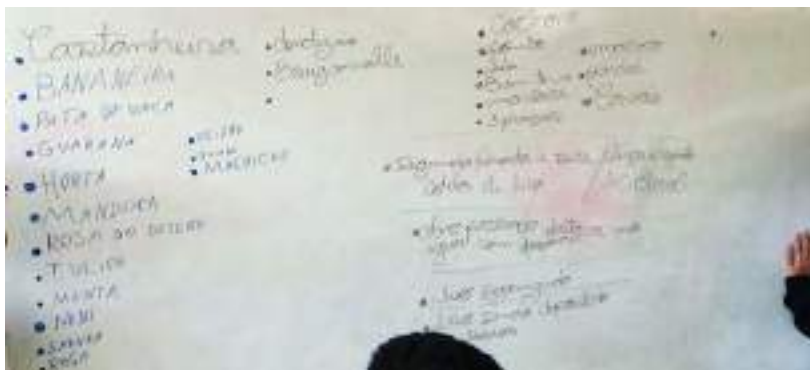
Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023)

AS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES

Após a caminhada que durou em média uma hora, voltamos para a escola e os estudantes tiveram oportunidade de conversar sobre as percepções que tiveram durante o trajeto. Dessa forma, ao final da caminhada, o grupo se reuniu na porta da escola e conversou sobre a atividade sistematizando a experiência. Em seguida, o grupo, já na sala de aula, recordou o trajeto por meio da marcação das mudanças no itinerário inicial (Figura 8).

Também recordaram as observações por meio de uma lista de animais e plantas analisados (Figura 9 e Quadro 3). Essas percepções foram apresentadas em plenária para a turma inteira do 9º ano B, sob o olhar dos pesquisadores e pesquisadoras. Assim, os estudantes analisaram o percurso anteriormente definido, a fim de estruturar a apresentação do grupo.

Figura 9 – Lista de animais e plantas observados durante a caminhada



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Quadro 3 – Categorias de observações feitas pelos estudantes do 9º ano B durante a caminhada

Categorias	Subcategorias
Plantas	Frutíferas: castanheira, bananeira, acerola, goiaba, noni, guaraná, cajá-manga.
	Ornamentais: pata-de-vaca, bougainville, rosa-do-deserto, tulipa, rosa, sakura(cerejeira)
	Hortaliças/leguminosas: mandioca, feijão, quiabo, maxixe, horta (couve, alface, cebolinha etc.)
	Medicinais e outros: dendezeiro, menta.
Animais	Mamíferos: gato, cachorro, cavalo, macaco.
	Aves: calopsita, rolinha, urubu, pombo, maritaca, bem-te-vi, pardal.
Pessoas	Moradores: separando e organizando o lixo para a coleta, transeuntes.
	Prestadores de serviços: garis, comerciantes.
Lugares	Comércios, residências, igrejas, ecoponto, quadra abandonada, praças

Fonte: Elaborado pelas autoras. Acervo da pesquisa de campo (2023).

O momento da apresentação foi enriquecedor, visto que propiciou a reflexão quanto à estrutura que o bairro Turmalina tem, os pontos positivos referentes à arborização, preocupação dos moradores com o meio ambiente, grande parte das ruas limpas e bem-cuidadas. Foi possível notar, no entanto, a divisão que há no bairro entre a área militar e o morro da caixa d'água, por exemplo, que já faz parte da estruturação desde que o bairro foi criado, sendo que uma parte demarcada foi destinada aos militares que não tinham residência própria e outra a profissionais do SEMOV – Serviço Municipal de Obras e Viação e SAAE – Serviço Autônomo de Água e Esgoto (JUD, 2015). No entanto, não tivemos oportunidade de conhecer a área do morro da caixa d'água, uma vez que é dificultoso sair com estudantes para além dos muros da

escola, e, por ser distante da escola (como citado anteriormente), não teríamos tempo hábil para fazer o percurso.

A participação dos estudantes em todas as fases da pesquisa foi muito relevante, pois ajudou as pesquisadoras e os pesquisadores com relação às informações percorridas, e, principalmente, na demonstração do sentimento de pertencimento por estudantes e moradores, do potencial de crescimento e perspectivas que os estudantes têm enquanto pessoas que podem contribuir para a transformação social daquele território, como explanado por Paulo Freire, ao afirmar que “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho, pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias” (FREIRE, 1979, p. 30).

Dessa maneira, ao longo da construção deste trabalho, os estudantes foram apresentando o ambiente do bairro, primeiro por meio de um desenho, depois com uma lista de lugares e equipamentos urbanos que foram percorridos pelo grupo. Todo esse processo de nos apresentar o bairro certamente favoreceu para que cada um “re-conhecesse” o próprio ambiente, onde as árvores e animais compartilham espaço com as pessoas, em um espaço dinâmico e cheio de vida. Também as plantas medicinais compartilham espaço com o lixo, com uma associação que colabora para a reciclagem, um espaço que deveria funcionar como uma área de transbordo municipal, mas que ainda funciona e é reconhecido para “lixão”.

Assim, nossa jornada revelou a presença de uma via de mão dupla entre os fatores que favorecem, ora a saúde e muito mais o adoecimento, que pode, então, ser repensada pelos cartógrafos que acompanhamos.

É possível, assim, não só um novo olhar capaz de valorizar os aspectos que contribuem para a vida e para a saúde, mas também uma inquietação capaz de construir e reconstruir o ambiente cada vez melhor para todos que ali vivem.

REFERÊNCIAS

COELHO, Arthur Campos. **Implantação de Ecopontos para recebimento de pequenos volumes de resíduos da construção civil e volumosos, na área de abrangência do município de Governador Valadares.** Secretaria Municipal de Obras. 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1979.

JUD, Floriano. **Alegrias e desafios inesquecíveis na construção de uma nova paróquia na periferia de Governador Valadares.** Produção Independente: Governador Valadares, 2015.

MATOS, Lila Francisca de Oliveira Reis. **Percepção Ambiental de Estudantes de uma escola da região central de Cuiabá, MT.** 2009. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2009. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-134005/percepcao-ambiental-de-estudantes-de-uma-escola-da-regiao-central-de-cuiaba-mt>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SOUZA, Audrey Setton Lopes de. O desenho como instrumento diagnóstico: reflexões a partir da psicanálise. **Boletim de Psicologia**, v. 61, n. 135, p. 207-215, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432011000200007. Acesso em: 15 dez. 2023.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Ambientes e territórios:** Uma introdução à Ecologia Política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2019.

SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de; ALMEIDA, Erika Christina Gomes de; HOLLERBACH, Joana D’Arc. **Reciclando palavras:** a história da associação dos catadores de materiais recicláveis natureza viva – ASCANAVI, narrada por catadoras e catadores. Paresia comunicações. 2014.



Estudantes conectados/as:

*Uso das
tecnologias digitais
de informação e
comunicação no
bairro Turmalina*

Parte seis

6

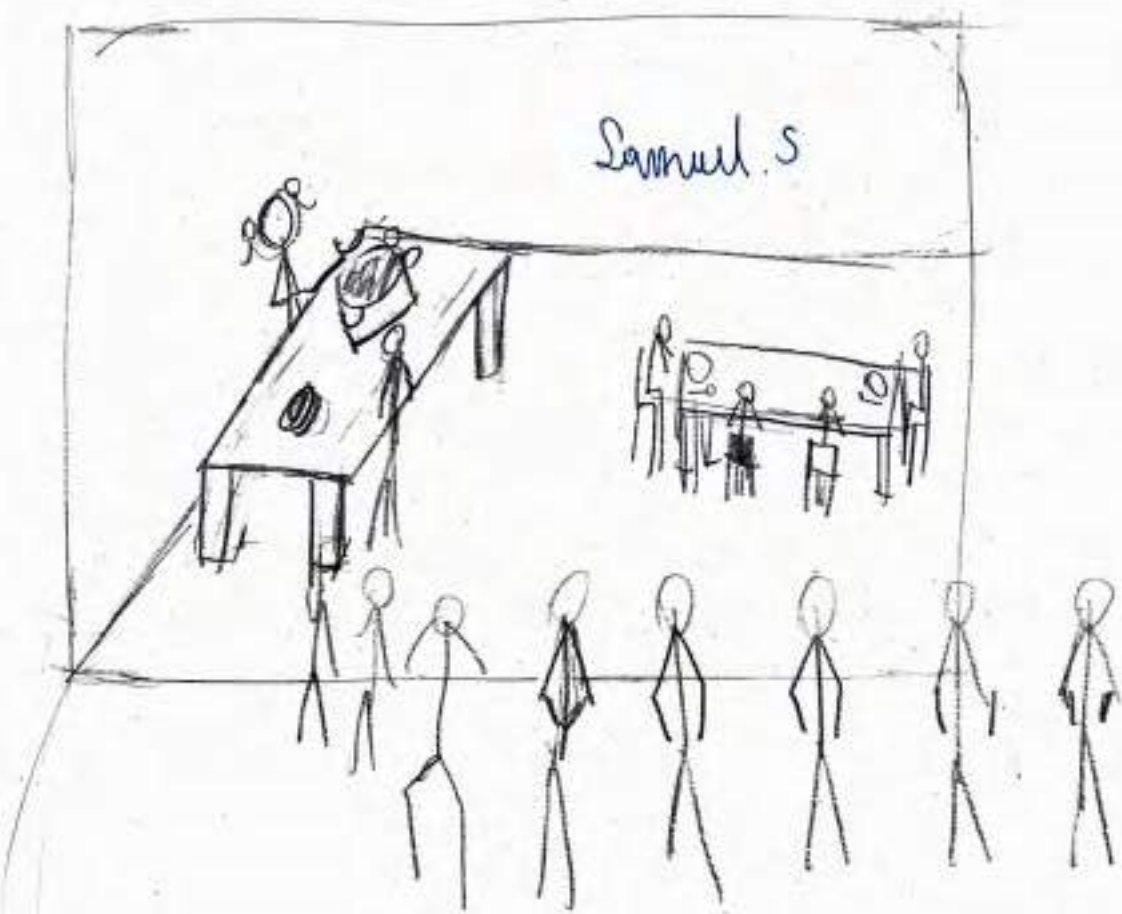


Ilustração: Samuel Siqueira dos Reis Gonçalves

6 ESTUDANTES CONECTADOS/AS: USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO BAIRRO TURMALINA

Andrea Cecília Moreno

Cristiane Mendes Netto

Wildma Mesquita Silva

Cartógrafos/as do 9º ano:

Caio Eduardo Rodrigues Gomes

Cristian Junior Vieira

Emanuel Caleb Gonçalves de Souza

Gabriel Robert Dias

Higor Samuel Santos Dias

Kauã Kevem

Kendrelly Raquel Soares da Silva

Mateus Ferreira dos Santos

Ryan Rodrigues

Iniciamos este capítulo com o convite feito pelo estudante Caleb na abertura do e-book: “vem aqui no Turmalina para aprender com a gente”. Foi com esse espírito que adentramos no bairro e na Escola Municipal Ivo de Tassis, na cidade de Governador Valadares, Minas Gerais. A forma como ingressamos no território da pesquisa foi inspirada na metodologia andante, pois entendemos que andar pelo bairro provoca um pensamento reflexivo capaz de captar “o visível (a indiscutível materialidade do espaço urbano, a sua presença física, abrindo e fechando possibilidades, oferecendo barreiras às apropriações, necessariamente finitas e enquadradas) ao invisível (memórias, sentimentos, sentidos)” (LOPES, 2017, p. 73).

Enquanto pesquisadoras, tivemos a oportunidade de cartografar os vividos do bairro e da escola em três momentos: junto com a

equipe de pesquisa, na oficina com os/as estudantes do 9º ano e durante a caminhada com os/as jovens dessa turma.

As rimas que abrem o nosso texto brotaram durante a atividade de pesquisa realizada com a turma, na qual percebemos abertura e receptividade dos/das jovens em nos acolher e contar sobre seus usos, percepções e experiências com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), dentro e fora da escola.

Imbuídas dessa hospitalidade, apresentamos, neste capítulo, o nosso percurso investigativo, pela descrição e análise dos registros cartográficos colhidos nos encontros com os/as jovens, durante os momentos compartilhados pelo bairro, na perspectiva relacionada ao acesso e uso das tecnologias.

CONEXÕES COM OS TERRITÓRIOS

Para nos aproximarmos do território de pesquisa, foram realizadas, como atividades de campo, duas caminhadas no bairro Turmalina, a fim de conhecermos o bairro e o entorno da Escola Municipal Ivo de Tassis, vivenciarmos os espaços e estreitarmos laços.

A primeira caminhada ocorreu em maio de 2023, no período da tarde, e foi promovida pelo grupo de pesquisa, com a presença dos pesquisadores, além de estudantes do curso de Pedagogia e do mestrado em Gestão Integrada do Território - GIT, ofertados pela Univale.

Foi estabelecido um trajeto a ser percorrido e, dessa forma, andamos pelas ruas observando as instalações físicas, construções, bairros, praças e circulação de pessoas. Pelo nosso interesse nas TDIC, observamos o território sob essa ótica, destacando, além das paisagens, os cabeamentos de internet e energia, a existência de antenas de televisão, placas de comunicação, como podemos conferir na Figura 1. Dessa experiência, constatamos que o local

visitado tem disponibilidade de energia elétrica e que as residências e o comércio aparentam fazer uso de TDIC no cotidiano.

Ao final do trajeto traçado, visitamos a Creche Brilho de Turmalina (Figura 2), onde conversamos com docentes e a equipe da escola sobre o bairro. Ao final das atividades de caminhada, realizamos uma roda de conversa em uma praça, em frente ao Instituto Nosso Lar. A caminhada nos proporcionou conhecer o bairro e realizar conexões com esse território. Por meio das conversas realizadas com pessoas que moram no bairro Turmalina e pelas reflexões do grupo de pesquisa, constatamos que há pessoas que se sentem satisfeitas e gratas pelas oportunidades de trabalho e moradia que o bairro oferece, demonstrando afeto pelo lugar, apesar das situações de violência e criminalidade que destacaram ocorrer no bairro.

A segunda caminhada aconteceu em junho de 2023, no período da manhã, com integrantes da equipe de pesquisa, juntamente com 23 estudantes do 9º ano da Escola Municipal Ivo de Tassis. A atividade iniciou em sala de aula, com a retomada de alguns conceitos e debates sobre as temáticas da pesquisa, além da realização dos combinados de organização para a caminhada.

Em atividades de pesquisa *in loco* com os/as estudantes, foram identificados locais/pontos do bairro que possibilitam o acesso à internet: papelaria com serviços de internet e impressão; praça Coqueiral com a tecnologia wi-fi dos comércios ao redor; bar/mercearia do Amaral. Dessa forma, o percurso inicial da caminhada foi feito para passar por esses locais/pontos. No entanto, ao iniciar a caminhada, os estudantes foram indicando outras rotas e lugares, gerando um novo percurso.

Figura 1 – Cabeamentos de energia, antenas e internet



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023)

Figura 2 – Creche Brilho de Turmalina



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023)

A Figura 3 apresenta o percurso inicial em azul e o percurso modificado em vermelho. Percorremos as ruas do bairro Turmalina observando os pontos e a existência de tais conexões com as Tecnologias de Informação e Comunicação.

Figura 3 – Percurso da caminhada



Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

A caminhada com os estudantes nos proporcionou muitas conversas e entrosamento com eles. Na figura 4, é possível observar momentos de interação entre os estudantes utilizando seus smartphones, bem como o acesso à internet por parte dos comerciantes, para oferecer serviços e vendas de produtos.

Após o trajeto realizado na caminhada, retornamos para a escola e houve uma pausa para o lanche e intervalo. Em seguida,

foi desenvolvida uma atividade reflexiva e de análise crítica sobre todos os pontos observados durante a caminhada (Figura 5).

Figura 5 - Reflexão sobre os principais pontos observados na caminhada



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Esse foi um rico momento de reflexão e descontração entre os/as participantes, o qual deixamos livre e propusemos que os/as estudantes usassem a criatividade para fazer os registros e construir um produto com as reflexões da caminhada e o uso e acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação. Os estudantes criaram um rap, que colocamos na abertura deste capítulo. Ao final das atividades na sala, foram socializadas as apresentações na quadra da escola para todos os participantes da pesquisa, conforme as entradas pesquisadas.

Figura 4 - Uso das TDIC para a comunicação e comércio



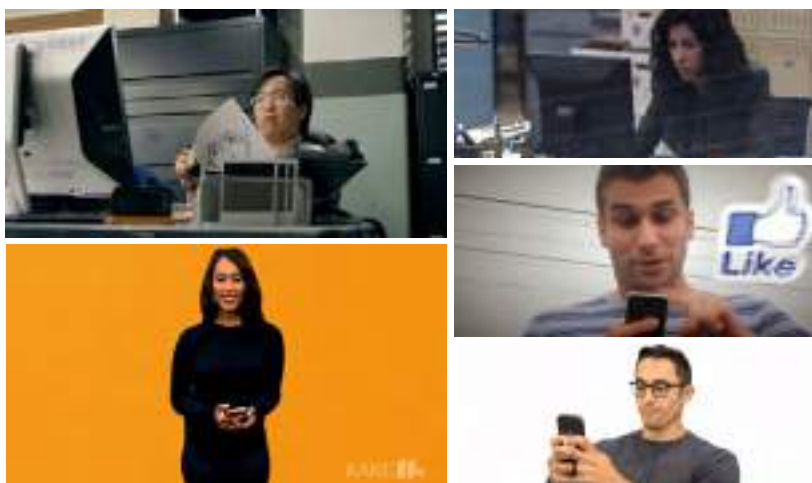
Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023)

AMPLIANDO AS CONEXÕES COM OS/AS ESTUDANTES: USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A imersão no campo de pesquisa possibilitou um contato maior com os/as estudantes do 9º ano A da Escola Ivo de Tassis. A equipe de pesquisadoras organizou uma atividade em sala com três momentos de dinâmicas. O horário para essa atividade foi cedido pelo professor de geografia, Renato, e pela professora de arte, Débora.

A primeira atividade iniciou com a projeção de um conjunto de imagens de pessoas fazendo uso de tecnologias (Figura 6). Os/as jovens foram mobilizados/as a compartilhar verbalmente com qual daquelas imagens cada um deles/as se identificava, justificando a escolha. Com essa atividade, conseguimos estabelecer um canal de comunicação descontraído, participativo, dialógico e envolvente. Dessa conversa, destacamos os relatos de práticas de fotografias com smartphones, uso de redes sociais e as situações em que muitos precisam usar os equipamentos e eles não funcionam adequadamente.

Figura 6 - Conjunto de imagens utilizadas na primeira dinâmica



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

A segunda dinâmica, intitulada “Quem reconhece?” teve como objetivo desafiar os/as jovens a identificar e nomear os ícones exibidos na projeção. Foram exibidas 15 imagens e todas foram reconhecidas pelos estudantes. Constatamos que eles se sentiam muito familiarizados com a maior parte das tecnologias, sendo elas: *WhatsApp, Facebook, Twitter, TikTok, Discord, Netflix, Instagram, Orkut, Youtube, LinkedIn, Twitch, Skype, Telegram, Tinder e Google Chrome* (Figura 7).

Dessas tecnologias, o aplicativo menos reconhecido pela turma foi o *Orkut*. Trata-se de uma das primeiras plataformas de redes sociais digitais, criada em 2004, mas desativada em 2014. Apenas um estudante identificou a imagem do *Orkut* e relatou ter ouvido falar desse histórico. Outra tecnologia que observamos ser menos reconhecida pelos estudantes foi o *LinkedIn*, que talvez, por se tratar de uma plataforma mais formal para oportunidades de emprego, não seja tão utilizada por esses jovens.

Figura 7 - Dinâmica: Quem reconhece?



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Para finalizar o momento de diálogo com os estudantes, iniciamos uma reflexão sobre o conceito de tecnologia, na qual destacamos a definição de Bertoldo e Mill (2018) em que “tecnologia é habilidade, conhecimento e objetos que ampliam a capacidade do homem de manipular e transformar o mundo em que vive” (BERTOLDO; MILL, 2018, p. 596). Dessa forma, mostramos que podemos reconhecer a tecnologia em diferentes objetos do cotidiano, tais como: talheres, canetas, tênis e não apenas em aparelhos eletrônicos e digitais como computadores, celulares, impressoras, dentre outros.

Destacamos que, com o advento da internet e das comunicações de forma digital, temos classificado os recursos que nos permitem isso, como Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, abreviadas como TDIC, sendo exemplos: smartphone, tablets, notebooks, computadores, dentre outros. Consideramos que essas atividades contribuíram para uma aproximação do grupo de pesquisa com os estudantes, além de prepararem para a realização das atividades que foram desenvolvidas e relatadas a seguir.

A terceira e última dinâmica foi em grupo, com o objetivo de ampliar a fala dos/das jovens estudantes sobre o uso das tecnologias. A proposta foi precedida de uma apresentação e conversa sobre conhecimentos prévios, conforme relatamos na seção anterior. Antes do intervalo, os/as estudantes foram separados em 4 grupos de 5 ou 6 participantes, de acordo com suas afinidades. Participaram desse momento 23 jovens. Após o recreio, os grupos receberam as orientações. O trabalho foi dividido em 2 momentos: trabalho em grupos e rotação dos/as cartógrafos/as.

O momento do trabalho em grupo teve como objetivo mobilizar os saberes dos/as estudantes por meio de quatro perguntas, respectivamente:

- Quais plataformas, sites, aplicativos digitais de informação e comunicação você utiliza?
- Em que medida a tecnologia digital ajuda e/ou atrapalha?
- Quais tipos de conteúdo digital você produz ou já produziu?
- Quais atividades eu realizo com as tecnologias digitais?

As perguntas despertaram o interesse e engajamento dos/as jovens. As pesquisadoras, bem como a profa. Débora, que acompanhou a atividade, acompanharam de perto todo o movimento provocado pela dinâmica, deram apoio e tiraram as dúvidas que foram surgindo durante o trabalho. As respostas de cada grupo foram registradas por escrito. O mosaico de fotos da Figura 8 ilustra esse momento. Além da interação promovida entre os pares, observou-se que, em grupos menores, os/as estudantes ficaram mais à vontade para opinar, conversar, dialogar entre eles e com as pesquisadoras.

Figura 8 - Trabalhos em grupos



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Após esse primeiro momento, os grupos foram convidados a escolher um representante, para assumir o papel de cartógrafo/a das tecnologias. A dinâmica prevista para essa segunda etapa envolveu a rotação dos/as cartógrafos/as em cada um dos grupos, explicando as colocações feitas pelos/as colegas e convidando os outros grupos a completarem ou complementarem as respostas de cada pergunta. A rotação aconteceu quatro vezes, em intervalos de 7 minutos, até cada cartógrafo/a retornar ao seu grupo inicial. Dessa forma, foi possível socializar o trabalho de todos os grupos e contar com a participação de todos/as os/as estudantes.

De acordo com a pergunta “Quais plataformas/sites/aplicativos digitais de informação e comunicação você utiliza?”, o grupo 1 nos conta que o *Whatsapp* e o *Discord* são os aplicativos que mais usam para se comunicar. Com relação às redes sociais, eles destacam o Instagram e o Twitter como meios para ver fotos, vídeos e conversar. Com relação aos meios usados para entretenimento e jogos, eles mencionam: *Youtube*, *Blox fruit*, *God of war*, *Netflix*, *Podcast*, *Minecraft*, *Freefire*, *Roblox* e *Wattpad* (Figura 9).

Figura 9 - Plataformas/sites/aplicativos mais usados



Fonte: Elaborado pelas autoras. Acervo da pesquisa de campo (2023).

O grupo 2 ficou responsável por refletir e responder à pergunta: “Em que medida a tecnologia digital ajuda e/ou atrapalha?”. Nesse sentido, os/as jovens listaram palavras que nos remetem a situações ou momentos em que as TDIC podem ou não ser úteis e/ou

contraproducentes. Assim, eles/elas mencionam que as TDIC ajudam quando utilizadas para a comunicação, o entretenimento, os estudos e pesquisas, no trabalho, como meio para o conhecimento, para conhecer pessoas, para jogar e para aprender coisas novas (Figura 10).

Figura 10 - Em que medidas as TDIC ajudam e/ou atrapalham



Fonte: Elaborado pelas autoras. Acervo da pesquisa de campo (2023).

O grupo descreveu que as tecnologias atrapalham quando causam vício, prejudicam a saúde, o psicológico, comprometem a concentração e atenção, a socialização, a interação entre as pessoas, quando causam *bullying*. Eles/as também expressaram que as tecnologias podem influenciar pessoas e seus relacionamentos. Durante a discussão em grupo, observou-se que os/as jovens evidenciaram conhecimentos sobre os benefícios e desafios dos meios de comunicação digital e, portanto, de habilidades vinculadas a habilidades digitais.

Para responder à pergunta “Quais tipos de conteúdo digital você produz ou já produziu?”, os/as integrantes do grupo 3 destacaram a produção de vídeos e lives para *TikTok* e *Youtube*, mas também listaram a produção de fotos para *Facebook* e *Instagram*. Para editar os vídeos, os/as jovens informaram que utilizam aplicativos próprios para edição de vídeos do *Youtube* e *TikTok*.

Com relação à última pergunta dos trabalhos em grupo, “Quais atividades eu realizo com as tecnologias digitais?”, o grupo 4 menciona, que entre as atividades que eles/as realizam, estão: o conversar e conhecer pessoas, ler, fazer trabalho da escola, pesquisar dúvidas, fotos, pinterest, ouvir músicas, assistir a filmes, séries etc., Dorama, *Youtube*, *Netflix*, *TikTok*, jogar (*Minecraft*, *Roblox - Blox Fruits*, *Vice Online* e *Modern Ops*) e fazer apostas.

Finalizada a rotação dos/as cartógrafos/as pelos grupos, cada representante fez a leitura de todas as respostas registradas. Fizeram alguns comentários sobre os resultados obtidos os quais serão descritos ainda neste texto.

Para encerramento da dinâmica, as pesquisadoras distribuíram *post it* para que cada estudante escrevesse as três primeiras palavras que viessem à mente quando pensavam em acesso e uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. As respostas inspiraram a nuvem de palavras da Figura 11.

Figura 11 - Nuvem de palavras sobre uso das TDIC



Fonte: Elaborado pelas autoras com o aplicativo Word Art (2023).

Os/as jovens responderam, em ordem de evocações, com as seguintes palavras: jogo (9), celular (8), internet (5), zap (4), Instagram (4), *Youtube* (3), música (3), *TikTok* (3), *Free fire* (2), filmes

(2), inteligência (2), fotos (2), *Kwai*, entretenimento, conversas, dinheiro, *money*, computador, tablet, *Google*, aplicativo, rádio, pc, tv, responsabilidade, conhecimento, videos, aprendizado. Observa-se uma associação majoritária do uso das TDIC à comunicação, interação e entretenimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades realizadas junto aos estudantes da Escola Municipal Ivo de Tassis nos permitiram cartografar como as TDIC comparecem no cotidiano juvenil com as suas possibilidades de criação e comunicação. Observamos que o conhecimento e o domínio demonstrados pelos estudantes para uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação remetem à inserção destes na cultura digital, com suas práticas de convivência em espaço virtual e não virtual, criação e compartilhamento de conteúdo on-line, entretenimento em multimídias, dentre outras.


Outro destaque refere-se às percepções dos jovens sobre as tecnologias, quanto às suas vantagens e quanto aos malefícios que elas podem trazer à sociedade. Pelas discussões realizadas, percebemos que há uma maturidade e consciência da situação de uso das TDIC, que embora possam proporcionar fontes de entretenimento e diversão, também podem gerar transtornos e problemas pela má utilização.

Conclui-se que a identificação das várias habilidades digitais dos/as jovens reflete o papel fundamental da escola para potencializar tais habilidades em prol de uma educação de jovens que consiga, para além das habilidades operacionais, informacionais e comunicacionais, que eles/as possam reconhecer, buscar, acessar, produzir e recuperar informação de forma crítica, objetiva e ética.

REFERÊNCIAS

BERTOLDO, Haroldo Luiz; MILL, Daniel. Tecnologia (verbetes). *In*: MILL, Daniel. **Dicionário crítico de Educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2018.

LOPES, João Teixeira. Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, [S. l.], v. 17, p. 69-80, 2017. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2345>. Acesso em: ago. 2023.

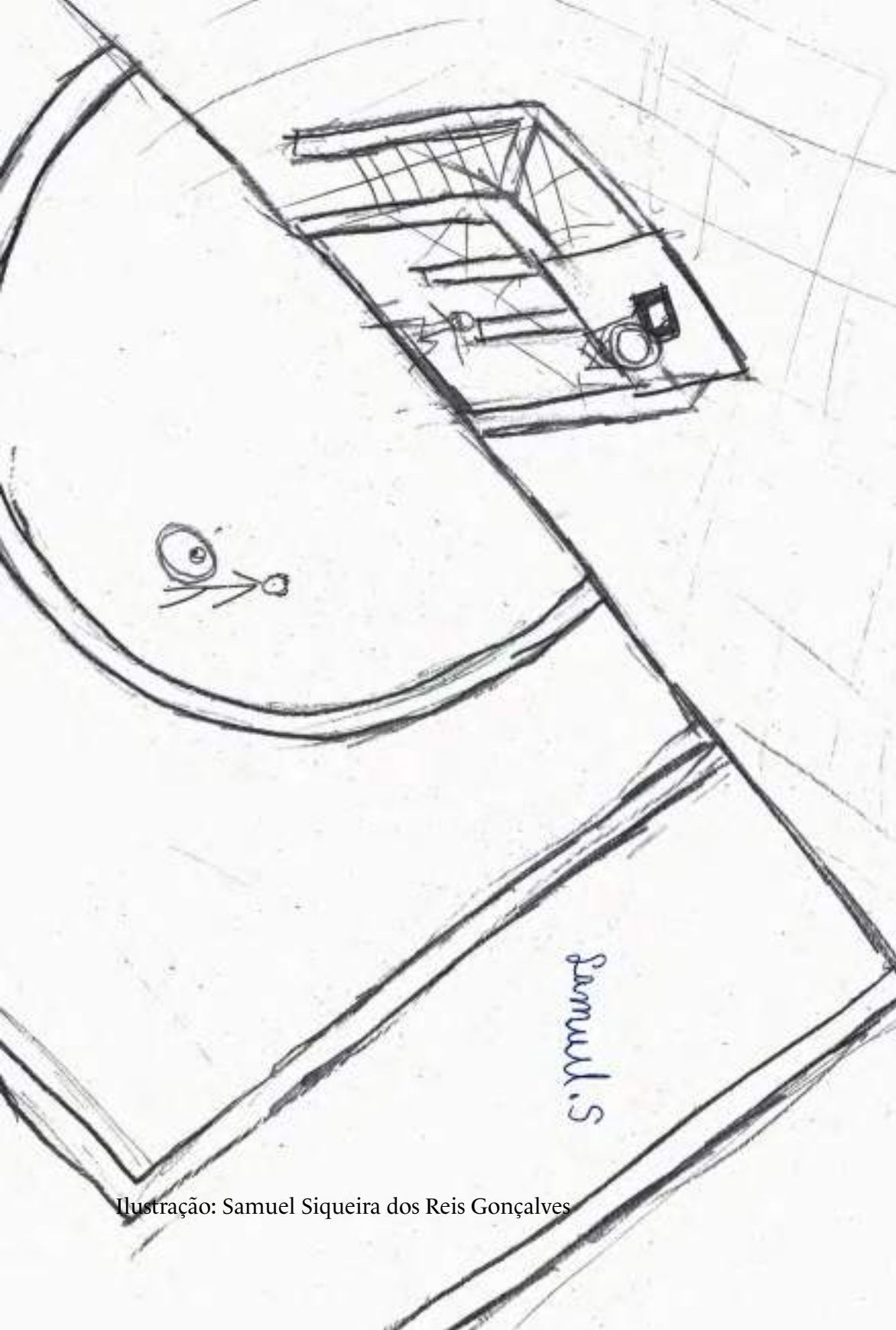


Percepção/ entendimento do processo saúde-doença e determinação social:

*Significados para
jovens estudantes
do Turmalina*

Parte sete

7



Samuel.S

Ilustração: Samuel Siqueira dos Reis Gonçalves

7 PERCEPÇÃO/ENTENDIMENTO DO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA E DETERMINAÇÃO SOCIAL: SIGNIFICADOS PARA JOVENS ESTUDANTES DO BAIRRO TURMALINA

Maria Terezinha Bretas Vilarino

Suely Maria Rodrigues

Cartógrafos/as do 9º ano

Ana Flávia Arruda Freitas

Ezequiel Bryan Santana de Figueiredo

João Paulo da Silva Pinto

Kamyle Stéfany Ribeiro de Oliveira

Letícia Marques dos Santos

Luiz Deivisson de Souza Silva

Raphael Martins de Souza

Rian Carlos Batista Soares

Samuel Alves

Thiago Gonçalves da Silva

Vinícius de Almeida Gomes Leal

Caros/as leitores/as, bem-vindos à seção de Saúde deste e-book. Aqui você encontrará informações sobre o entendimento do que é saúde e doença, bem como referências das condições de saúde do bairro Turmalina, a partir da percepção de estudantes do 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Ivo de Tassis e docentes da Univale. Neste capítulo, buscamos refletir sobre o entendimento que esses estudantes apresentam sobre o processo saúde-doença e a sua determinação social, além das suas vivências e experiências em saúde, a forma de acesso e a perspectiva de garantia do direito à saúde.

Ao longo do tempo, o conceito do processo saúde e doença vem passando por várias modificações, alterando-se desde uma concepção místico-religiosa a um entendimento mais ampliado. Assim, na atualidade, o conceito incorporou os aspectos individuais, ambientais, socioeconômicos e culturais como componentes na situação de saúde das pessoas ou coletividades.

A formulação de um conceito depende do contexto em que seus formuladores se encontram, bem como o entendimento de qualquer conceito depende das condições específicas de cada pessoa e dos seus variados grupos sociais. Dessa forma, o entendimento manifestado pelos/as estudantes também revela aspectos do seu cotidiano e grupos de convivência.

De acordo com Jácome *et al.* (2022), a percepção de saúde pela população é construída a partir dos comportamentos e dos problemas de saúde enfrentados, incluindo a utilização dos serviços de saúde disponíveis e na dependência de seu contexto sociocultural. O conhecimento prévio da percepção de saúde da comunidade, que determina o pensar e o agir da população perante o processo saúde-doença, é fundamental para a eficiência das ações de assistência e educação em saúde. Nesse caso, os relatos dos estudantes envolvidos nesse projeto também se relacionam a experiências vividas por suas famílias, amigos e vizinhança.

Para saber qual o entendimento sobre saúde e doença dos/as estudantes envolvidos/as, foram realizadas duas atividades coletivas, a fim de produzir informações sobre essa temática. De novo, é necessário lembrar que a percepção/entendimento do processo saúde-doença fundamenta práticas e atitudes dos seus atores, assim como as relações que eles estabelecem com o seu contexto social e com os fatos que lhes acontecem.

CENÁRIO DA PESQUISA: CAMINHANDO NA BUSCA DAS INFORMAÇÕES

No primeiro momento, a coleta de informações foi desenvolvida em sala de aula com os estudantes do 9º ano B (ensino fundamental) (Figura 1). Para trabalhar o entendimento sobre saúde e doença, bem como sobre os determinantes sociais com o grupo, utilizou-se uma metodologia que possibilitou envolvê-lo e aproximar o conhecimento em saúde do seu cotidiano. Foi um momento de integração e participação coletiva, a partir da questão/temática e convite para que todos se manifestassem por meio do exercício reflexivo, incentivando o diálogo.

Figura 1 – Vista da sala de aula com o grupo de estudantes

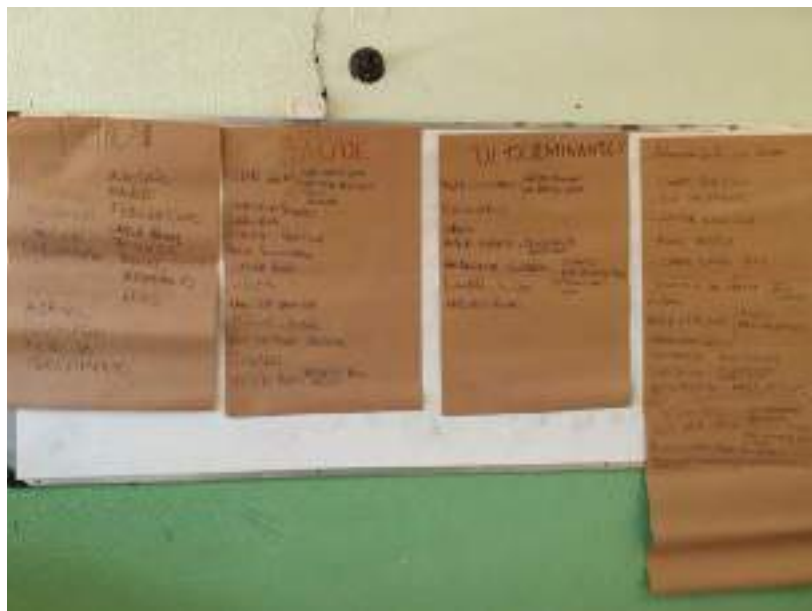


Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Nessa etapa, inicialmente as pesquisadoras explicaram como seria realizada a atividade. Em seguida, foram afixadas no quadro folhas de papel com os temas: Saúde, Doença e Determinantes Sociais. Buscou-se proporcionar a todos os estudantes ambiente confortável e de encorajamento para que se sentissem parte do grupo. Procurou-se valorizar todas as informações apresentadas, considerando a pluralidade de significados atribuídos ao produtor de tais dados. Posteriormente, iniciou-se a discussão das temáticas solicitando aos estudantes para escreverem nas folhas a sua percepção/entendimento.

A atividade foi finalizada com uma avaliação sobre os significados mencionados, fazendo distinção entre aqueles ligados à indicação de sintomas de adoecimento e aqueles indicadores de situação de bem-estar, além de esclarecimento sobre o que seriam os determinantes do processo de saúde-doença (Figura 2).

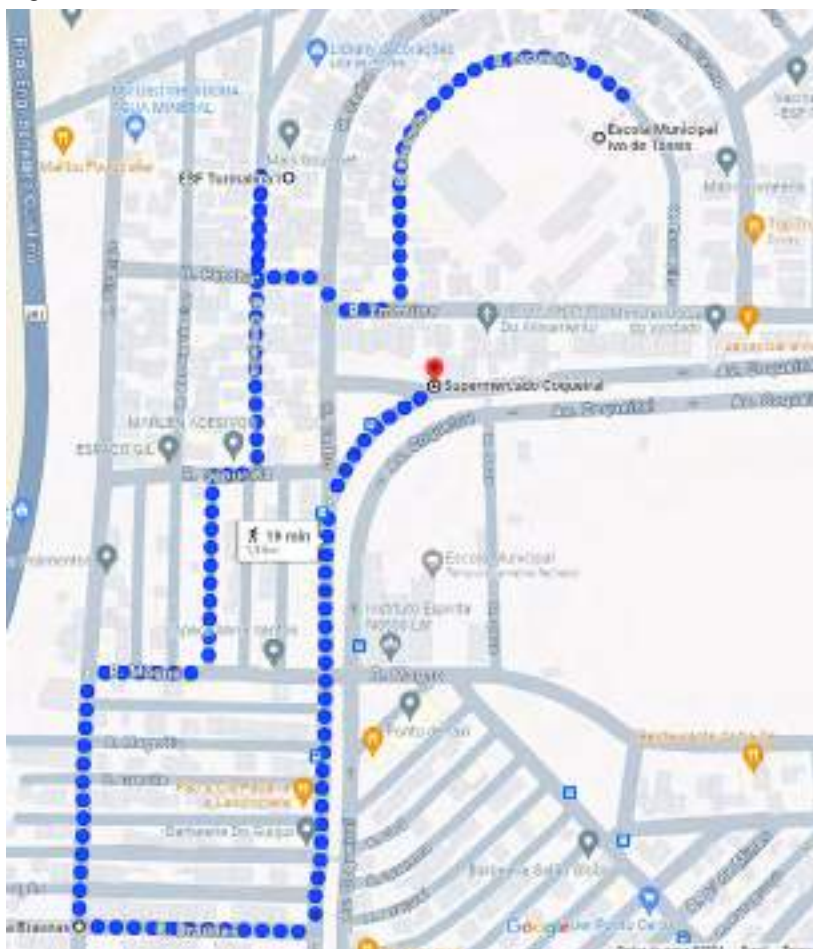
Figura 2 – Material produzido na discussão dos temas abordados com os/as estudantes



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

A coleta de informações, no segundo momento, foi desenvolvida a partir de uma caminhada pelo bairro com o grupo de estudantes, três pesquisadores, uma professora da escola e uma bolsista de iniciação científica. Realizou-se essa caminhada seguindo um roteiro/itinerário estabelecido de, aproximadamente, 2 km e com duração de duas horas (Figura 3).

Figura 3 – Percurso da caminhada com os/as estudantes



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Durante o percurso, os estudantes foram incentivados a observar as condições e infraestrutura do bairro que podem colaborar para a obtenção da saúde ou da doença (Figura 4). Buscou-se identificar as condições econômicas e sociais que podem influenciar a saúde de pessoas e populações, retomando a discussão feita na primeira atividade, quando ficou esclarecido que a maior parte das doenças acontece devido às condições em que as pessoas nascem, vivem, trabalham e envelhecem (Figuras 5 e 6). Esse conjunto de condições é denominado “determinantes sociais da saúde”, um termo que resume os determinantes sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais da saúde.

Figura 4 – Caminhada com estudantes orientados pelas pesquisadoras



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Figura 5 – Condições da infraestrutura do bairro Turmalina



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023)..

Figura 6 – Condições da infraestrutura do bairro Turmalina



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Após a caminhada, retornou-se à escola para a conclusão/ finalização da atividade. Os pesquisadores se reuniram com o grupo de estudantes e orientaram a construção coletiva de um cartaz, identificando os determinantes sociais do bairro observados durante a caminhada e que podem influenciar no processo saúde-doença (Figura 7).

Figura 7 – Orientação das pesquisadoras para elaboração do cartaz pelos/as estudantes

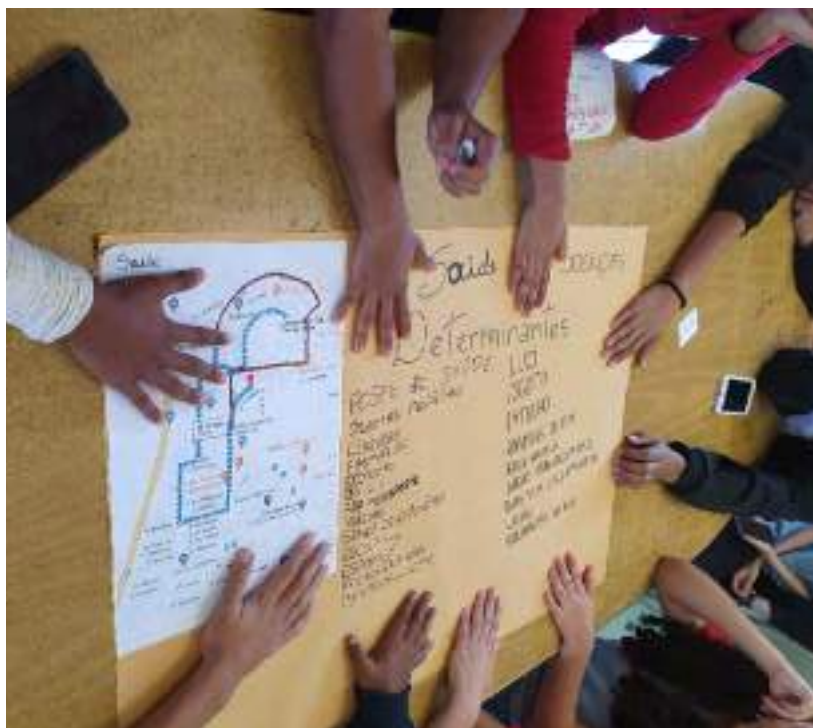


Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

PERCEPÇÃO/ENTENDIMENTO DE SAÚDE-DOENÇA: DIFERENTES CONCEPÇÕES A PARTIR DOS DETERMINANTES SOCIAIS DA POPULAÇÃO

A percepção/entendimento de saúde-doença se relaciona com os sentidos e significados dados à saúde, ou seja, como a saúde é entendida e percebida pelas pessoas. O médico e escritor Moacir Scliar (2007) ensina que os significados e sentidos que a saúde recebe estão relacionados com o cenário social, econômico, político e cultural dos sujeitos, bem como os fatores associados à época, lugar, classe social, valores individuais e concepções científicas, filosóficas e religiosas. Assim, os/as estudantes explicaram os processos saúde-doença a partir de seus conhecimentos e suas experiências de vida (Figura 8).

Figura 8 – Elaboração do cartaz pelos/as estudantes



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Pode-se observar que os estudantes possuem um entendimento de saúde-doença a partir de uma visão biologicista/biomédica. Esse modelo evidencia a percepção fisiológica da doença e suas manifestações. Algumas falas registradas na primeira atividade podem exemplificar esse entendimento: “*não sentir dor*”, “*não ter doença*”, “*medicamento*”, “*tomar remédio*”, “*vírus*”, “*enfermidade*”, “*coisa ruim*”.

Esse modelo enfatiza a doença em detrimento da promoção e da prevenção à saúde e estabelece o uso de tecnologias e a relação formal entre profissionais e pacientes/usuários, prevalecendo a autoridade médica (FERTONI *et al.*, 2015). Essas características também podem ser identificadas em exemplos dados pelos estudantes, ao relatarem que seria necessário aumentar o número de médicos nas 3 estratégias de saúde existentes no bairro; que consideram o atendimento ‘*desorganizado*’; que não existem laboratórios para exames no bairro; que o acesso ao Hospital Municipal, em caso de urgência, é dificultado pela distância e custos.

Provavelmente, o entendimento de saúde nessa lógica biomédica é compatível com os territórios vividos. Tais concepções podem influenciar a forma como cada um cuida da própria saúde. Se a saúde, por exemplo, é entendida como ausência de doença, as ações do indivíduo permanecerão nessa perspectiva e no uso de medicamentos, realização de exames, dentre outros. Embora predomine a visão biomédica da saúde, os estudantes também demonstraram um entendimento do processo de saúde-doença que valoriza as práticas de promoção da saúde, prevenção de fatores de risco e minimização de danos e agravos à saúde. Essa concepção fica evidenciada nas expressões: “*ambiente cuidado*”, “*sem poluição*”, “*alimentação saudável*”, “*prática de exercício*”, “*se cuidar*”, “*viver bem*”.

Destaca-se, nesses registros, uma visão processual de saúde, quando os estudantes percebem a necessidade de realizar ações para prevenir a doença. De acordo com Ceballos (2015), o modelo processual é um progresso se comparado ao modelo biomédico, por reconhecer que as características sociais ou relacionais do indivíduo interferem na chance de adoecer, na forma como ele adoece e na repercussão da doença. Portanto, a percepção/entendimento dos estudantes sobre o processo saúde-doença revela elementos, tanto da perspectiva biomédica, com foco em “*não sentir dor*” e “*não ter doença*” como da visão processual de saúde, ao identificá-las com as ações de promoção da saúde e prevenção de doenças por meio de uma boa alimentação ou prática de esportes, por exemplo.

Quanto aos determinantes sociais da saúde, os/as estudantes identificaram e distinguiram os promotores e seus contrários existentes no bairro Turmalina. Foram registrados: lixo e entulhos de construção na rua; o próprio lixão existente no bairro; lotes vagos com mato; pracinhas abandonadas; esgoto a céu aberto com a presença de ratos, baratas; três Estratégias de Saúde da Família; serviço de convivência no Instituto Nosso Lar - danças, arte, música - aberto para a comunidade via inscrições; criação de pintinhos em um tipo de galinheiro na rua; presença de sacolão, supermercados, farmácia, lojas; uma número elevado de igrejas evangélicas de diferentes denominações; e Igreja Católica.

Também foi observado como determinante de saúde que muitas casas possuem quintais com árvores frutíferas (manga, acerola, banana, limão etc.); hortaliças (quiabo, abóbora, tomatinho); calçadas ajardinadas com diversos tipos de flores, incluindo plantas medicinais (rosa branca, erva-cidreira, babosa, alfavaca, boldo, camomila, esperta - para banhar parturiente, como ensinou a avó de um dos estudantes); e temperos como manjeriço e cebolinha (Figura 9).

Figura 9 – Elaboração do cartaz por grupo de estudantes



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

A presença de moradores mais idosos que cultivam ervas medicinais em pequenas hortas foi mencionada em uma outra atividade do projeto em que os/as estudantes indicaram referenciais do bairro Turmalina (Figura 10). Esse conhecimento pode indicar alguma origem rural de moradores e/ou de seus familiares que preservam esse saber tradicional sobre práticas de saúde. Embora muitos estudantes não vejam significado nessas práticas, elas revelam permanências históricas em relação aos cuidados com a saúde e hábitos do cotidiano de moradores do bairro. Sobre esse conhecimento tradicional, é importante registrar que o uso de plantas medicinais é acompanhado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), por meio de políticas adequadas para seu uso, pois ele constitui uma das práticas populares de cuidado com a saúde³² (NESPOLI *et al.*, 2021).

³² Na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) de 2006, na Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta (PNSIPCF) de 2011, e se apresentam, de certa forma, na Política Nacional de Educação Popular em Saúde (Pneps-SUS) de 2013.



Figura 10 – Colagem de fotos: jardins



Fonte: Acervo da pesquisa de campo 2023)



Enfim, após a discussão e apresentação dos resultados das observações feitas, considera-se que os estudantes envolvidos conseguem distinguir bem os determinantes que promovem a saúde e cuja ausência pode ocasionar o adoecimento, como os exemplos do Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Distribuição da identificação dos determinantes sociais a partir dos participantes

Determinantes sociais	
Saúde	Doença
Posto de saúde	Lixo/entulho
Plantas medicinais	Esgoto a céu aberto
Igrejas	Animais na rua
Escolas	Áreas abandonadas
Transporte público a aplicativo	Ruas sem calçamento
Comércio (farmácia, loja, supermercado)	Galinheiro na rua

Fonte: Elaborado pelas autoras. Acervo da pesquisa de campo (2023).

Os determinantes sociais como as condições de vida, incluindo as socioeconômicas, de moradia, educação, saneamento básico, lazer, violência, entre outros, também aparecem como influentes no processo de adoecer, recuperar e manter a saúde. O reconhecimento dos determinantes socioeconômicos e culturais pode contribuir para que os estudantes (e a escola) sejam agentes de mudanças pessoais e coletivas, além de fomentar o interesse por cobrar do poder público ações que visem à melhoria das condições de saúde para todos.

Durante as atividades realizadas, embora o tema do direito à saúde não tenha sido discutido especificamente, pode-se dizer que ele atravessou todo o levantamento de significados dado ao processo de saúde-doença, o entendimento sobre os determinantes de saúde até a observação desses fatores existentes ou não no bairro.

Ao fazerem um tipo de inventário sobre a infraestrutura existente no Turmalina, os estudantes demonstraram incômodo especial quando indicaram a área de lazer (quadra) inacabada, o canal poluído, promessas de candidatos (em campanha) nunca cumpridas, a falta de segurança para se deslocarem livremente, o descuido do poder público para com o bairro. Esses e outros apontamentos são determinantes sociais do processo saúde-doença e, especialmente, direitos não garantidos para os moradores.

PARA CONCLUIR

As observações, conversas e os registros feitos durante as atividades desenvolvidas permitiram vislumbrar o entendimento dos estudantes sobre o processo saúde-doença e conhecer parte do cotidiano sanitário que vivenciam, por meio dos relatos das experiências individuais e coletivas (familiares e moradores).

O entendimento predominante entre os estudantes sobre o significado de saúde e de doença, na perspectiva biomédica, não é capaz de limitar a percepção de fatores externos que são indutores de adoecimento ou facilitadores de saúde. Ou seja, nem sempre conscientes disso, os/as estudantes reconhecem os determinantes socioeconômicos e culturais de saúde, quando avaliam a infraestrutura e condições sociais do bairro Turmalina.

Acreditamos que a conscientização sobre esses aspectos será um caminho apropriado para ampliação do entendimento do processo de saúde-doença e de estímulo a novas práticas de cuidado com a saúde. Desse modo, esperamos que os jovens estudantes que participaram da atividade possam assumir o autocuidado com a própria saúde no que for do alcance deles, e que partilhem ideias que possam ajudar a comunidade na busca coletiva de melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

CEBALLOS, Albanita Gomes da Costa de. **Modelos conceituais de saúde, determinação social do processo saúde e doença, promoção da saúde**. Ed. Universitária da UFPE: Recife, 20 p, 2015. Disponível em: https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/3332/1/2_mod_conc_saude_2016.pdf. Acesso em: 20 dez. 2023.


CUTOLO, Luiz Roberto Agea. Modelo Biomédico, reforma sanitária e a educação pediátrica. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, vol. 35, n. 4, p. 16-24, 2006. Disponível em: <https://www.acm.org.br/acm/revista/pdf/artigos/392.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023.

FERTONANI, Hosanna Pattrig Fertoni; PIRES, Denise Elvira Pires de; BIFF, Daiane; SCHERER, Magda Duarte dos Anjos. Modelo assistencial em saúde: conceitos e desafios para a atenção básica brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 20, n. 6, p. 1869-1878, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/ZtnLRysBYTmdC9jw9wy7hKQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2023.

JÁCOME, Erik Vinícius Martins; OLIVEIRA, Brenda Nathália Fernandes; PINHEIRO, Elizandra Pereira; DIAS, Erika Emanuele da Silva; SANTOS, Josevaldo Leite dos; FERNANDES, Maíra Clara Farias. Percepção de determinantes de saúde e doença em um território: relato de experiência. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 46, n. 3, p. 352-363, 2022. Disponível em: <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/3705>. Acesso em: 15 dez. 2023.

NESPOLI, Grasielle; GOMES, Andrea Márcia de Oliveira; BORGES, Camila Furlanetti; CHAGAS, Daiana Crús; DIAS, João Vinícius dos Santos; MATTOS, Leila; BEHRENS, Maria; LEDA, Paulo Henrique de Oliveira. **Educação popular e plantas medicinais na atenção básica à saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV, 2021. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/51097>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, vol. 17, n. 1, p. 29-41, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/WNtwLvWQRFbscbzCywV9wGq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2023.



Territórios educativos vividos pelos/as estudantes da Escola Municipal Ivo de Tassis no bairro Turmalina

Parte oito

8



Ilustração: Samuel Siqueira dos Reis Gonçalves

8 TERRITÓRIOS EDUCATIVOS VIVIDOS PELOS/ AS ESTUDANTES DA ESCOLA MUNICIPAL IVO DE TASSIS NO BAIRRO TURMALINA

Thiago Martins Santos

Daniel Rômulo de Carvalho Rocha

Cartógrafos/as do 9º ano

Ana Clara dos Anjos Silva

Emanuelly de Souza Martins

Júlia Viana Soares

Kamila Pereira Ribeiro

Luan Victor Oliveira Braga

Rihanne Gabryelle Magalhães de Paula

Ruan Pablo Araújo Santos

Samuel Siqueira dos Reis Gonçalves

Sara Karoline Soares da Silva

Thallys Hervalyn Candeia Aguiar Oliveira

Willian Moura da Silva

“A Cidade se faz educativa, pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar que todos nós, mulheres e homens, impregnamos seus campos, suas montanhas, seus vales, seus rios, impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época [...].

A Cidade somos nós e nós somos a Cidade”.

(Paulo Freire)

Caro/a leitor/a,

Iniciamos nosso texto com um pensamento de Paulo Freire, que considera a importância da vivência na cidade para a formação dos sujeitos que nela habitam. Em nossos estudos, partimos dessa ideia de que a cidade educa, para defendermos a efetivação do

direito à cidade e às possibilidades educativas que ela oferece aos/às estudantes das escolas de educação básica, numa perspectiva de educação integral.

Neste texto, apresentamos e discutimos os territórios educativos do bairro Turmalina, Governador Valadares/MG, que são vividos pelos/as estudantes da Escola Municipal Ivo de Tassis, pertencentes à turma do 9º ano A. Esses territórios compõem o bairro e marcam o cotidiano das pessoas que vivem, aprendem e ensinam nesses espaços.

Organizamos este texto em duas partes: na primeira, buscamos, em trabalhos do campo da educação, elementos para discutir o papel educador do bairro e da cidade na vida dos sujeitos, assumindo como desafio permanente a formação integral dos seus habitantes; e na segunda parte, relatamos os territórios educativos do bairro Turmalina apresentados a nós pelos/as estudantes, durante a oficina que organizamos na escola e ao longo da caminhada que fizemos pelo bairro com alguns deles.

O BAIRRO TURMALINA E SEUS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

Neste trabalho, pensamos o bairro Turmalina e seus territórios a partir de dois eixos: produção de conhecimento e mudança social. O primeiro, pela responsabilidade que os territórios educativos têm de promover ligações humanas e não-humanas, afetivas e sociais para a produção de saberes; e o segundo, a mudança social, por serem esses territórios canais de conhecimento e formação para transformação da realidade. Ambos os eixos são educadores, por isso dizemos que os territórios do bairro são educativos e a cidade é educadora. Rocha (2018) nos ensina que:

A cidade que se torna educadora é uma cidade onde a liberdade de expressão, de sentidos, de sentimentos se apresenta. É uma

cidade livre que habita, ao mesmo tempo em que é habitada, por cada cidadão e cidadã. Uma cidade que pratica a igualdade e o respeito e na qual as decisões são tomadas de forma coletiva e participativa, que promove a cidadania e propaga a cultura (ROCHA, 2018, p. 32).

Para discutir o direito à cidade e aos seus territórios educativos, partimos de Lefebvre (2008), que entende a cidade como espaço de produção, de reprodução, espaço de lazer, de cotidianos e, também espaço de fazer, por meio dos seus praticantes/habitantes. Tomamos também Gadotti (2006), para afirmarmos que a cidade como um direito deve possuir inúmeros territórios e possibilidades educativas, e que a vivência e a convivência entre as pessoas da/na cidade favorecem cotidianamente a construção de espaços de aprendizagens, pois as cidades proclamam os feitos e fatos vividos nela. Nisso, as cidades educam de forma natural e diária, por meio dos seus espaços referenciados como educativos.

Nessa reflexão, podemos considerar o bairro como território composto por um conjunto de territórios educativos. Entendemos como territórios educativos aqueles espaços que buscam promover a articulação entre escola e comunidade, que fazem parte da vivência e que sejam espaços de direito, a fim de estabelecer aprendizado (LOMANCO; SILVA, 2013). Essa concepção dialoga com as respostas dadas pelos/as estudantes quando foram instigados/as a indicar os espaços de aprendizagem do bairro, conforme apresentaremos a seguir. É nessa lógica que defendemos que o bairro Turmalina, apesar de todos os estigmas e vulnerabilidades que carrega, é composto por territórios educativos.

À vista disso, Souza e Rocha (2018) nos provocam a olhar a cidade atentos às suas praças, ruas, vielas, bairros, distritos, equipamentos públicos, na tentativa de aprender e apreender como a cidade, por meio dessa variedade de espaços, pode educar, e como

a escola pode estabelecer diálogo com seu entorno, potencializando os territórios educativos. Segundo Souza e Rocha (2018):

Na conjugação território/ cidade/ pessoas, a cidade se torna essencial no diálogo com a escola para a promoção efetiva da aprendizagem. Assim, a cidade passa a ser vista não somente como espaço físico, mas observada em suas mais variadas formas de ensinar e aprender, constituída de territórios educativos (SOUZA; ROCHA, 2018, p. 29).

Acreditamos, assim, que discutir os territórios educativos de um bairro considerado vulnerável, a partir do olhar dos/as estudantes, contribui para uma mudança de postura frente aos problemas que se impõem, tornando o/a jovem capaz de questioná-los e enfrentá-los, por meio de processos educativos escolares que se comprometem com a transformação do contexto local.

Por essa razão, ao finalizarmos esta seção, trazemos à tona duas questões para reflexão: amparados no texto “Cidades Invisíveis”, de Calvino (1990), a primeira delas é como pensar a cidade como espaço do desejo, da memória, do símbolo, do nome, do céu? E a outra é como pensar a cidade a partir das suas potencialidades e contribuições para a interlocução com o bairro e a escola?

CARTOGRAFANDO OS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS DO BAIRRO

No dia 20 de junho de 2023, nos encontramos com os/as estudantes do 9º ano A, para a uma oficina cujo objetivo foi levantar, a partir das falas dos/as estudantes, os territórios educativos vivenciados por eles/elas no bairro Turmalina. Para orientar esse trabalho, começamos por construir uma definição para território educativo, que foi entendido como aquele espaço que educa e é marcado pelas relações de poder. Em seguida, provocamos o levantamento dos territórios vivenciados no bairro, além da Escola Municipal Ivo de Tassis, fortemente reconhecida como território

educativo. Para esse trabalho, os/as estudantes foram divididos/as em duplas e incentivados/as a listar cinco territórios. Logo após, foi feita a socialização e os resultados foram registrados na Tabela 1, ficando assim:

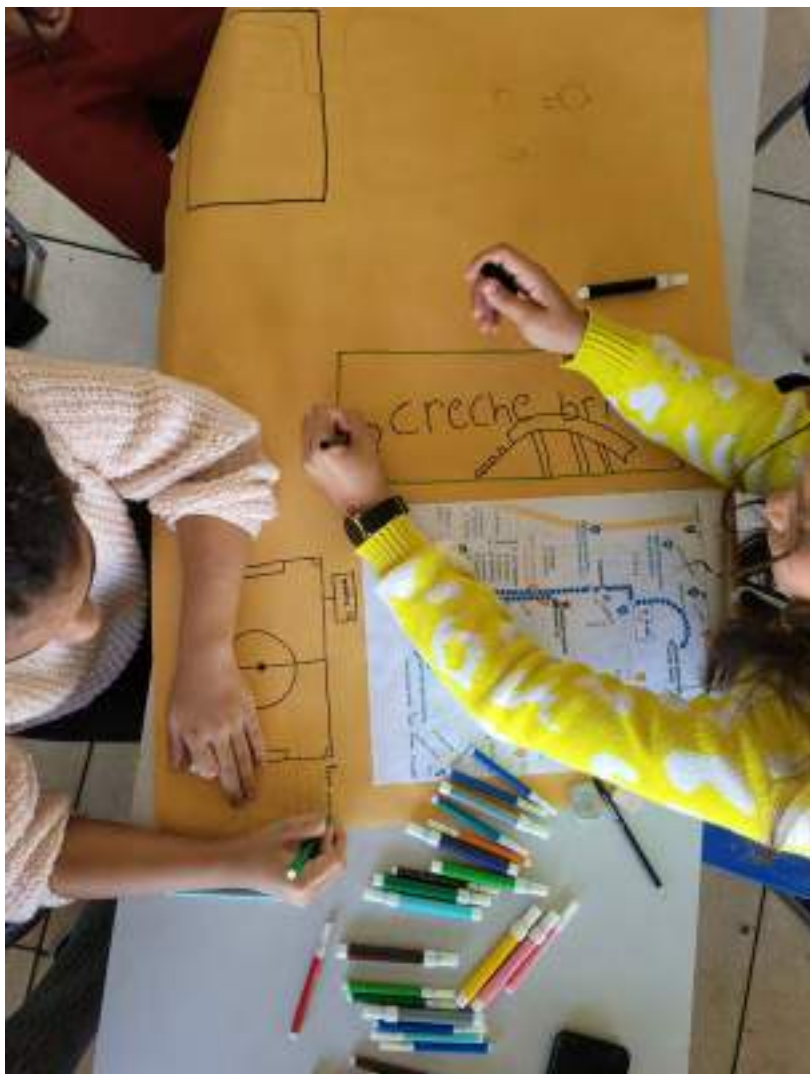
Tabela 1 – Territórios educativos e número de vezes que foram citados

Territórios educativos	Nº de vezes que foram citados
Quadra Q7	9
Casa dos estudantes	8
Escola Municipal Ivo de Tassis	8
Creche Brilho de Turmalina	6
Praça do Instituto Nosso Lar	6
Fica Vivo!	4
Paróquia Nossa Senhora da Assunção	4
Instituto Nosso Lar	3
Igreja Universal do Reino de Deus	2
Igreja 12ª Presbiteriana	1
Supermercado Coqueiral	1
Bar da Loira	1
Ceasa	1
Pracinha do Drumond	1

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores. Acervo da pesquisa de campo (2023).

Retornamos à escola no dia 27 de junho de 2023 para uma caminhada pelo bairro, na qual um grupo de estudantes, denominados/as de cartógrafos/as, foi incumbido de nos apresentar os territórios educativos mapeados e dizer por que eles recebiam essa classificação. No retorno à sala de aula, esse grupo confeccionou um mapa e socializou os resultados dessa atividade com a turma, confirmando o bairro Turmalina como sendo formado por territórios educativos (Figura 1).

Figura 1 – Construção do mapa dos territórios educativos do bairro Turmalina



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Por último, no dia 17 de novembro de 2023, apresentamos à turma a versão preliminar deste capítulo, para apreciação e complementação necessária. Os resultados da cartografia são apresentados a seguir, com destaque para os territórios mais indicados.

RESULTADOS DA CARTOGRAFIA PELAS LENTES DOS/AS ESTUDANTES

No trecho percorrido com o grupo de estudantes cartógrafos/as, foi possível observar a maioria dos territórios educativos levantados na oficina. Eles estão localizados na parte baixa do bairro, onde é maior a circulação de moradores e visitantes. Os/as estudantes disseram que frequentam pouco as praças e que se sentem mais seguros dentro da escola. As praças, ruas e quadras, que deveriam ser espaços de lazer e socialização, são vistas como locais pouco seguros e, por isso, são menos utilizadas pelos/as estudantes, apesar de terem sido territórios bem mencionados no levantamento feito durante a oficina.

Figura 2 – Quadra Q7: o território educativo mais indicado



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

A Quadra Q7, por exemplo, foi o espaço mais indicado. Ela é ocupada pelos/as estudantes que participam do Programa Fica Vivo! para a realização de aulas de futebol e de basquete. Ao lado da Quadra Q7 está localizada a Creche Brilho de Turmalina. Em conversa com um ex-funcionário da creche, ficamos sabendo que

a quadra também é utilizada pelas crianças da educação infantil para a realização de brincadeiras orientadas pelas professoras. Assim, o Fica Vivo! e a Creche Brilho de Turmalina promovem a ocupação e a apropriação da quadra em horários determinados pelas instituições, quando os/as jovens e as crianças contam com a companhia dos/as educadores/as (Figura 2).

A Creche Brilho de Turmalina foi criada em 1995 e é o lugar onde parte dos/as estudantes frequentaram a educação infantil, sendo a instituição muito procurada pelos pais ou responsáveis por crianças de zero a seis anos, para matrículas (Figura 3). Soubemos que a relação de proximidade mantida entre os funcionários e as famílias é uma marca registrada dessa creche, que pode ser visualizada na figura a seguir:

Figura 3 – Creche Brilho de Turmalina



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

O programa Fico Vivo! é uma política do Estado de Minas Gerais, gerida pela Secretaria de Estado de Segurança Pública (SESP), que tem a segurança pública como uma política social que investe na qualidade de vida das pessoas. Seu objetivo é prevenir e reduzir os homicídios dolosos de adolescentes e jovens, entre 12

e 24 anos, moradores de áreas onde esses crimes se concentram. Em Governador Valadares, há duas Unidades de Prevenção à Criminalidade (UPC), sendo a mais antiga a do bairro Turmalina, criada em 2006 (DIAS; SOUZA, 2019).

O Fica Vivo! é constituído de alternativas de aprendizagens, classificando-se, assim, como um território educativo (Figura 4). Vale destacar que nesse espaço são desenvolvidas oficinas de esporte, cultura, arte e outras dinâmicas sociais, favorecendo o acesso ao conhecimento.

Figura 4 – UPC Fica Vivo!



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Segundo os/as estudantes, atualmente são ofertadas oficinas de maquiagem (segundas, quartas e sextas-feiras), fotografia (segundas e quartas-feiras), basquete (segundas e quartas-feiras) e futebol (terça, quintas, sextas-feiras e sábado), das quais muitos deles participam

e elogiam. Além da Quadra Q7, a quadra da Escola Municipal Ivo de Tassis também é utilizada pelo Fica Vivo! para as aulas de futebol e de basquete.

Para saber mais sobre o Fica Vivo! e conhecer os sentidos atribuídos por jovens às experiências vividas na UPC do bairro Turmalina, recomendamos a leitura do artigo de Dias e Souza (2019):

<https://bit.ly/3X687iR>

Outro território mapeado foi o Instituto Nosso Lar (Inlar), que atualmente atende a cerca de 100 pessoas, entre crianças, jovens e adultos (Figura 5). Segundo nos informou a coordenadora do Instituto, o Inlar desenvolve o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos Familiares e Comunitários (SCFV) para crianças e adolescentes de sete a dezessete anos, com a oferta de oficinas socioeducativas de informática, rodas de conversas, literatura, esportes e lazer. Também são ministradas aulas de danças urbanas e ballet, curso de designer gráfico para adolescentes e oficinas de *grafiti*. Ademais, o Inlar possui parceria com um clube recreativo da cidade de Governador Valadares, proporcionando a participação em aulas de taekwondo a um grupo de crianças.

Para o público adulto (familiares das crianças e a comunidade em geral) há oferta de oficinas de ioga, constelação familiar, artesanato, terapia comunitária e atendimento fraterno. Há, também, uma preocupação com as famílias em situação de vulnerabilidade social, em especial aquelas com insegurança alimentar e nutricional que recebem o apoio emergencial de cestas básicas. Ainda há o “Projeto Colo”, a partir de ações com mulheres grávidas e/ou com bebês de até dois anos, com a oferta de atividades que promovem os vínculos mamãe-bebê e oferta de enxoval e fraldas para gestantes.

Figura 5 – Instituto Nosso Lar observado a partir da praça



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

Para saber mais sobre o Inlar, recomendamos a visita à página do Instituto: <https://institutonossolargv.org.br/>

A Praça do Instituto, situada à frente do portão de entrada do Inlar, também foi mencionada como território educativo. Nesse espaço, os adultos se reúnem aos finais de semana para tomar uma cervejinha e comer um churrasquinho e pastel, enquanto ouvem músicas ao vivo. Nesse sentido, Freire (2007) e Moll (2008), afirmam que um “simples” passeio pelo bairro como observador dos equipamentos públicos, como as praças, nos leva à convicção da leitura do mundo e, assim, favorece o aprendizado.

As casas dos/as estudantes, bem como as igrejas que eles/elas frequentam, também foram lembradas e listadas como territórios educativos. Esses dois espaços constituem os territórios onde os/as jovens se socializam com a família e a comunidade de fé às quais pertencem e com as quais aprendem sobre a vida e valores.

Quanto às igrejas, de maneira particular, destacamos que elas foram apresentadas como locais de encontros, de aprendizado e de “marca durável” (CLAVAL, 2015, p. 42). Por conseguinte, o autor reflete que “no mundo ocidental, tanto no mundo rural quanto nos bairros urbanos, a vizinhança próxima é também aquela da igreja ou do templo onde todo mundo se encontra no domingo, onde as crianças aprendem o catecismo, onde fazem a primeira comunhão” (CLAVAL, 2015, p. 42).

Trazemos a Escola Municipal Ivo de Tassis como um território fortemente apontado pelos/as estudantes durante a oficina. Segundo relataram, a escola é o lugar onde passam a maior parte do tempo, onde aprendem, se divertem e se sentem seguros. Como já mencionamos, os/as estudantes frequentam a escola no contraturno para o uso da quadra de esportes, durante o Fica Vivo!

Cumpramos dizer que a Escola Municipal Ivo de Tassis (Figura 6) é uma instituição vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Governador Valadares. Criada no ano 2000, possui, atualmente, 770 estudantes no ensino fundamental – anos iniciais e anos finais – e cerca de 120 servidores, entre professores e funcionários administrativos. No momento da pesquisa, a instituição desenvolvia um projeto sobre a temática “Respeito, diálogo e paz”.

Ao concluírem o ensino fundamental, os/as estudantes têm a opção de cursarem o ensino médio na Escola Estadual Cecília Meireles (Figura 7), cujo anexo está localizado no bairro. Embora esse anexo não esteja em imóvel próprio e careça de uma série de investimentos para se consolidar como escola de ensino médio, reconhecemos a sua importância para o Turmalina e para os estudantes do 9º ano que desejam continuar estudando no bairro depois de deixarem a Escola Municipal Ivo de Tassis.

Figura 6 – Escola Municipal Ivo de Tassis



Fonte: Facebook da Escola Municipal Ivo de Tassis (2023).

Figura 7 – Escola Estadual Cecília Meireles – Anexo



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, apresentamos e discutimos os territórios e as possibilidades educativas do bairro Turmalina, que são vividas pelos/as estudantes da Escola Municipal Ivo de Tassis. Esses territórios possibilitam aprendizagens e interações com o bairro, garantindo o direito à ocupação e apropriação da cidade. Para tanto, abordamos o papel educador do bairro e da cidade na vida dos/as jovens e, na sequência, descrevemos os territórios educativos do bairro apresentados a nós pelos/as estudantes, durante os encontros que tivemos com eles/elas. Concluímos que o bairro possui uma diversidade de territórios educativos, que podem ser explorados pela Escola Municipal Ivo de Tassis e por políticas públicas que favoreçam o pertencimento e a qualidade de vida no lugar.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CLAVAL, Paul. **Terra dos Homens: a geografia**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

DIAS, Ana Lúcia; SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de. Significados atribuídos por jovens às experiências educativas vivenciadas no Programa Fica Vivo! **Educação em Revista** (online), v. 35, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/qTgj9GmywsYZkWj3TMHPQry/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 dez. 2023.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 8ª edição Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2007. (Coleção Dizer a Palavra)

GADOTTI, Moacir. **A escola na cidade que educa**. Cadernos CENPEC. 2006.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Belo Horizonte, Editoria UFMG, 2008.


LOMONACO, Beatriz Penteado; SILVA, Letícia Araújo Moreira da. **Percursos da educação integral em busca da qualidade e da equidade**. São Paulo: CENPEC: Fundação Itaú Social – Unicef, 2013.

MOLL, Jaqueline. A cidade e os seus caminhos educativos: escola, rua e itinerários juvenis. *In*: AICE. **Educação e vida urbana**: 20 anos de cidades educadoras. Lisboa: X Congresso da Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE), 2008. p. 213-224.

ROCHA, Daniel Rômulo de Carvalho. **Educação Integral e Cidade Educadora**: cartografia de territórios educativos em bairros de Governador Valadares. 2018. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território) – Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, Governador Valadares, Minas Gerais.

ROCHA, Daniel Rômulo de Carvalho.; SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de. Educação integral em tempo integral: o bairro como território educativo. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 10, p. 1-17, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoem perspectiva/article/view/7084/3714>. Acesso em: 30 out. 2023.

SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de; ROCHA, Daniel Rômulo de Carvalho. Educação Integral e a cidade: construindo cartografias do bairro. **Revista Educação Integral Integrada**: Reflexões sobre práticas e políticas de educação Integral em Minas Gerais e no Brasil. p. 28-30, dez., 2018. Disponível em: <https://acervodenoticias.educacao.mg.gov.br/images/documentos/Revista%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Integral%20e%20Integrada.pdf>. Acesso em: 30 out. 2023.



Olhares sobre as infâncias no bairro Turmalina

Parte nove

9



Ilustração: Thallys Hervellyn Candeia Aguiar Oliveira

9 OLHARES SOBRE AS INFÂNCIAS NO BAIRRO TURMALINA

Guilherme Rodrigues dos Santos

Alessandra Amaral Ferreira

Ana Paula Fioreti Costa

Paula Carvalho da Costa

*“Acho que o quintal onde a gente brincou
é maior do que a cidade.
A gente só descobre isso depois de grande.
A gente descobre que o tamanho das coisas
há que ser medido
pela intimidade que temos com as coisas.
Há de ser como acontece com o amor.
Assim, as pedrinhas do nosso quintal
são sempre maiores
do que as outras pedras do mundo.
Justo pelo motivo da intimidade.”
(Manoel de Barros)*

O poeta Manoel de Barros nos convida a retornar à infância e a refletir sobre as coisas que marcaram nossas histórias de vida, nos faz sair de onde estamos e nos leva para outro lugar com significados e sentidos – territórios das nossas memórias infantis. Como diz o poeta, “A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas”. Nesse movimento, descortinam-se lembranças e fazem emergir da memória imagens, espaços, pessoas, sons, cheiros, fatos, cores e sabores. Nesse fazer de memórias, nos encontramos com o passado e o presente pela intimidade que temos com os múltiplos territórios de vida e vivências.

Este texto tem este propósito: convidar você, leitor/a, a relembrar suas infâncias e conhecer vivências de crianças nos territórios do bairro Turmalina, a partir dos nossos olhares como profissionais da educação, pesquisador/a, docentes da educação infantil e estudantes do curso de Pedagogia. Para isso, trouxemos relatos de educadoras que retratam as infâncias por meio de suas vivências na Creche Brilho de Turmalina e na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professor Daniel Alves Ajudarte. Complementam esses relatos os escritos nos projetos pedagógicos dessas instituições, que nos permitem ampliar os olhares sobre as infâncias. É importante esclarecer que a creche e a escola são citadas pelos/as cartógrafos/as do 9º ano como territórios significativos em suas infâncias.

Olhamos as infâncias a partir dos estudos da Sociologia das Infâncias (CORSARO, 2011) e Geografia das Infâncias (LOPES, 2022), que nos ensinam a reconhecer as crianças como protagonistas nos territórios, produtoras de cultura, como sujeitos de direitos e a uma escuta atenta das suas vozes. Por sua vez, retornar às infâncias é revisitar memórias. E o que é a memória? O historiador Pierre Nora, explica que:

A memória é um fenômeno sempre atual porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções (NORA, 1993, p.9).

A partir desse olhar sobre a memória, convidamos você a entrar conosco nesses territórios das infâncias no bairro.

CRECHE BRILHO DE TURMALINA

Os aspectos históricos da Creche Brilho de Turmalina³³ foram extraídos do seu projeto pedagógico. Nesse documento, é possível conferir que ela é mantida pela Associação de Caridade Maria Aparecida Marques de Oliveira (ASCAMARO), instituição de caráter filantrópico, que tem 28 anos de existência no bairro. Essa associação surgiu do desejo do médico, Dr. José Marques de Oliveira, em tornar realidade um sonho de sua irmã, Maria Aparecida Marques de Oliveira, que faleceu sem ver esse sonho realizado (Figuras 1 e 2). Para perpetuar sua memória, com a ajuda de médicos e outros apoiadores, foi fundada em 5 de maio de 1995 a associação, cujo objetivo principal seria atender a crianças e adolescentes carentes, bem como seus familiares, em parceria com a Pastoral da Criança.

Dr. José Marques, depois de mobilizar seus colegas do Hospital São Lucas, escolheu o bairro Turmalina por ser, na época, um bairro muito carente, com número grande de crianças sem assistência e por acreditar que o atendimento social e educacional seria a única forma possível de amenizar o problema na comunidade e das famílias que, em sua maioria, eram moradoras ou trabalhavam no lixão local. Junto com algumas pessoas de liderança da época, construíram o primeiro prédio, que tinha o atendimento viabilizado pela assistência social e diversas doações. Com o crescimento da demanda de atendimento às crianças e as legislações promulgadas na época, foi feito um convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Governador Valadares, e a partir de então, foi dado o nome ao prédio de atendimento, pensado pelo Padre Antônio, presidente da Pastoral, como “Creche Brilho de Turmalina”.

³³ Localizada na rua Padre Paraíso, número 131, no Bairro Turmalina, em Governador Valadares, Minas Gerais.

Figura 1 – Início da construção da creche



Fonte: ASCAMARO - Creche Brilho de Turmalina.

Figura 2 – Associação Maria Aparecida Marques



Fonte: Acervo da ASCAMARO - Creche Brilho de Turmalina.

A instituição promove atualmente o atendimento a 187 crianças de 7 meses a 3 anos e 11 meses, em período integral, por meio de uma parceria com a Prefeitura Municipal de Governador Valadares, através da Secretaria Municipal de Educação, pela Lei do Marco Regulatório³⁴. Esse tempo de quase três décadas é marcado por memórias individuais e coletivas que perpassam o espaço da creche e ao mesmo tempo todos os movimentos constituídos no território do bairro onde ela está inserida.

Para conhecer essas memórias, realizamos rodas de conversa com as professoras da creche, com o intuito de ouvi-las. A partir das narrativas das educadoras, buscamos, neste texto, retratar a energia emergente de suas falas. A emoção entusiástica ficará registrada, mas os relatos aqui descritos, ainda que pequenos diante da expressividade na roda de conversa, exprimem um pouco das suas histórias de vida que se entrelaçam com as situações experienciadas na instituição. Sendo assim, apresentamos essas narrativas no texto, pois elas carregam um pouco das infâncias vividas no bairro Turmalina e o reconhecimento da importância das instituições na comunidade.

Nesse sentido, as trajetórias narradas pelas educadoras das infâncias suscitam memórias remotas à luta pelo direito à infância, ou seja, a criança poder se expressar, brincar, conviver e estar com o outro nos seus espaços de vida e de cultura sem ter a sua

³⁴ A Lei n° 13.019, de 31 de julho de 2014, conhecida também como Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil, veio para regulamentar o regime jurídico, no que tange às parcerias entre a Administração Pública e as Organizações da Sociedade Civil (OSC).

³⁵ As profissionais autorizaram mantermos os nomes nos relatos, e os mantivemos também como valorização do seu trabalho.

segurança ameaçada ou violada: *“A maioria das crianças moravam no lixão e sobreviviam do que era reaproveitado ali. Somente na creche encontravam um espaço onde pudessem ser realmente crianças”* (Relato da Pedagoga Magna Lúcia)³⁵. O relato destacado emergiu da memória

dessa educadora, dos seus tempos de atuação na creche, na qual está há 27 anos como docente.

A partir da fala da educadora, podemos questionar: onde as crianças podem ser realmente crianças? Você já parou para pensar sobre isso? É importante dizer que quando partimos de territórios permeados por violências e vulnerabilidades, muitas vezes, nos espaços educacionais é que as crianças encontram recursos de sobrevivência – tanto materiais, como de vivências mais livres, por meio das interações e brincadeiras oportunizadas que elas podem desfrutar da sua infância de modo mais seguro, sem estarem expostas a riscos e situações de violência.

O diálogo com as educadoras nos levou a refletir a respeito dos direitos da pessoa humana, em específico o direito à educação. Além disso, a importância que essa instituição teve e tem para a promoção da vida é motivo de reflexão, pois oportuniza espaços de proteção à criança, em um bairro inicialmente marcado pela desigualdade social e pela violência. Esse bairro também se destaca pela resiliência e pela luta de pessoas que se voluntariaram para dar um lugar digno às crianças, como fica evidente na fala de uma das professoras, que além de trabalhar na creche, é também moradora do bairro e recorda os primeiros anos da creche e do bairro.

“A violência e a pobreza era um fator que predominava em alguns pontos do bairro, mas éramos felizes porque tínhamos nossa própria casa e sabíamos que poderíamos aqui fazer a diferença. Não tinha escola, poucos comércios e apenas uma creche que eu havia ouvido falar. Um dia fui visitar a creche e vi que a creche era simples e que atendia as crianças carentes da Comunidade, percebi que a creche era aberta e entrava quem quisesse, mas tinha organização. Era um lugar que sobrevivia de doações e mão de obra de pessoas voluntárias da Comunidade” (Relato da Pedagoga Magna Lúcia, 2023).

Essa fala está permeada de uma memória que tende sempre a se esperarçar. A violência e a pobreza estão presentes, mas a alegria de poder fazer a diferença ameniza as tensões das diversas faltas. Dessa forma, o cuidar emerge como principal atividade, com o intuito maior de possibilitar às crianças um ambiente onde possam ser cuidadas em um território vulnerável:

Quando comecei a trabalhar na Creche (Brilho de Turmalina) era muito precária. A creche atendia de forma assistencialista atendendo a maioria das crianças com extrema dificuldade de sobrevivência. Muitas famílias viviam do lixão recolhendo coisas para reaproveitar e inclusive para comer. As crianças ficavam na creche de 7h00 às 17h00 e eram cuidadas por pessoas não qualificadas em educação, mas que tinham um coração aberto a colaborar com a Instituição que ajudava essas famílias. Os atendimentos às crianças eram feitos de acordo com quem chegava e pedia ajuda para a criança ficar, porque passava necessidade. Era com o objetivo de matar a fome das crianças e dar um cuidado melhor para que elas não ficassem expostas ao risco de doenças e maus tratos (Relato da professora Gilza Gonçalves, 2023).

A partir da narrativa da professora, constata-se que ainda não estava consolidado o entendimento de que a criança é um sujeito de direitos, no que diz respeito às políticas públicas. O foco inicial estava em resguardá-la das doenças e dos maus-tratos, e é aos poucos que vai se alcançando, no campo da educação infantil, o entendimento da criança como cidadã, que pensa sobre o seu cotidiano e o que a cerca, que age sobre esse mundo, produtora como ser social, histórico e cultural. Todavia, é notado um movimento social de pessoas que objetivam atender às necessidades básicas das crianças, como na fala da educadora, pessoas “que tinham um coração aberto para colaborar com a instituição ajudavam essas famílias”.

A creche marcou e ainda marca gerações. Na fala das professoras, foi exposto que muitas crianças que eram atendidas na creche no

seu início, agora adultas, realizaram a matrícula de seus filhos. Em meio às narrativas das memórias na roda de conversa, uma professora pede a fala e diz que era filha da professora Gilza, que está na creche como educadora desde o seu início. Relata, ainda, que seu filho está matriculado na instituição e considera a creche como o lugar da sua infância.

“Eu cresci na Creche Brilho de Turmalina, e a maior parte da minha vida eu passei aqui. Cheguei na Creche com minha mãe aos 3 anos de idade, ela trabalhava como “cuidadora” voluntária, e me trazia junto com ela todos os dias” (Relato da professora Sandyla Gonçalves que foi uma criança atendida na creche).

“As crianças da sala eram meus amigos companheiros, tínhamos algumas diferenças de idade, pois na época, a instituição não apresentava documentação acerca de, faixa etária e quantidade de crianças, por este motivo em uma mesma sala, possuíam mais ou menos 30 crianças, umas com 3, 7, 12 anos ou 6 meses, não havia nada padronizado, a única coisa que de fato, era padronizado na creche, era o amor, o cuidado e dedicação de todas as educadoras que ali estavam” (Relato da professora Sandyla Gonçalves que foi uma criança atendida na creche).

Percebe-se que não havia uma organização sistematizada do atendimento a partir de estruturas teóricas que fundamentam a organização do tempo, espaço e materiais na educação infantil. As crianças eram atendidas com as possibilidades e condições que tinham. Todavia, a afetividade marca esse território, pois são estabelecidos laços de amorosidade permeados pelo cuidado e pelas percepções das crianças (Figura 3). A exemplo do quintal maior que o mundo, de Manoel de Barros, a intimidade faz com que o espaço da creche seja considerado enorme pela professora, na época criança atendida nessa creche, cujo imaginário flui de maneira geográfica e brincante: *“Mesmo com tantas crianças ali atendidas, na minha visão, a creche era enorme, salas imensas, parque gigantescos, o corredor virava pista de corrida”*. (Relato da professora Sandyla Gonçalves).

Figura 3 – Crianças no pátio da creche



Fonte: ASCAMARO - Creche Brilho de Turmalina.

Ela relata que durante a sua adolescência continuou tendo acesso à creche, mas como “ajudante” das professoras. Estudava de manhã na escola do bairro e depois vinha para a creche ajudar com a confecção de cartazes, murais, teatros musicais, momentos antes da alimentação das crianças e jardinagem da instituição (Figura 4).

Figura 4 – Teatro na creche



Fonte: ASCAMARO - Creche Brilho de Turmalina.

“Aos 18 anos, Deus me deu oportunidade de voltar novamente a creche, só que agora, como monitora de Educação inclusiva. No início de 2019, um grande marco na minha vida profissional, fui contratada como professora da Creche Brilho de Turmalina. Hoje, aos 27 anos, transbordo gratidão por tudo que vivi e aprendi na creche, atualmente trabalho ao lado da minha mãe, de uma antiga professora, e tenho o meu filho matriculado aqui, a história continua. Me dedico inteiramente para fazer com que a infância das minhas crianças, sejam tão marcantes positivamente quanto foi a minha há anos atrás” (Relato da professora Sandyla Gonçalves).

Essas memórias afetivas demonstram a importância e a diferença que essa instituição fez e faz para as crianças e para a comunidade da qual fazem parte. A memória é um processo ativo, armazena lembranças permeadas de sentimentos, nos faz revigorar e ver todas as nossas ações de uma maneira saudosa e reflexiva, leva-nos a ver que tudo tem uma origem e essa gênese de vivências e experiências constitui todo um processo desenvolvido no presente, a partir do passado. A recuperação de nossas experiências é um fator importante na construção de nossa identidade em seus múltiplos aspectos.

As experiências que surgem a partir da memória narrativa contribuem para a constituição da formação docente e da prática educativa. Como diz o poeta espanhol Antônio Machado, “O caminho se faz ao caminhar”; são as vivências na trajetória individual e social de cada educador que constituem sua identidade docente. Percebemos que a experiência profissional de professoras vai sendo construída pelas marcas daqueles que por elas passam, pelas oportunidades, conquistas, pelos desafios e superações.

Confira a seguir algumas imagens da creche (Figuras 5 e 6).

Figura 5 – Práticas educativas dos docentes



Fonte: ASCAMARO - Creche Brilho de Turmalina

Figura 6 – Espaços recreativos



Fonte: ASCAMARO - Creche Brilho de Turmalina

EMEIF PROFESSOR DANIEL ALVES AJUDARTE

Caminhando um pouco mais em nossa ação andante pelo bairro Turmalina, foi-nos oportunizado, também, a entrada na EMEIF³⁶ Professor Daniel Alves Ajudarte³⁷, onde realizamos uma roda de conversa, com a participação das atuais professoras da escola. Durante a conversa, ouvimos narrativas de quatro professoras que relataram suas experiências com a escola e a comunidade. Nesse momento, deram voz à memória e compartilharam suas histórias de vida, suas vivências no bairro durante a infância, suas experiências com os filhos nessa comunidade e suas trajetórias profissionais.

Recuperando a história dessa escola no projeto pedagógico, ficamos sabendo que ela foi implantada pela Lei Complementar Municipal nº 188, de 30 de dezembro de 2014. Em fevereiro de 2015, foi autorizado o funcionamento da escola, que recebeu crianças e funcionários do CMEI³⁸ Padre Leonardo Senne e da Escola Municipal Ivo de Tassis; os demais funcionários foram designados pela Secretaria Municipal de Educação de Governador Valadares. O atendimento às crianças iniciou nas dependências do Instituto Nosso Lar e em um anexo no mesmo bairro, na Paróquia Nossa Senhora da Assunção. A escola foi criada para atender à educação infantil e ao ensino fundamental, quando necessário, porém, devido à grande demanda de crianças de 1 a 5 anos, desde 2016 a instituição passou a ter como público-alvo somente a educação infantil. Atualmente a escola tem 337 crianças matriculadas, sendo 109 crianças na creche (1 a 3 anos) e 228 crianças na pré-escola (4 e 5 anos), totalizando 20 turmas.

³⁶ Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental.

³⁷ Localizada na Rua Mogno, número 10, no Bairro Turmalina.

³⁸ Centro Municipal de Educação Infantil.

Figura 7 – Fachadas da EMEIEF Prof. Daniel A. Ajudarte



Fonte: Acervo da EMEIEF Professor Daniel Alves Ajudarte



A Instituição, assim como a Creche Brilho de Turmalina, preza pelo respeito às crianças e suas infâncias. Tem como missão oferecer condições para uma infância digna e justa de se viver. Reconhece a criança como sujeito ativo e de direitos. As práticas educativas são pautadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2009), tendo como eixos estruturantes as interações e brincadeiras. Reconhece a importância do acolhimento e inclusão; todas as ações são construídas considerando a singularidade, potencialidade e limites das crianças. Oferece espaços e condições para as vivências infantis, proporcionando aos pequenos o contato com a natureza, com objetos, com seus pares e com adultos, favorecendo o desenvolvimento integral das crianças.

A escola tem compromisso com uma gestão democrática e participativa, reconhece a potência da comunidade escolar. Juntamente com todos os segmentos da escola e comunidade local, a instituição busca adotar ações que atuam na promoção do bem-estar social, na construção de uma sociedade justa e igualitária. Há compromisso com a comunidade, como expressa a professora Jussara Maria de Jesus Modesto: “Durante essa trajetória pude perceber e vivenciar o crescimento da comunidade com a contribuição desse espaço escolar”.

Por meio da roda de conversa, as educadoras deram vazão à memória e sentimentos, quando tivemos a oportunidade de ouvir suas experiências na comunidade. Os relatos, carregados de emoção, declaram que a EMEIEF Professor Daniel Alves Ajudarte iniciou sua história no bairro Turmalina antes mesmo de sua fundação, em 2015. Duas educadoras, que estão na escola desde o princípio, expressam o olhar que tinham para as crianças, preocupadas com o cuidado e necessidades básicas de sobrevivência, e relatam que, antes da implementação da lei que “criou” a escola, o atendimento era oferecido às famílias e às crianças de 4 e 5 anos, com um viés assistencialista, pelo Instituto Nosso Lar, onde funcionavam oficinas sociais realizadas pelos profissionais da instituição.

Registra-se que, a partir de 2007, nas dependências do Instituto Nosso Lar, organizou-se um anexo da Escola Municipal Ivo de Tassis, oferecendo atendimento às crianças de 4, 5 e 6 anos, em horário parcial, sendo um grupo matutino e outro vespertino. Em 2010, esse espaço passou a ser ligado ao CMEI Padre Leonardo Senne, atendendo a crianças da creche e pré-escola. Com o concurso público de 2009, educadoras que trabalhavam na instituição nos anos anteriores, em trabalhos sociais assistencialistas, tiveram oportunidade de concorrer e ocupar o cargo de PMII - Professor Regente da Educação Infantil, no CMEI Padre Leonardo Senne.

Em 02 de fevereiro de 2015, a EMEIEF Professor Daniel Alves Ajudarte iniciou suas atividades. A escola recebeu profissionais do CMEI Padre Leonardo Senne e da Escola Municipal Ivo de Tassis. Inicia-se um novo tempo; o espaço que sempre esteve vinculado a outras instituições tornou-se escola independente, com identidade própria. Todo esse percurso histórico foi possível de ser construído pela memória preservada das educadoras Maria Aparecida Cardoso Moreira e Josefina Alcântara, que por lá passaram e estão até os dias atuais. O resgate da memória possibilita o encontro com as raízes do passado, permite reviver os caminhos percorridos, dando significados aos acontecimentos.

Temos a fala de uma educadora que teve suas vivências infantis na comunidade Turmalina, com as vulnerabilidades de um bairro que começava onde muitos não tinham acesso à moradia digna, sem água encanada e energia elétrica, e algumas famílias buscavam alimentos no lixão para sobrevivência. Havia carência de espaços destinados ao lazer e à educação; naquela época não havia escola no bairro. Mesmo diante desse cenário, de uma memória da infância permeada por desigualdades e pela falta da garantia de direitos, a professora expressa a paisagem de uma infância brincante, em que as crianças buscavam estratégias e construíam suas próprias brincadeiras.

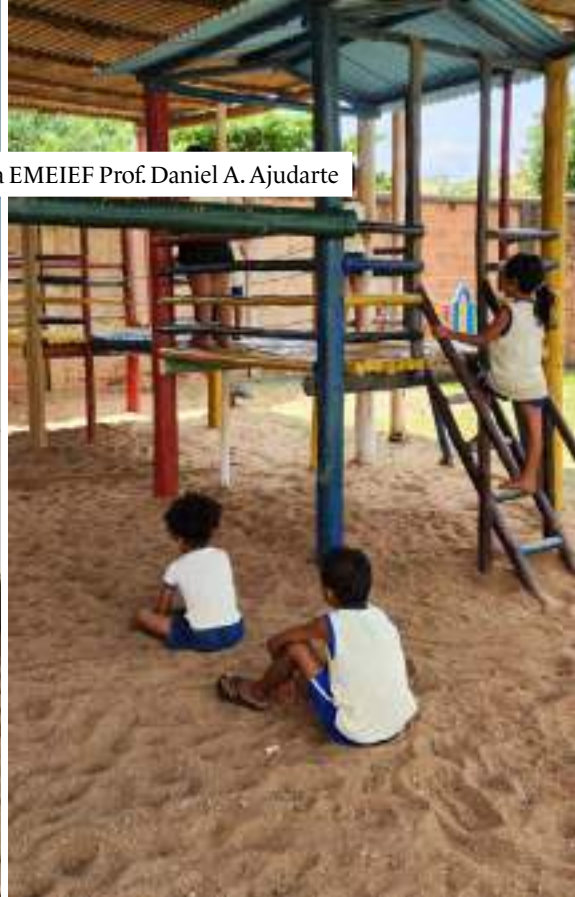
“Mesmo com a precariedade no saneamento básico, para nós crianças, tudo era festa, brincamos muito de pular corda, elástico, pau na lata, pique pega, pique esconde. Amávamos esconder dentro das manilhas quando começou a instalação das redes de esgoto. Quando chovia os barrancos viravam escorregas e quando anoitecia adorávamos pegar vagalume e colocar na sacola para iluminar na escuridão. Como toda criança curiosa, íamos a alguns lugares que era proibido pelos nossos pais, como: tomar banho no córrego que passa atrás do bairro ou ir até o lixão, naquela época já tinha famílias que viviam de catar alimentos ali” (Relato da professora Ananda Rosa da Silva).

Segundo (FERREIRA, 2018, p.88), “O brincar é imprevisível, o brincar é inerente à criança, o brincar é do corpo, o brincar é da imaginação”. No relato da professora, é possível perceber a potência do brincar, a capacidade criativa e imaginativa das crianças. Se para alguns a chuva é um empecilho, para as crianças é oportunidade; com o barro se faz um “escorregador” e as manilhas para instalação da rede de esgoto viram esconderijos do pique-esconde. Com o vagalume ilumina-se a escuridão. O córrego e o lixão proibidos se transformam em espaços para as brincadeiras. Mesmo diante de fronteiras territoriais e das vulnerabilidades, as crianças, com suas capacidades criativas, têm seus escapes e continuam brincando.

Apresentamos o brincar como prática importante no desenvolvimento da criança, defendendo-as como atores sociais ativos e criativos, pois, por meio das interações e das brincadeiras, elas demonstram a capacidade de interpretação do mundo e de si mesmas, na produção de suas próprias e exclusivas culturas infantis nos territórios. Se por um lado a criança é marcada pelo meio social no qual está inserida, por outro, ela também imprime nele suas marcas. Desse modo, a criança ativamente constrói seu mundo e seu lugar nele.

Pode assim dizer, que as crianças por meio de suas culturas são sujeitos criativos, ativos e autônomos. Têm a capacidade de “formularem interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidar com tudo o que as rodeia (SARMENTO, 2005, p.373).

Figura 8 – Crianças brincando nos pátios da EMEIEF Prof. Daniel A. Ajudarte



Fonte: Acervo da EMEIEF Prof. Daniel A. Ajudarte

O brincar faz parte da cultura infantil. Para Sarmiento (2005), a cultura infantil é o modo de significação do mundo e de ação realizada pelas crianças, que difere dos modos de significar o mundo e agir dos adultos. O escritor apresenta a “gramática das culturas infantis”, ressalta que as culturas da criança não se reduzem a elementos linguísticos, mas integram artefatos, ritos, normas e valores. *“Apesar da violência na comunidade percebo que as crianças ainda brincam nas ruas do bairro”* (Relato da professora Ananda Rosa da Silva).

Brincam porque se reconhecem como pertencentes a esse território, porque o brincar faz parte de suas culturas e são atores sociais ativos. Nessa perspectiva, a criança deve ser reconhecida como protagonista de sua história. Para isso, é imprescindível que as educadoras da infância tenham uma escuta e olhar atentos e sensíveis para as crianças e que os espaços das instituições favoreçam as brincadeiras e interações com seus pares.

AMPLIANDO OS OLHARES

Refletir sobre as infâncias pela ótica da Sociologia das Infâncias e Geografia das infâncias possibilita visibilidade às crianças, que por muito tempo não ocuparam seu espaço, estavam ocultas, sem voz, sem escuta e sem historicidade. Essas referências teóricas podem contribuir para ações pedagógicas, mas são, principalmente, significativas para se pesquisar sobre as infâncias, pois oportunizam novos olhares e diálogos nos espaços escolares. É preciso, pois, ampliar as reflexões sobre contextos sociais, culturais, históricos e pedagógicos em que as crianças estão inseridas, para que elas sejam vistas como ativas, criativas, interpretativas e produtoras de cultura.

Uma professora que passou sua infância no bairro Turmalina e hoje é educadora das infâncias na escola da comunidade diz assim: *“Vejo a creche como um porto seguro para essas crianças”*. Em sua

narrativa, a professora relata como foi o início de sua trajetória escolar e reconhece a importância da escola na comunidade, uma escola que educa, cuida e protege “*porque as mesmas são bem mais cuidadas e protegidas aqui*”. Traz a memória da sua infância e relembra seu deslocamento até chegar à escola naquela época.

“Fazia o prezinho no bairro Santa Terezinha e minha irmã fazia 4º série, íamos de ônibus, minha mãe avisava o motorista onde íamos descer, pois ela trabalhava” (Relato da professora Ananda Rosa da Silva).

Naquela época, o deslocamento dos alunos e crianças até a escola em outro bairro muitas vezes se dava sem a companhia de um adulto, o que revela carência de proteção e os riscos a que as crianças eram expostas. A falta de uma escola na comunidade destaca a realidade de vidas infantis que são sujeitas a um injusto e indigno viver. Miguel Arroyo (2012) afirma que o direito mais básico do ser humano é o direito de viver e este, muitas vezes, é negado às infâncias populares. O mesmo autor traz em suas reflexões a defesa de uma educação em tempo integral. Para ele, a pedagogia deve dialogar com a realidade dos alunos, principalmente nos territórios mais vulneráveis.

“Como o bairro era muito perigoso, minhas crianças não desfrutaram de brincadeiras de rua, esporadicamente sentava na porta de casa para eles brincarem um pouco, mas isso era raro acontecer. A creche me ajudou muito, porque era lá que meus filhos podiam ser crianças e explorar toda a energia que eles tinham...” (Relato da professora Jussara Maria de Jesus Modesto).

O perigo citado pela professora, moradora do bairro Turmalina e que atua na educação infantil desde 2002, está relacionado à vulnerabilidade de crianças e jovens nessa região (SANTOS, 2012, DIAS, SOUZA, 2019, FERREIRA, SOUZA, 2021). O relato revela uma infância cerceada pelos problemas sociais que assolam parte das crianças e adolescentes no Brasil.

Figura 9 – Crianças brincando nos pátios da EMEIEF Prof. Daniel A. Ajudarte



Fonte: Imagens do Acervo da EMEIEF Prof. Daniel A. Ajudarte



Em Governador Valadares, as atividades escolares aconteciam em tempo parcial, com atendimento em dois turnos. Certamente, no contraturno, as crianças ficavam em casa com irmãos com pouco mais de idade, com vizinhos ou com seus pais, quando estes não trabalhavam. Diante da realidade social da criança e do adolescente na sociedade contemporânea, no que tange às fragilidades que afetam seu desenvolvimento, assim como a violação de direitos, a Secretaria Municipal de Educação, após reflexões e alguns debates, buscou recursos com objetivo de ampliar a jornada diária escolar.

Em 2010, a Secretaria Municipal de Educação implantou a Escola de Tempo Integral (ETI) nas unidades escolares urbanas e do campo. A jornada foi ampliada para oito horas diárias no ensino fundamental e 10 horas nas instituições de educação infantil. Essa jornada foi vivenciada durante 5 anos. Em 2015, surgiu novamente alteração no funcionamento das instituições de educação infantil, passando o atendimento para oito horas diárias, conforme diretrizes da Secretaria Municipal de Educação.

Constatamos que as instituições de educação infantil inseridas nesse território imprimem suas marcas na vida das crianças e de suas famílias. São reconhecidas como escolas que cuidam, que educam e protegem. Do mesmo modo, a comunidade e crianças, no compartilhar de suas experiências, convidam as educadoras das infâncias a repensar suas práticas diariamente. Não basta apenas ver a criança, mas concebê-la a partir do seu contexto de vida.

A oportunidade ímpar e ao mesmo tempo plural pelas vivências, escutas e sentimentos que tivemos no bairro e nas instituições nos faz ver a importância de dar visibilidade às potências das memórias. Elas formam e ao mesmo tempo reformam

perspectivas. A vulnerabilidade comparece, mas, para além dela, a resiliência sobressai. Moradores e educadores fazem a diferença no território, mudando sentenças e promovendo transformações sociais. Tudo isso inquieta para refletir, pesquisar, estudar e debater as infâncias contemporâneas e seus direitos e acreditar nas potencialidades dos lugares, quando se muda a escala e se tem o ensejo para essa abertura.

OLHANDO O HORIZONTE...

Para concluir, destacamos a importância dos direitos das crianças e olhamos o horizonte, trazendo em nossas memórias outra educadora...

Olhamos o horizonte, reafirmando que inquietudes e o desejo de promover uma educação de qualidade para as crianças perpassam memórias de educadores que marcaram vidas com o seu jeito peculiar e afetivo de educar, e para isso precisamos destacar a pessoa e as contribuições da eterna professora Tânia Maria de Castro Cotta Carvalho para as infâncias em Governador Valadares e no bairro Turmalina, a partir das memórias da Alessandra e do Guilherme que com ela conviveram e aprenderam o cuidado com as infâncias. Prestamos nossa homenagem a essa educadora com o desenho abaixo de uma das crianças e de um pequeno relato sobre ela, que deixamos aberto para que outras pessoas que com ela conviveram preencham com seus afetos.

Figura 10 – Desenho de uma criança



Fonte: Criança da turma de 5 Anos - EMEIEF Prof. Daniel A. Ajudarte



PARA TÂNIA...

Tânia foi uma das vítimas da Covid 19, em maio de 2021. Foi uma profissional muito importante para o desenvolvimento educacional da nossa cidade, especialmente nas duas instituições de educação infantil do bairro Turmalina, onde esteve na gestão de 2010 a dezembro de 2014. Não podemos, de maneira alguma, esquecer o legado dessa educadora, sua contribuição e sensibilidade em oferecer às crianças um espaço digno para viverem suas infâncias. Sua atuação respeitosa, acolhedora e comprometida com as crianças, comunidade e profissionais era notável. Mesmo após sua partida, o impacto de suas ações continua a ser sentido na vida daqueles que tiveram o privilégio de conhecê-la. Mantemos viva a memória, experiências e trajetórias que contribuíram para a melhoria da qualidade da educação infantil. Memórias e aprendizagens afetuosas se reverberam quando nos lembramos dessa eterna educadora infantil.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. O Direito a Tempos-Espaços de um Justo e Digno Viver. In: MOLL, Jaqueline. SPERANDIO, Adriana. MACHADO, Axesandro dos Santos. SACHES, Ana Lucia. CAVALIERE, Ana Maria. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 33-45. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=jbveqoAK1EgC&lpg=PR5&dq=O%20Direito%20a%20TemposEspa%C3%A7os%20de%20um%20Justo%20e%20Digno%20Viver.%20In%3A%20MOLL%2C%20J.%20et%20al.%20-Caminhos%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20integral%20no%20Brasil%3A%20direito%20a%20outros%20tempos%20e%20espa%C3%A7os%20educativos.&lr&hl=pt-BR&pg=PR5#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 19 dez. 2023.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 14 out. 2023.

BRASIL. **Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990**. ECA _ Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 19 dez. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 19 dez. 2023.

CRECHE BRILHO DE TURMALINA. Abril. 2019. Instagram: @crechebrilho. Disponível em <https://www.instagram.com/crechebrilho/>. Acesso em: 13 nov. 2023.

NÚCLEO DE ESTUDOS EM SEGURANÇA PÚBLICA (NESP) / FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP); CENTRO DE ESTUDOS DE CRIMINALIDADE E SEGURANÇA PÚBLICA (CRISP/UFMG) / UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG); INSTITUTO SOU DA PAZ. **Relatório de pesquisa: Pensando a segurança pública: homicídios no Brasil, 2016**. Belo Horizonte: 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=56306&codUsuario=0>. Acesso em: Acesso em: 24 maio 2023.

DIAS, Ana Lúcia Cristo; SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de. Significados atribuídos por jovens às experiências educativas vivenciadas no programa Fica Vivo!. **Educação em Revista**, Belo Horizonte. v. 35, p. e208620, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/qTgj9GmywsYZkWj3TMHPQry/?>. Acesso em: 26 jul. 2023.

EMEIEF Professor Daniel Alves Ajudarte. **Projeto Político Pedagógico**. Governador Valadares, dez. 2020.

FERREIRA, Alessandra Amaral. **Marcas territoriais nas práticas do brincar das crianças da educação infantil em jornada de tempo integral**. 2018. f. 88. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território), Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7452488. Acesso em: 19 dez. 2023.

FERREIRA, Alessandra Amaral; SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de. O brincar das crianças na escola em tempo integral: tensões entre as fronteiras territoriais e as culturas infantis. **EccoS Rev. Cient.**, São Paulo. n. 56, p. 1-19, e11234, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/11234/8781>. Acesso em: 26 jul. 2023.

GOVERNADOR VALADARES. Secretaria Municipal de Educação. **Escola em Tempo Integral**. Caderno 1. Governador Valadares, 2009.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia da infância, justiça existencial e amorosidade espacial. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 31, n. jan/dez, p. 1–13, 2022. DOI:10.29286/rep.v31ijan/dez.12405. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/12405>. Acesso em: 19 dez. 2023.

NORA, Pierre; KHOURY, Yara Aun. Entre Memória e História: a Problemática Dos Lugares. **Projeto História: Revista do**

Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 19 dez. 2023.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf> . Acesso em: 14 out. 2023.

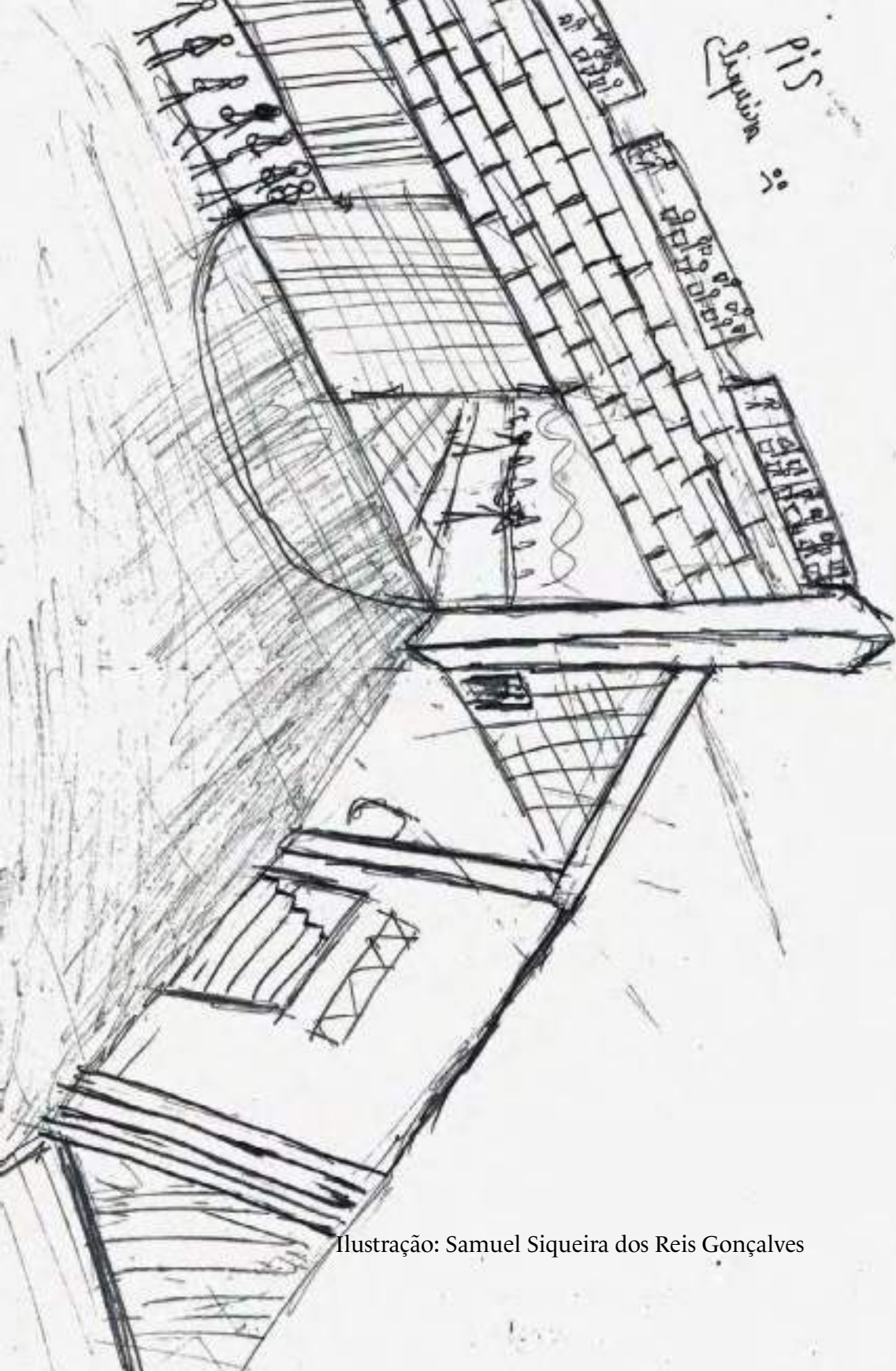
SANTOS, Wagner Fabiano. **O território do crime em Governador Valadares**: diagnósticos e perspectivas. 2012. 96 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada de Território), Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), Governador Valadares: 2012.

Biografias da escola:

*Memórias e
pertencimentos*

Parte dez

10



pis
Siqueira

Ilustração: Samuel Siqueira dos Reis Gonçalves

BIOGRAFIAS DA ESCOLA: MEMÓRIAS E PERTENCIMENTOS

Alice Rocha Brito Sampaio

Emilly Gomes dos Santos

Augusto Fraga de Paula

Samuel Alves de Souza

Rayca Victoria de Aguiar Araújo

Renato Conrado Lopes (Docente - História e Geografia)

Conversando com a Cidade

Olá, leitor (a),

Nós estudantes, autores deste capítulo, juntamente com nosso professor de história e geografia (Renato) vamos apresentar a você algumas memórias marcantes da Ivo de Tassis! O título escolhido para este capítulo foi “Biografias da escola” porque uma escola é feita de pessoas. Para isso, entrevistamos pessoas escolhidas – as que têm mais tempo na escola e uma pessoa que estudou em nossa escola – porque elas podem nos contar suas memórias e pertencimentos. Organizamos o texto em três partes: na primeira, apresentamos recortes das entrevistas; na segunda, apresentamos espaços importantes da escola com fotos; e na terceira, finalizamos com nossas memórias como estudantes que estão terminando o ensino fundamental e com as memórias do professor Renato, que conclui o texto.

MEMÓRIAS E PERTENCIMENTOS: AS ENTREVISTAS

Escolhemos para nos contar suas histórias, a professora Gilzete Ramiro de Oliveira, professora dos anos iniciais do ensino fundamental (21 anos na escola); Magali Aparecida da Silva Lopes, professora da sala de leitura (21 anos na escola); Silvânia de Souza, diretora da escola (23 anos na escola); Marta Aparecida Crispin

Rabelo, professora dos anos iniciais do ensino fundamental (23 anos na escola e 26 anos como professora no bairro em um anexo da Escola Municipal Serra Lima); Glauce Vieira dos Santos (cantineira da escola há 20 anos); Eduardo Alves Lima, foi estudante quando a escola foi iniciada no bairro (2000), atuou como professor na escola e hoje é professor de “lutas”, em parceria com o Programa Fica Vivo!.

Em nossas conversas com essas pessoas, que foram gravadas, fizemos um roteiro de entrevistas e perguntamos: 1- nome, função, há quanto tempo trabalha na escola; 2- como foi o início da sua trajetória na escola; 3- o que mais gostava (ou gosta) na escola e qual foi o ano que marcou a sua história; 4- recados aos leitores deste livro.

Convidamos você, leitor(a), a conhecer um pouco dessas memórias.

Quando eu cheguei aqui o pessoal mais antigo já estava. A escola foi fundada em 2000 no meio do ano, em junho. Em 2001, pessoal antigo, a Silvânia, que veio para cá como professora, e depois se tornou vice-diretora na escola; no matutino, nós tínhamos 3 turnos, e aí ela veio para cá como professora, e aí depois foi convidada pra ser a vice-diretora da escola. Em 2002, quando eu cheguei à escola, já tinha essa estrutura dos 3 turnos. Eu trabalhava com o vespertino e vim para cá trabalhando com uma turma de 3º ano. Nesse primeiro ano, e depois subsequente ela me convidou para trabalhar na parte da manhã, que a diretora era a Anália, porque nós tínhamos uma turma em defasagem de ensino; eles eram maiores, estavam na 4ª série, e eles precisavam fazer um avanço que hoje a gente faz uma reclassificação com o aluno. Antigamente a gente não tinha essa oportunidade, mas se fazia 1 ano de estudo intenso com os meninos, então a gente ficava na sala, eu só saía da sala nas aulas de educação física, somente. O resto era eu, eu e eu, e pra alfabetizar, pra avançar os meninos para os anos finais. E nós conseguimos fazer essas turmas durante algum tempo que era um projeto mesmo né da escola. (Gilzete)

Eu estou aqui antes dos alunos, cheguei na escola antes dos alunos. A escola foi inaugurada em 24 de junho de 2000, eu cheguei aqui em 24 de julho em 2000, e os alunos em 1 de agosto de 2000. Os primeiros alunos daqui vieram da Escola Maria Elvira, que lá funcionava em 4 tempos, 4 horários, Maria Elvira, para atender os alunos daqui do Turmalina que é um bairro novo, um bairro recente. Então essa escola foi construída para atender a esses alunos do bairro. Então tinha alunos do Turmalina que estudavam no Maria Elvira e tinha alunos que estudavam no Padre Eulálio, que iam de ônibus, e tinha alunos que estudavam em escolas do estado. Então, assim que a escola foi feita, todos os alunos que estudavam nas outras escolas municipais e que moravam no bairro Turmalina vieram para a Escola Ivo de Tassis. A escola começou de manhã, eram os anos iniciais, de tarde eram os anos finais e à noite também os finais e EJA [Educação de Jovens e Adultos]. (Silvana)

No princípio, todo mundo te assusta dizendo que você é muito corajosa de trabalhar na porta da sua casa, mas para mim foi gratificante porque, além de sentir aquela proximidade do meu trabalho, estar perto da minha família, o sentimento de pertencimento é muito maior. Então eu me sinto dona disso aqui, entre aspas, né, porque a escola é a extensão da minha casa realmente, porque eu só atravesso a rua, né, então isso aqui começou a fazer parte da minha vida particular também, então para mim é gratificante ser Ivo de Tassis, estar aqui há 21 anos. Os meus filhos estudaram aqui desde o 1º aninho até o 9º ano; o meu filho saiu daqui do 9º e foi para o IF [Instituto Federal], fez o ensino médio lá, minha filha terminou o ensino fundamental aqui e continua estudando aqui... Então isso aqui para mim é a extensão da minha casa. (Magali)

Trabalho na escola desde 6 de fevereiro de 2003. A coordenação da escola, para mim, era ótima. Coordenada pela Anália e com a Silvânia como vice-diretora, então a direção era muito boa, ótima. Mas para mim foi um tempo difícil porque eu estava chegando, nunca tinha trabalhado numa escola, então para mim foi bem mais difícil, mas com o tempo fui acostumando. Quando eu cheguei aqui [no bairro] aqui era sem calçar, chovia muito, com o tempo foi melhorando. (Gláucia)

E quando eu comecei aqui no bairro, eu comecei no ano de 1997 e não havia escola no bairro Turmalina. Então quem dava aula aqui, a gente trabalhava pela Escola Serra Lima. A gente não tinha sede própria para trabalhar. Quem cedeu para nosso primeiro espaço foi a igreja católica. A nossa sala funcionava aqui no primeiro aninho com a turma de 6 anos até 13 anos de idade e era no total 39 alunos. Aí essa escola Ivo de Tassis, lembro de um fato interessante que eu trabalhava no bairro Palmeiras pela escola Serra Lima e a gente viu a construção dessa escola. Então a gente tinha um sonho, eu e minha colega, a gente passava de ônibus e eu falava assim: “a gente vai trabalhar naquela escola, vai ser a nossa sede de trabalho. Então essa escola foi construída, e no ano de 2000, julho de 2000, essa escola foi inaugurada. Vieram alunos de 6 escolas, entre município e estado, e que eram do bairro. Começou aqui a gente já a trabalhar aqui. A escola estava iniciando ainda. Nós não tínhamos ainda uma estrutura, não é porque a escola ela tinha acabado de ser inaugurada. Comecei em fevereiro de 2001. Aí a nossa diretora era Anália Fagundes, né que está na memória. E aos poucos, né? Junto com os alunos, os professores e a comunidade, nós fomos construindo a escola que é hoje, e a gente tem um amor muito grande por ela. (Marta)

Cara, eu acredito que comecei a estudar na Ivo. Foi na implantação, né? Acho que em 2000 estudei aqui de 2000 a 2008, que foi do ensino fundamental, da segunda série até o final. Cara, eu fui aluno, eu fui professor na Ivo, na Ivo, eu trabalho de 2014 a 2019, né? Foram 5 anos que eu dei aula aqui. Para mim, foi satisfação muito grande eu poder ser professor ou poder lecionar na escola onde fui formado, é... da minha profissão. Então conheci boa parte dos alunos. Quando a gente era, é vizinho mesmo nós moramos na mesma comunidade, então para mim foi um privilégio grande, sempre fui muito bem tratado por toda a equipe de professores toda a equipe de gestores e sinto falta do trabalho que eu realizava aqui em alguns momentos. Mas é isso, é um privilégio muito grande, gostei muito desses 5 anos que eu passei aqui na Ivo de Tassis e foi a escola que foi uma chave para minha carreira profissional. (Eduardo)

O INÍCIO DA TRAJETÓRIA

Olha, exceto 2010, todos os anos para mim foram excelentes. Foi um ano difícil para todos, porque foi a instalação da escola em tempo integral e foi uma desorganização geral, então foi muito tumultuado e muito sofrido para todos nós, ao ponto de pensarmos em abandonar a escola, a profissão, tudo, mas como o amor e tudo isso é muito maior a gente ficou, e superamos. O acolhimento, o sentimento que a gente tem de família, de sermos quase que irmãos; aqui quando a gente começou a aposentar o sofrimento foi muito grande, tanto que eu me aposentei em 2001, e vocês podem até achar engraçado, mas eu levantava, tomava meu café e ficava no portão, pra ver todo mundo passar. Fiquei 2 meses assim, e quando surgiu a oportunidade de voltar foi assim ó, porque estar em casa e ver todos virem para mim era um sentimento de inutilidade, eu ainda acho que preciso estar aqui, a escola precisa de mim e eu preciso da escola. (Magali)

Eu gosto da escola, eu gosto do bairro, todo mundo sempre teve muito preconceito com o Turmalina, e eu já encarava o Turmalina de outra forma, eu sempre encaro a escola, uma escola onde todas as pessoas são daqui, não tem gente de fora, tem gente daqui, então é muito mais fácil da gente trabalhar, da gente ser acolhido, do que uma escola que recebe alunos de vários bairros. Aqui no Turmalina todos são daqui as mães, os pais; hoje os pais de vocês foram nossos alunos, então assim, a gente tem a oportunidade de conhecer as pessoas, de conhecer a família, entendeu, apesar de diversidade, a gente recebe muito aluno, muita gente muda, muita gente migra, mas aqui eu acho muito bom de trabalhar, tanto é que trabalho até hoje. Eu acho que cada ano ele tem uma particularidade, então não dá pra falar pra você, qual ano que eu mais gostei, não, que cada ano tem uma particularidade, eu posso falar pra você o ano que eu não gostei muito, que foi a transição do período integral, acho que o ano de 2010 e de 2011, para nós, que tínhamos uma estrutura de 2 turnos, quando juntou tudo, então era muito desorganizado, principalmente no ano de 2010 Acho que nós professores e os alunos, o corpo da escola docente e discente, sofreu muito com a mudança, e essa mudança sem preparo adequado, sabe? Esse ano para mim foi um dos mais difíceis, assim, porque você via professor ter que sair da sala para outra entrar, você levava menino pro pátio, aí tinha uma salinha que era um quadradinho feito de madeirite, tudo isso e você não conseguia atender aos alunos adequadamente, muito calor. Então assim, foi muito sofrido, até se organizar realmente no tempo integral. Então, a partir de 2011, depois do segundo semestre, aí deu aquela ajeitada, sabe? Porque, assim, arrumou-se os espaços necessários para atender nossos alunos, para atender aos professores e funcionários que também pudessem fazer esse atendimento, ajudar na limpeza de uma sala, servir uma merenda, porque até então 2010, a gente não tinha essa estrutura. (Gilzete)

Então, a experiência boa é porque, na época, nós tínhamos uma diretora que era a Anália Fagundes e ela era uma professora sonhadora. Era um prazer tão grande de trabalhar nessa nossa escola, que era uma escola que nós tínhamos projetos. A escola foi premiada, né, várias vezes com o projeto semeando com o Fica Vivo!, né? , e os nossos projetos institucionais. Nós sentimos o que é realizado através dos nossos alunos e a escola sempre foi uma referência da rede municipal. E hoje não é diferente, né? Através do projeto que o professor Everton apresentou ontem com os alunos dos anos finais e fomos todos. A parte de química, de física com as baterias mostrando as energias, não é? Eles mostraram sobre a eletricidade que tem nas frutas no corpo da gente. Então, são coisas que acontecem na escola que deixam a gente orgulhosa, sabe. Uma parte difícil foi no começo, receber alunos de várias escolas, de várias instituições, não é? A escola ainda estava começando com as dificuldades, mas o tempo mais difícil mesmo foi com a implantação do tipo integral. A escola não tinha estrutura nenhuma para estar recebendo os alunos, para eles ficarem aqui até as 16h, né. Foi um ano assim, bastante cansativo, com muitos trabalhos, muitos desafios. Agora que as coisas estão organizadas, acho que aqui é o melhor lugar. Para eles, não é? Eles chegam aqui, são muito bem cuidados, muito, com a alimentação, com os esportes, com as aulas. É uma escola que tem excelentes professores, né? Todos são muito dedicados, em trabalhar, ensinar, educar, buscar soluções, discutir o que pode ser melhorado. (Marta)

Todas as minhas memórias são boas. Eu tive momentos excelentes aqui na escola, eu não estaria sendo honesta se eu escolhesse só um. Olha, o melhor ano não, sei se foi o melhor ano não, acho que tirando o ano de 2009 e 2010, todos os outros anos foram iguais. Primeiro, o início, a gente estava numa escola nova, para os alunos era novo, para a comunidade era nova, para nós professores também era nova, porque a gente recebeu a escola só o pó, só mesa, cadeira e quadro, não tinha mais nada. Então tudo que tem aqui na escola hoje, todas as modificações e melhorias, foram feitas pela diretora Anália, uma das primeiras diretoras aqui, e a Rita de Cássia, que foi diretora aqui em 2010. Nós professores criamos um ambiente como se fosse uma segunda casa, então temos um carinho muito grande, cuidamos como segunda casa. Vocês sabem que eu sou muito enjoada, que eu pego no pé, chamo atenção, por quê? Para mim é como uma segunda casa, então cuido como segunda casa e cuido de vocês como se fossem parte da minha família. (Silvana)

MELHORES MOMENTOS E DIFICULDADES

Que eles entendam que a Escola Ivo de Tassis ela tem uma personalidade, ela tem uma estrutura muito boa, e ela tem um grupo de funcionários que amam isso aqui. e então, que as pessoas que moram no bairro passem a valorizar mais a Ivo de Tassis, deixar que as nossas crianças fiquem aqui, permaneçam aqui e deixem essa evasão, sabe? Vão pra escola, se der estão voltando, porque não deixar os bichinhos aqui do primeiro aninho até o 9º ano? Para que nossa escola seja valorizada. Eu fiz isso com meus filhos, e eles estão indo bem na vida. Escola pública não é coisa ruim, escola pública é aquilo que a gente faz nela. Então Ivo de Tassis é isso, é o que a gente faz e fez, então que a nossa comunidade entenda que nós precisamos permanecer aqui para a gente ser mais valorizado (Magali)

Eu acredito na educação. Sou professora, eu não sou só uma professora, eu sou uma educadora. E isso não existe em mim só enquanto que estou trabalhando, isso sou eu. Da hora que eu abro os olhos até a hora que eu deito nos meus sonhos eu sou uma educadora. Então ajudar, ter ajudado a construir, a fazer com que a escola municipal Ivo de Tassis chegasse onde ela está, com o respeito que ela tem e de ter contribuído na vida de muitos alunos, é importante. E ela não tem que ser só promessa de campanha. Educação, vocês que são adolescentes, que futuramente serão jovens, homens e mulheres. É a educação que faz com que as coisas mudem e para melhor. Com respeito, com dignidade, com fraternidade, com a solidariedade. (Silvana)

Aí o recado que eu dou é que essa escola, ela é muito importante. É a que nós temos na comunidade. E os alunos que fazem parte da escola, eles têm que valorizar esse patrimônio de cuidar das cortinas, das carteiras, das mesas, né? E fazer desse espaço da sala de aula uma comunidade, uma coisa bacana para conviver. Com respeito, com dignidade, com diálogo, com paz, não é? E eu creio que muitos deles voltarão aqui. Nós já tivemos alunos que voltaram depois, como professor dessa escola e sempre é muito gratificante a gente valorizar o que nós temos de melhor. (Marta)

Uma frase de motivação [para alunos] é que a gente deve percorrer os nossos objetivos, né? E, nada deve ser obstáculo na nossa vida. A gente consegue. Se a gente focasse e gente tiver uma oportunidade, a gente tem que correr. Tem que lutar, batalhar e conquistar. (Eduardo)

Eu gostaria que todas as pessoas que tiverem a oportunidade de fazer essa leitura, elas olhem com carinho toda a trajetória que a nossa escola fez, desde que foi fundada aqui no bairro Turmalina, e olhem também as pessoas do bairro Turmalina como pessoas pertencentes a esse lugar, dessa escola, e que assim, as pessoas valorizem tanto a escola quanto as pessoas que aqui moram. Eu acho que são experiências que a gente viveu aqui ao longo do tempo, de todos esses anos que trabalho aqui na escola, que vai pra vida, de pessoas, de alunos, de pais, de funcionários, eu acho que é uma trajetória mesmo de vida. Leiam. (Gilzete)

RECADINHO PARA LEITORES

Para finalizar esta seção, trouxemos a foto de uma das primeiras alunas da escola, mãe do nosso colega Samuel Alves de Souza.

Figura 1 – Foto da aluna Naiara Martins Nascimento (2001)



Fonte: Acervo de família do estudante Samuel Alves de Souza (2023).

ESPAÇOS QUE REGISTRAMOS

Escolhemos, para que você conheça um pouco da nossa escola, três espaços para apresentar a você. Conversamos com as pessoas que neles trabalham e os fotografamos.

A BIBLIOTECA

A professora Marilza Delfina Quintino da Silva nos mostrou a biblioteca, explicou como ela funciona e nos contou um pouco do seu trabalho que realiza com criatividade, comprometimento e com ele se emociona. Leia o seu depoimento:

Sou professora de “sala de leitura”, um projeto da Smed que nós trabalhamos nas escolas com empréstimo de livros, e principalmente, incentivo à leitura. A gente faz um trabalho de contação de história, faz um trabalho de empréstimo de livro, conservação do livro, devolução do livro também da responsabilidade do aluno. E também nas contações de história. A gente faz trabalho em que os alunos expõem a opinião sobre o livro, né? Esse ano, além dessas contações de história, nós fizemos o “projeto de folclore”. Nos anos finais, fizemos também “literatura de cordel”, com os anos finais, né? E os anos iniciais fizemos o “piquenique literário” em que eu levei as crianças do primeiro ao quinto ano, lá no parque municipal, com a contação de história e após um piquenique literário, né? Após o piquenique, fizemos também um passeio. Olha no meu trabalho, eu gosto muito do que faço. Eu amo, principalmente quando eu tenho um retorno dos alunos com relação à leitura, né? Eu fico emocionada quando o aluno chega perto de mim e fala que o livro modificou ele em algo. (Marilza)

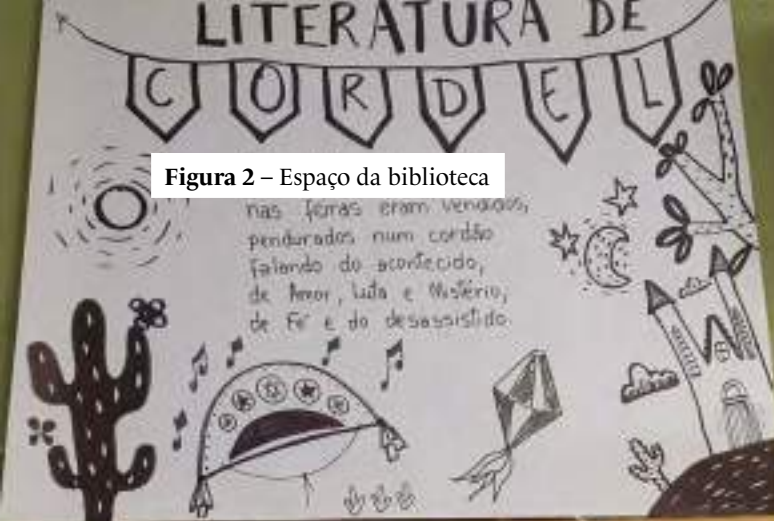


Figura 2 – Espaço da biblioteca



Fonte: Acervo da profa. Marilza Delfina Quintino da Silva

A INOVATECA

Para conhecer a Inovateca, que é também um projeto da SMED e funciona em uma sala com computadores e jogos diversos, conversamos com a Magali Aparecida da Silva Lopes, professora que coordena as atividades nesse espaço:

Essa sala tem as mesas alfabeto, já é o segundo ano que a nossa escola tem essas mesas aqui que atendem aos anos iniciais. Então aqui nós atendemos ao primeiro e ao segundo ano com atividades de língua portuguesa, matemática e língua inglesa. E atendemos ao terceiro ano com língua portuguesa e matemática. Então eles vêm aqui 3 vezes por semana e a cada dia da semana eles trabalham uma atividade. Então, aqui eles têm atividades chamadas atividades gamificadas, que são jogos que têm atividades de alfabetização; nós trabalhamos a matemática, então são atividades de adição, subtração, sequência numérica. Então todas são atividades gamificadas, onde eles vão disputando de dupla ou é conforme a atividade da professora e tudo que é trabalhado aqui é de acordo com o planejamento da sala de aula. A professora planeja dentro de sala de aula uma atividade e estende aqui na mesa alfabeto. (Magali)

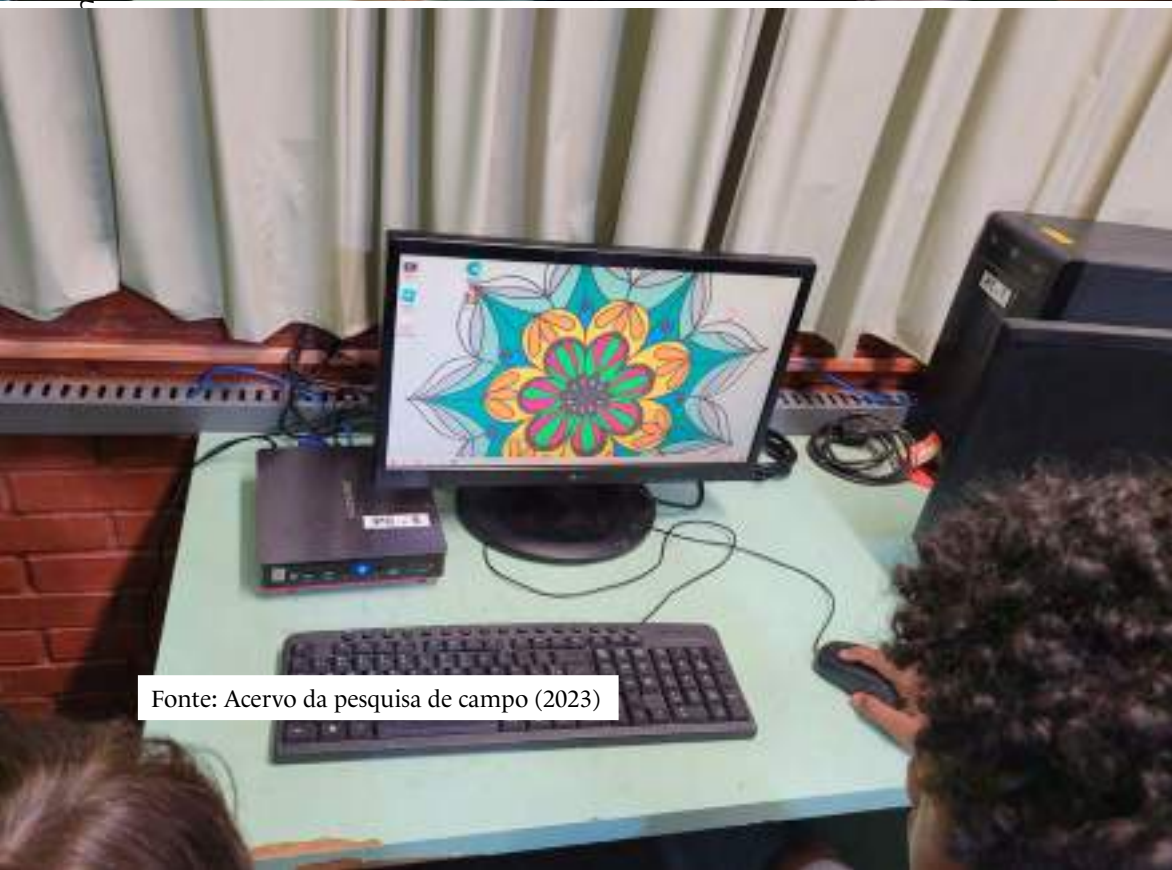


Figura 3 – Espaço da Inovateca



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023)

Figura 4 – Espaço do Laboratório de Informática



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023)

O LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA

O professor de informática, Everton Viegas Pardim, relatou que está na escola desde 2012, e que ao longo dos anos os computadores foram melhorando e o acesso a eles foi ampliando. Conheça um pouco desse espaço:

Com a tecnologia que tem hoje, com o trabalho que é feito hoje, é um trabalho diferente também daquela época, um trabalho, agora mais mão na massa, um trabalho que é chamado “cultura Maker”, né, de aprender fazendo. É o chamado “projeto inventura”, que é essa cultura maker. Mesmo de se aprender fazendo e trazer a programação para dentro da escola, programação, linguagem de programação mesmo e aprender a programar um sistema, fazer um programa de jogos nesse sentido. E hoje o trabalho é a programação voltada para blocos, que é chamado microbit, né? Você vai programar uma plaquinha? Essa plaquinha chama microbit e o site da Microsoft tem um site lá que é make coach, ou seja, que é o código, como se fosse lego. Aí você vai encaixando, vai montando a estrutura lógica e essa estrutura lógica ele transfere para uma placa que essa plaquinha ela funciona como um robô e aí ele dá vida a outras coisas da imaginação, né? Então, assim, é, resumindo, o que que seria o inventor em si? É o menino aprender fazendo e aprender a programar. Aí ele melhora tanto em português que é a interpretação. Ele precisa da matemática, ele precisa de outras disciplinas voltadas para essa a programação... É uma tecnologia que ela abrange todas as outras disciplinas, junto. Por exemplo, tem um sensor de umidade relativo do ar. Ele tem que saber um pouquinho da ciência pra ele também saber programar aquele sensor. O espaço é usado também para outros projetos e aulas. (Everton)

Na figura 5 a seguir, você pode conferir nosso grupo trabalhando a escrita deste capítulo, outros espaços e murais que se encontravam nas paredes da escola e que registramos.

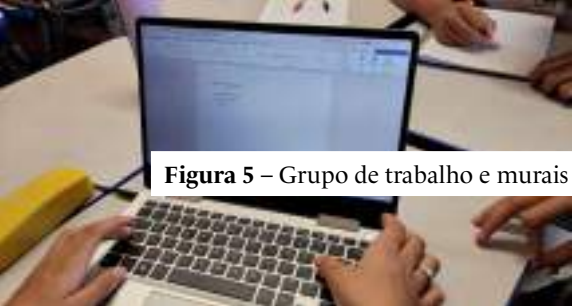


Figura 5 – Grupo de trabalho e murais da escola



Fonte: Acervo da pesquisa de campo (2023)

NOSSAS MEMÓRIAS – RECADINHO FINAL PARA OS LEITORES DO E-BOOK

Augusto @u.negao

Meu nome é Augusto, tenho 14 anos, estudo aqui desde do meu primeiro ano. Entrei na escola em 2014. Acho que meus pais tiveram uma boa escolha por terem me colocado na Ivo, aqui eu fiz vários amigos e tive uma ótima educação; os professores sempre foram respeitosos, nunca me faltou nada aqui, eu indico a escola Ivo de Tassis pra pessoas de todas as idades.

Meu nome é Samuel Alves, estudo na escola municipal Ivo De Tassis; eu entrei aqui em 2016 no segundo ano do fundamental. Naquela época as coisas eram muito legais, tinham brincadeiras e deveres e muita diversão! Bom... os anos se passaram, alguns foram difíceis, meu melhor ano, a melhor para mim foi em 2018 e 2019, esses dois anos foram os melhores de todos, foi muita zoeira, diversão e dificuldades extremas. Mas o ano mais difícil foi 2020 onde teve a pandemia da covid-19 onde ficamos 1 ano sem aula e sem aprendizado, foi muito difícil. O ano seguinte, em 2021, as aulas voltaram. Tecnicamente falando, nesse ano não aprendemos absolutamente nada, 2021 foi um pouco difícil. 2022 chegou. Foi um ano de muita rivalidade entre salas, mas ok! Em 2022 não foi aquelas coisas, eu me lembro que teve brigas na escola e discussões, chegaram professores diferentes e legais, mas tivemos que nos adaptar novamente à escola e aos professores, mas tirando isso, não foi muita coisa. Etapa final 2023, estou no nono ano, um ano top com muitas brincadeiras e diversões e sempre tem aquelas dificuldades; foi um ano top legal e divertido e estamos na etapa final e a próxima fase é o ensino médio.

Me chamo Rayca e estudo na Ivo De Tassis a 5 anos, desde 2019. No início foi muito estranho já que eu conhecia poucas pessoas; com o passar dos meses eu me adaptei mais e fiz mais amizades. Aprendi muitas coisas novas e conheci uma pessoa que temos amizade até hoje. Quando 2020 chegou achei que seria um ano maravilhoso, mas foi totalmente ao contrário, a covid-19 chegou e nos colocou em casa, sem poder sair pra canto algum. Foi um ano muito difícil, perdemos muitas pessoas e muitas tiveram o psicológico afetado com ansiedade, depressão ou algo do tipo. Quando as aulas voltaram em 2021, foi um alívio para todos. Aprendi muito com os professores e com meus colegas. 2022 foi um ano muito bom e não foi diferente de 2021. 2023 está sendo um ano muito bom; o último ano estamos tentando aproveitar o máximo, estou tendo momentos bons. Espero que ano que vem seja melhor.

Alice @PVD_lice1251

Meu nome é Alice Rocha Brito Sampaio e tenho 15 anos. Eu morava em São Paulo, vim para governador Valadares em 2021, mudei de casa várias vezes durante esses anos. Vim para a Ivo em 2022, tinha acabado de me mudar, estava matriculada no oitavo ano, tive que me reabilitar a escola, colegas e professores. No começo foi um pouco difícil. Sempre fui muito tímida em questão de fazer amizades, então andava muito sozinha. A escola foi muito acolhedora comigo; com o tempo fui me enturmando e fazendo amizades. Nesse ano tinha muita rixa de salas, uma mini disputa de qual era a melhor sala. Durante esse ano me aproximei dos meus colegas, joguei no interclasse, perdi mais criei muitas memórias, fiz amizade com os monitores, professores, e as cozinheiras são pessoas muito gentis. Hoje estou no final do nono ano, minha vida mudou muito desde o ano passado, estou ansiosa pelo o que me aguarda pelos próximos anos.

Emilly @hemhilly_hhkmk

Meu nome é Emilly, tenho 15 anos, estou na Ivo desde o primeiro ano. Fui matriculada em 2015. De primeira tive medo da escola mas depois fui me adaptando, fui fazendo amizades, os professores são acolhedores e dão uma educação e conselhos. Mesmo que a escola não tenha muitas condições, ela é boa, e eu tenho vários momentos marcantes nela, então recomendo você estudar na Ivo de Tassis.

PARA CONCLUIR – MEMÓRIAS DO PROFESSOR RENATO

Minha vivência dentro da escola Municipal Ivo de Tassis acontece em dois momentos que para mim trazem muitos significados para meu processo enquanto pessoa e educador. Meu primeiro momento foi em 2010. Naquele ano, eu ainda na graduação do curso de geografia, assumi o cargo de professor de geografia e cartografia. Naquele mesmo ano, a Prefeitura de Valadares estava iniciando a Escola em Tempo Integral, uma novidade na rede municipal, tanto para os alunos quanto para nós professores. Novidade, pois as mudanças eram totalmente novas começando pelo horário de início e término das aulas, e ainda as mudanças ligadas à organização de espaços, refeição, currículo. Enfim, foi um momento de muito aprendizado que guardo com muito carinho.

Um segundo momento da minha experiência enquanto professor na Escola Municipal Ivo de Tassis começa em 2019. Naquele ano, começamos o ano letivo e logo no início tivemos que parar nossas atividades por causa da Covid 19, que assolou toda a humanidade. Mas a experiência que mais chamou a atenção foi que, depois de um tempo sem ter contato com a escola e os alunos, a Secretaria Municipal de Educação (SMED) organizou os

trabalhos de forma remota. Um sistema de aulas, em que a cada semana o professor postava na plataforma conteúdos ligados ao seu componente curricular. Os alunos também tinham acesso a esses conteúdos, faziam atividades e os professores faziam a correção dentro da plataforma mesmo. Esse processo durou até o mês de setembro de 2021, quando a SMED resolveu gradativamente voltar com as aulas presenciais de forma cuidadosa, até que as coisas fossem se normalizando.

Agora em 2023, me envolvi com atividades do projeto “Conversando com a Cidade”, com um olhar sobre o bairro Turmalina. Foi um tempo de aprendizados, de trocas com os estudantes, com os colegas pesquisadores da Univale – que foram meus professores no GIT, e outros colegas pesquisadores. Foi uma experiência gratificante acompanhar e organizar com esse grupo os debates com estudantes, caminhar pelo bairro, acompanhar o grupo que elaborou as ilustrações para o livro, escrever este texto com os estudantes, com o apoio da professora Celeste que coordenou comigo as atividades de escrita.

Nesses momentos importantes na minha história enquanto educador, percebi o encantamento pelo espaço de vivência dos alunos que, no caso, é a escola. No dia a dia com os alunos, nos momentos de programações feitas pela escola envolvendo as famílias, é perceptível a participação da comunidade e dos estudantes, mostrando um sentimento de pertença a esse território. O território se configura na relação de um indivíduo ou grupo social com um espaço material e/ou simbólico. Resulta da vivência, uso e significação de um espaço apropriado (HAESBAERT, 2004), como é possível identificar aqui em nossa escola.

REFERÊNCIAS

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **Revista GEOgraphia**, Niterói, ano 9, n.17, p. 19-45, 2004. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>. Acesso em: 6 fev. 2024.



Apêndice 1

Parte onze

11

APÊNDICE 1 – CARTÓGRAFOS E CARTOGRÁFAS DO 9º ANO A NO BAIRRO TURMALINA

Olá,

Convidamos você para caminhar conosco por algumas ruas do bairro Turmalina. O convite é para que, nessa caminhada, observemos algumas pistas que nos orientarão no percurso e que apresentaremos a seguir. Você pode marcar a existência ou não dessas pistas e anotar com o seu grupo, no espaço em branco, o que desejar. Caminharemos pelas ruas indicadas durante aproximadamente uma hora e depois retornaremos à escola. Você pode combinar com o seu grupo para tirar fotos do que mais chamar a atenção de vocês.

Boa caminhada!

Pesquisa: Conversando com a cidade: cartografias no bairro Turmalina, Governador Valadares - MG: territórios vividos e territórios educativos.

Parceria: E. M. Ivo de Tassis (SMED) Apoio: FAPEMIG

PISTA A - O BAIRRO E SUA HISTÓRIA

1. Você mora no bairro? Há quanto tempo? Conhece alguém que mora no bairro? Frequenta o bairro? Em que lugares costuma ir?
2. Vamos observar construções, antigas ou diferentes? É possível descrever o tipo de arquitetura e detalhes que chamam atenção?
3. Vamos tentar descobrir a data de construção? Você conhece pessoas envolvidas na construção? É possível descobrir o motivo da construção?
4. Existem monumentos, estátuas e esculturas? De que tipo? Vamos tentar descobrir a data de construção? Você conhece pessoas envolvidas na construção? É possível descobrir o motivo da construção?
5. Vamos conhecer os nomes de ruas e praças e anotá-los? Será que houve mudança de nome?
6. Podemos relacionar os nomes das ruas com a história da cidade, estado, país?
7. Existem nomes estrangeiros nesses lugares? 5. Você sabe de histórias antigas sobre pessoas, estabelecimentos, algumas “lendas urbanas”?
8. Se for possível conversar com moradores, donos de estabelecimento, familiares...

PISTA B - O BAIRRO E O MEIO AMBIENTE

1. Você sabe se falta água no bairro? Com qual frequência? A água demora para voltar?
2. Há cursos d'água ou nascente no bairro? Vamos reparar se os cursos de água ou a rua, recebem água usada (suja que vem das casas, dos estabelecimentos).
3. Vamos reparar se há poças de água nas ruas. Há água suja acumulada em lotes vagos, por exemplo, em pneus? Há lixeiras nas ruas? O lixo está nas lixeiras?
4. Há material a ser reciclado misturado com outros tipos de lixos?
5. Qual dia a prefeitura recolhe o lixo? O caminhão da coleta seletiva passa no bairro?
6. Você está achando a rua suja? Você viu na sua caminhada pontos de coleta de vidro, de papel reciclado e outros parecidos?
7. Você sabe o que é sarjeta e boca de lobo? Elas estão limpas, ou estão entupidas?
8. Você vê barranco caindo, solo trincado?
9. Qual é o tipo de calçamento das ruas?
10. As praças são bem conservadas, o chão está trincado, seco?
11. Há áreas verdes? É possível ficar nessas áreas? Tem árvores frutíferas? Elas são acessíveis?
12. Você sabe se as pessoas que moram nessa rua têm o hábito de se sentarem na calçada, na porta da rua? Você encontrou animais durante a caminhada? Você sabe identificar que tipos de animais existem no bairro?

PISTA C – ARTE E CULTURA NO BAIRRO

1. Você observou se na rua há algum sinal de que tem artista morando nela?
2. A rua tem grafitti nos muros, pichação?
3. Tem algum cartaz de propaganda convidando para eventos?
4. Você conhece pessoas que trabalham com arte no bairro?
5. Sabe de alguma festa realizada neste bairro? Tem alguma feira de artesanato por aqui?
6. Tem alguma igreja por aqui? Vamos observá-la, o tipo de construção, qual a denominação religiosa, data da construção, placas e outros sinais de fé, como imagens, cruzeiros etc.
7. Vocês observaram outdoors na rua? Quais imagens estão neles? O que dizem? Tem texto escrito? Em que idioma?
8. É possível observar pessoas lendo jornais ou revistas? Em que locais elas estão?
9. É possível observar pessoas ouvindo música? Em que locais elas estão?
10. Tem informações em texto disponíveis nos postes ou muros? O que esses textos descrevem? Como eles são? Em que idioma estão escritos?
11. Você sabe em que trabalham as pessoas do bairro?

PISTA D – O BAIRRO E O ACESSO À COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA

1. Temos postes e conexões de fios neste local? Como são? Há diferença entre os locais?
2. As casas possuem antenas de TVs? Quais tipos de antenas?
3. É possível, ao caminhar, conferir se há sinal de internet durante o percurso? O sinal de internet se altera dependendo das localidades? Como podemos observar isso?
4. As pessoas que transitam pela rua estão usando celulares? Caso tenha pessoas com o celular, como elas estão usando os seus aparelhos?
5. É possível observar pessoas fazendo uso de televisão e rádio nos em algum local? O que estão assistindo?
6. Você sabe se existem grupos de WhatsApp ou no Facebook dos moradores do bairro? Como é feita a comunicação entre os moradores?

PISTA E – EQUIPAMENTOS URBANOS

1. Vamos observar quais os meios de transporte circulam pela rua? Durante a caminhada percebemos a passagem de ônibus? Muitos? E o fluxo dos carros é pequeno, médio ou grande?
2. Sobre os ônibus, há pontos de ônibus na rua? Como eles são? Cobertos e tem lugar para sentar? Estão bem conservados?
3. Há pontos de ônibus nas proximidades da rua? Como são? Há pontos de táxi? Ou de vans? Há outros modos de transporte que circulam pela rua? Quais?
4. Vamos observar se na rua ou em suas proximidades há mercados, quitandas, hortifrúteis, bancas ou feiras livres (alimentos frescos)?

OUTRAS PISTAS: Você observou algo mais que deseja registrar?



Apêndice 2

Parte doze

12

APÊNDICE 2 – CARTÓGRAFOS E CARTOGRÁFAS DO 9º ANO B NO BAIRRO TURMALINA

Olá,

Convidamos você para caminhar conosco por algumas ruas do bairro Turmalina. O convite é para que, nessa caminhada, observemos algumas pistas que nos orientarão no percurso e que apresentaremos a seguir. Você pode marcar a existência ou não dessas pistas e anotar com o seu grupo, no espaço em branco, o que desejar. Caminharemos pelas ruas indicadas durante aproximadamente uma hora e depois retornaremos à escola. Você pode combinar com o seu grupo para tirar fotos do que mais chamar a atenção de vocês.

Boa caminhada!

Pesquisa: Conversando com a cidade: cartografias no bairro Turmalina, Governador Valadares - MG: territórios vividos e territórios educativos.

Parceria: E. M. Ivo de Tassis (SMED) Apoio: FAPEMIG

PISTA A - AMBIENTE

1. Você sabe se falta água no bairro? Com qual frequência? A água demora para voltar?
2. Há cursos d'água ou nascente no bairro?
3. Vamos reparar se os cursos de água, ou a rua, recebem água usada (suja que vem das casas, dos estabelecimentos).
4. Vamos reparar se há poças de água nas ruas. Há água suja acumulada em lotes vagos, por exemplo, em pneus?
5. Há lixeiras nas ruas? O lixo está nas lixeiras?
6. Há material a ser reciclado misturado com outros tipos de lixos?

PISTA B – ARTE E CULTURA NO BAIRRO

1. Você observou se na rua há algum sinal de que tem artista morando nela?
2. A rua tem grafitti nos muros, pichação?
3. Tem algum cartaz de propaganda convidando para eventos?
4. Você conhece pessoas que trabalham com arte no bairro?
5. Sabe de alguma festa realizada neste bairro?
6. Tem alguma feira de artesanato por aqui?
7. Tem alguma igreja por aqui? Vamos observá-la, o tipo de construção, qual a denominação religiosa, data da construção, placas e outros sinais de fé, como imagens, cruzes etc.
8. Vocês observaram outdoors na rua? Quais imagens estão neles? O que dizem? Tem texto escrito? Em que idioma?
9. É possível observar pessoas lendo jornais ou revistas? Em que locais elas estão?
10. É possível observar pessoas ouvindo música? Em que locais elas estão?
11. Tem informações em texto disponíveis nos postes ou muros? O que estes textos descrevem? Como eles são? Em que idioma estão escritos?
12. Você sabe em que trabalham as pessoas do bairro?

PISTA C – SAÚDE

1. Você identificou algum local de atendimento à saúde (postos de saúde, clínicas médicas, consultórios odontológicos, farmácias)?
2. Vamos anotar o endereço?
3. Esses espaços são para atendimento público ou particular (é preciso pagar pelo atendimento)?
4. Há cartazes informativos? Vamos fotografá-los?
5. Temos pessoas por perto esperando atendimento?
6. Você ou sua família utiliza desses locais de atendimento? Quais?
7. É possível observar a existência de jardins e/ ou hortas com plantas medicinais nas ruas ou nas casas?
8. Você conhece ou sabe de alguém que atende às pessoas benzendo doenças ou fazendo chás?
9. No aspecto geral de limpeza da rua, você observou alguma coisa que pode ser causa de adoecimento para as pessoas?

PISTA D – ACESSIBILIDADE

1. Vamos conferir se existem rampas de acesso às calçadas ou aos comércios e demais lugares, para cadeirantes, pessoas com carrinhos de bebês, carrinhos de compras, etc.? Comentar se essas pessoas conseguiriam andar com facilidade na rua.

2. Vamos conferir se há buracos nas calçadas, calçamentos irregulares ou escorregadios, cheios de folhas ou flores caídas no chão. Comentar se as pessoas idosas, com bengalas ou andadores, conseguiriam andar com facilidade na rua (calçada) ou mesmo alguém de salto alto?

3. Será que pessoas com dificuldades e/ou deficiência visual conseguiriam se movimentar na rua sem a ajuda de outra pessoa, sem cair em buracos, “trombar” em lixeiras ou postes, vasos de plantas ou árvores?

4. Temos semáforos nos cruzamentos das ruas? Se sim, verificar se há além da sinalização visual, a sonora?

OUTRAS PISTAS: Você observou algo mais que deseja registrar?

SOBRE OS/AS AUTORES/AS

Ana Luiza Martins Pinto (org.)

Estudante do 5º Período do Curso de Design Gráfico da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Integrante do Projeto de Pesquisa: “Conversado com a cidade: Cartografia de territórios educativos em 03 bairros de Governador Valadares”.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6364705837952528>

Andrea Cecilia Moreno (org.)

Pedagoga e Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, com especialização em Docência do Ensino Superior e Educação Especial. Atualmente atua como pedagoga da Diretoria de Educação a Distância da UNIVALE e como pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar Educação Saúde e Direitos – NIESD/UNIVALE, envolvida em estudos e pesquisas sobre Relação com o Saber, educação, Juventude e Território.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5930648927482133>

Alessandra Amaral Ferreira

Pedagoga e Mestre em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Gestora escolar pelo Instituto Mineiro de Educação Superior – IMES. Atua na Secretaria Municipal de Educação -SMED de Governador Valadares.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8018501125415175>

Ana Paula Fioreti Costa

Ana Paula Fioreti Costa, Estudante do 3º Período do Curso de Pedagogia da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Integrante do Projeto de Pesquisa: “Conversado com a cidade: Cartografia de territórios educativos em 03 bairros de Governador Valadares”.

Cristiana Maria de Oliveira Guimarães

Arquiteta e urbanista, Mestra em Arquitetura e Urbanismo e Doutora em Ciências humanas: sociologia e política, com ênfase em planejamento urbano, sendo os três títulos concedidos pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora do Instituto Federal de Minas Gerais campus Governador Valadares, suas pesquisas giram em torno da construção (desenho e representação incluídos) do espaço e do território e a sua interface com outras questões como direito à cidade, patrimônio cultural, democracia social entre outros. Membro do corpo permanente do Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território, da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE – acordo de cooperação realizado entre IFMG/GV e UNIVALE.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8570630303189067>

Cristiane Mendes Netto

Bacharel em Informática pela Universidade Federal de Juiz de Fora –UFJF, Mestra em Ciência da Computação e Doutora em Gestão e Organização do Conhecimento pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Especializada em Educação a Distância pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Rio de Janeiro – SENAC/RJ; em Design Instrucional para EaD Virtual pela Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI. Atua como professora no ensino superior desde o ano de 2001 e atualmente é professora, com atuação nos cursos de graduação e no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território – UNIVALE.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7530542569873879>

Daniel Rômulo de Carvalho Rocha

Doutorando em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo – UNICID. Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Atua como Professor da Rede Estadual de Educação e Inspetor Escolar da Secretaria Municipal de Educação – SMED – de Governador Valadares. Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos – NIESD//UNIVALE.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1824803742520169>

Eloisa Maria Ferreira de Almeida

Pedagoga e Mestra em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE. Professora Alfabetizadora e Pedagoga Escolar da Rede Municipal de Governador Valadares, com formação e orientação de professores. Experiência na área de Educação, com ênfase em Alfabetização e Letramento. Trabalho direcionado à Educação de Jovens e Adultos. Bolsista do Laboratório Cidadão de Ecologia do Adoecimento e Saúde dos Territórios – LEAS, em parceria com a Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, na pesquisa de Ciência cidadã com estudantes de Iniciação Científica da UNIVALE. Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos – NIESD//UNIVALE.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2195628622924644>

Guilherme Rodrigues dos Santos

Pedagogo, Psicopedagogo e Mestrando em Gestão Integrado do Território - GIT/UNIVALE. Pesquisa: Corpos-Territórios de crianças, em situação de trabalho infantil, no lixão do bairro Turmalina em Governador Valadares. Licenciado em Educação Especial.

Especialista em Gênero e Diversidade pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Neuropsicopedagogo, especializado em Educação Especial e Inclusiva pela FAVENI. Atualmente é pedagogo no setor de Gestão Pedagógica da Univale, Coordenador do Curso de Pós-graduação em Educação Especial e inclusiva - UNIVALE e professor nos cursos de pós-graduação.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0374855681794821>

Karla Nascimento de Almeida (org.)

Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo e Mestra em Gestão Integrada do Território (2018) pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Pedagoga pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Atualmente é professora do curso de Pedagogia da UNIVALE, pedagoga do Setor de Gestão Pedagógica e pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos – NIESD/UNIVALE.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5508751851169003>

Maria Celeste Reis Fernandes de Souza (org.)

Pedagoga e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território – UNIVALE. Pesquisadora vinculada aos Grupos de Pesquisa: Grupo de Pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos – UNIVALE; Grupo de Estudos sobre Numeramento – UFMG; Pesquisadora vinculada à Rede de Pesquisas sobre Relação com o Saber - REPERES. Coordenadora da pesquisa: “Conversando com a cidade: cartografia de territórios educativos em 03 bairros de Governador Valadares”.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2703384157059932>

Maria Terezinha Bretas Vilarino

Graduada em Ciências Sociais. Mestra e Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora Assistente da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Atuante no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Gestão Integrada do Território – UNIVALE, e Curso de Pedagogia. Tem experiência na área de educação, ênfase em prática do ensino de História. Atua em projetos de pesquisa sobre história local e regional, e história da saúde pública. Atuou no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Atua na Organização Não Governamental – ONG – Centro Agroecológico Tamanduá – CAT, em Governador Valadares, da qual é socia fundadora.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3726945999922150>

Paula Carvalho da Costa

Estudante do 1º Período do Curso de Psicologia e Pedagogia da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Integrante do Projeto de Pesquisa - Conversado com a cidade: “Cartografia de territórios educativos em 03 bairros de Governador Valadares”.

Renata Bernardes Faria Campos

Licenciada e bacharel em Biologia, Mestra e Doutora em Entomologia pela Universidade Federal de Viçosa – UFV. Tem experiência em docência e pesquisa na área de Ecologia (com ênfase em Ecologia de Comunidades em Matas Ciliares) e Educação (Formação de Professores, Educação Ambiental e Ensino de Ciências). Foi bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado institucional – PNPD no programa de Pós-Graduação em Ecologia de Biomas Tropicais da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação

Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território e pesquisadora no Núcleo de Ciências e Tecnologia da Universidade do Vale do Rio Doce – UNIVALE e está envolvida com projetos ligados à ecologia, ambiente, conflitos socioambientais, natureza e território.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5599178303238933>

Renato Conrado Lopes

Graduado em Geografia, com Licenciatura Plena pela Universidade de Uberaba – UNIUBE. Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE, pesquisando principalmente nos seguintes temas: demografia e população. Tem atuação como professor de Geografia na rede pública de ensino. Experiência em Geografia humana e área ambiental no nível médio.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3953223739514790>

Suely Maria Rodrigues

Professora adjunto do curso de Odontologia e do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE; Cirurgiã-dentista, doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7655838157312171>

Thiago Martins Santos

Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJ. Licenciado em Ciências Biológicas e Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Licenciado em Pedagogia pela Universidade de Uberaba – UFU. Foi professor da Educação Básica, nas redes pública

e privada, e atuou como coordenador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – Pedagogia/Educação Ambiental da UNIVALE. Atualmente é professor auxiliar da UNIVALE e professor colaborador voluntário do Mestrado Profissional em Ensino de Biologia da UFJF – Campus Governador Valadares. Desenvolve trabalhos de ensino, pesquisa e extensão nas seguintes áreas: educação ambiental, educação em ciências e estudos territoriais.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1907699147565032>

Wildma Mesquita Silva

Administradora, Pedagoga. Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa do Núcleo Interdisciplinar Educação Saúde e Direitos – NIESD/UNIVALE. Atua como pedagoga da Diretoria de Educação a Distância e como professora e coordenadora do Curso de Pedagogia da UNIVALE. Os estudos concentram-se no âmbito da Educação; Ensino Superior; Relação com o saber; Aprendizagem significativa e Metodologias Ativas e Criativas.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9153757788307060>

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à equipe da E. M. Ivo de Tassis:

Agradecemos à diretora Silvana de Souza pela abertura e acolhida da proposta de trabalho.

Agradecemos à pedagoga Flávia Nunes Placides pela parceria como nossa interlocutora na escola. A pedagoga nos acompanhou na caminhada e em outros momentos de organização das atividades.

Ao prof. Renato Conrado Lopes, docente de História e Geografia, parceiro em todas as atividades realizadas.

À professora de Língua Portuguesa Adriana Lopes Brasil, que nos apoiou na caminhada e realizou leituras dos capítulos com os estudantes.

À professora de Matemática Denise de Oliveira Soares Pimentel, que nos acompanhou na oficina de ambiente e na caminhada.

À professora de Produção de Textos Estela Magalhães Pereira, que realizou leituras dos capítulos com os estudantes.

Ao Eustáquio Antônio Ribeiro, pelo acompanhamento aos estudantes com necessidades especiais, como Monitor de Apoio à Educação.

PARCERIA

Parceria: E. M. Ivo de Tassis – Secretaria Municipal de Educação de Governador Valadares

APOIO



INSTITUTO FEDERAL
Minas Gerais
Campus Governador Valadares

Cartografar territórios vividos e educativos do bairro Turmalina reuniu estudantes da E. M. Ivo de Tassis, profissionais da escola e pesquisadores/as da Univale com distintas áreas de formação, o que provocou uma multiplicidade de olhares, saberes, práticas que contemplam as diferentes maneiras e possibilidades de produzir narrativas sobre um bairro, por meio de cartografias. Cartografamos arte e cultura, acessibilidade, ambiente, escola, espaços educativos, história, tecnologias digitais e saúde na convicção de que a cartografia é potencializadora da construção de elos entre a escola e o bairro, a escola e a cidade em um movimento dialógico.